



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL**

**HISTÓRIA, CATEQUESES E GÊNERO: UMA ABORDAGEM DOS SENTIDOS DE  
FAMÍLIA, MATERNIDADE E MULHER EM DISCURSOS DA IGREJA CATÓLICA  
(UBERLÂNDIA, 1978-2013)**

**UBERLÂNDIA/MG**

**2014**

**ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL**

**HISTÓRIA, CATEQUESES E GÊNERO: UMA ABORDAGEM DOS SENTIDOS DE  
FAMÍLIA, MATERNIDADE E MULHER EM DISCURSOS DA IGREJA CATÓLICA  
(UBERLÂNDIA, 1978-2013)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de História, como requisito para obtenção do título de Mestra em História, área de concentração História Social, linha de Pesquisa Política e Imaginário.

Aprovada em 25 de julho de 2014.

Orientadora: Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento

**UBERLÂNDIA/MG**

**2014**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

M152h  
2014

Maciel, Adriana Simões Monteiro, 1986-  
História, catequeses e gênero: uma abordagem dos sentidos de família,  
maternidade e mulher em discursos da Igreja Católica (Uberlândia, 1978-  
2013) / Adriana Simões Monteiro Maciel. -- 2014.  
123 f.

Orientadora: Mara Regina do Nascimento.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Igreja Católica – Uberlândia (MG) - História -  
Teses. 3. Catequese - Igreja Católica - Teses. I. Nascimento, Mara Regina  
do. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação  
em História. III. Título.

1.  
CDU: 930

---

**ADRIANA SIMÕES MONTEIRO MACIEL**

**HISTÓRIA, CATEQUESES E GÊNERO: UMA ABORDAGEM DOS SENTIDOS DE  
FAMÍLIA, MATERNIDADE E MULHER EM DISCURSOS DA IGREJA CATÓLICA  
(UBERLÂNDIA, 1978-2013)**

Uberlândia, 25 de julho de 2014.

Banca Examinadora:

---

Profa. Dra. Mara Regina do Nascimento

---

Profa. Dra. Sandra Duarte de Souza

---

Profa. Dra. Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus: “Nos antigos tratados de filosofia e teologia, Deus sempre foi considerado um Ser puro espírito, ou seja, um ser imaterial e não sexuado” (GEBARA, 2007, p. 27). Com essa certeza valorizamos mulheres e homens, independentemente do sexo e, principalmente, não colocando o masculino em posição de superioridade em relação ao feminino, mas no mesmo nível de igualdade.

Agradeço à minha família, mãe, pai e irmãos, que sempre se mostrou interessada em meus estudos, contribuindo para minhas conquistas e novos desafios. Ao meu marido, Winds, por seu companheirismo, amor, paciência e incentivo cada vez que o trabalho se tornava pesado e dificultoso.

A todas as pessoas e instituições que possibilitaram de forma direta ou indireta a conclusão desta pesquisa, especialmente às mulheres católicas, catequistas, ministras, coordenadoras de pastorais, freiras, teólogas, leigas, enfim, a todas as mulheres da Diocese de Uberlândia, que colaboraram com as reflexões presentes nesta dissertação.

À minha orientadora, professora Mara Regina do Nascimento, que com sua paciência e dedicação pode tornar este texto mais produtivo e crítico para a pesquisa histórica. Aos professores Maria Elizabeth Ribeiro Carneiro e João Marcos Alem, que compuseram a banca de qualificação e fizeram significativas sugestões e apontamentos para o texto desta dissertação. Em especial à professora Maria Elizabeth, pela disponibilidade e atenção despendidas ao longo da escrita deste trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, que sempre estiveram atentos e interessados, apoiando-me a trilhar caminhos não tão seguros, mas prazerosos.

Aos colegas de aula com quem partilhei estudos, leituras, amizades, risadas e nervosismos.

Aos funcionários do Instituto de História, que sempre me trataram com gentileza e cordialidade.

## RESUMO

A presente pesquisa propôs a analisar as representações de família, casamento, maternidade e mulher no discurso da Igreja Católica, tomando por base as cartas apostólicas e encíclicas, catecismo da Igreja Católica, catequeses sobre o amor humano, produzidas no pontificado de João Paulo II. Por intermédio de outras fontes documentais escritas e inspiradas pelo Concílio Vaticano II, entre elas o informativo *O Vagalume* e *Diretrizes para a Catequese da Diocese de Uberlândia*, fontes analisadas observamos a realidade da cidade de Uberlândia. Com o auxílio de referências teórico-metodológicas que tratam do imaginário social, representações sociais e de gênero, analisa-se as práticas da catequese, considerando-se a relação entre os textos da doutrina e as práticas religiosas das mulheres católicas inseridas nesse campo religioso. A categoria gênero é utilizada para percebermos como as representações sociais são construídas e engendradas dentro da esfera religiosa, mas também para observarmos os desvios de algumas mulheres católicas em relação à norma ditada pela Igreja. A proposta deste trabalho é problematizar o fato de que mulheres que se classificam como católicas e praticantes apresentam em determinadas situações tensões, diferenças de concepções em relação à doutrina e às diretrizes para a prática católica. A Teologia Feminista em conjunto com a categoria gênero se apresenta como um movimento dentro e fora da Igreja, constatando-se posturas e práticas religiosas adversas às normas católicas. Procura-se, assim, evidenciar o caráter histórico, das práticas das mulheres, particularidades no âmbito da religião católica, demonstrando multiplicidade de poderes, embora seja exercido de forma discreta, está presente dentro da Igreja.

**Palavras-chave:** História. Igreja Católica. Catequeses. Gênero. Mulheres. Uberlândia.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the representations of family, marriage, motherhood and women in Catholic Church's discourse, based on the apostolic and encyclicals letters, Catholic Church's Catechism, catechesis on human love, produced in the pontificate of João Paulo II. Through other written documentary sources and inspired by Vatican II, including the informative *O Vagalume* and *Diretrizes para a Catequese da Diocese de Uberlândia*, analyzed sources observe the reality of Uberlândia city. With the aid of theoretical and methodological references that address the social imaginary, social representations and gender, we analyze the practices of catechesis, considering the relationship between the texts of doctrine and religious practices of Catholic women entered this religious field. The gender category is used to realize how social representations are constructed and engineered into the religious sphere, but also to observe the deviations of some Catholic women to the standard dictated by the Church. The purpose of this paper is to discuss the fact that women who classify themselves as Catholic and practitioners present tensions in certain situations, different views regarding the doctrine and guidelines for Catholic practice. Feminist Theology in conjunction with the gender category is presented as a movement within and outside the Church, we noted the adverse attitudes and religious practices of Catholic norms. An attempt is thus highlight the historical, Women practices, particularities within the Catholic character, demonstrating multiplicity of powers, although exercised discreetly, is present within the Church.

**Keywords:** History. Catholic Church. Catechesis. Gender. Women. Uberlândia.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CIC – Catecismo da Igreja Católica

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

DNC – Diretório Nacional de Catequese

Celam – Conselho Episcopal Latino-Americano

Decat – Departamento de Catequese

Ispac– Instituto Superior de Pastoral Catequética

CR – Catequese Renovada

ONU – Organização das Nações Unidas

MFC – Movimento Familiar Cristão



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PRÁTICAS DE EVANGELIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES DA CONJUGALIDADE: ENTRE OS DISCURSOS DA NORMA E OS SILÊNCIOS DOS DESVIOS.....	21
1.1 A IGREJA CATÓLICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA .....	22
1.2 IGREJA CATÓLICA CONTEXTUALIZADA: HISTÓRIA E REALIDADE.....	25
1.3 A IGREJA CATÓLICA EM UBERLÂNDIA NAS DÉCADAS DE 80 E 90.....	31
1.4 MOVIMENTO CATEQUÉTICO NO BRASIL E EM UBERLÂNDIA.....	34
1.5 FAMÍLIA, MATERNIDADE E MULHERES NAS LINHAS DE “O VAGALUME” .....	37
1.6 O CATÓLICO E O CATÓLICO PRATICANTE .....	43
1.7 A CATEQUISTA ENTRE VOZES E SILÊNCIOS .....	45
2 REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO FEMININO EM DOCUMENTOS ECLESIÁSTICOS .....	51
2.1 A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CINCO CARTAS E NO CATECISMO .....	53
2.2 DIRETRIZES PARA OS CATEQUISTAS NOS MANUAIS .....	70
2.3 CATEQUESES E O “AMOR HUMANO”, SEGUNDO JOÃO PAULO II .....	76
3 IGREJA CATÓLICA NO PONTIFICADO DE JOÃO PAULO II: DISCURSOS, FEMINISMOS E TEOLOGIA EM MOVIMENTO .....	84
3.1 FEMINISMO OU MULHERES COMO SUJEITOS HISTÓRICOS.....	84
3.2 ENTRECRUZANDO GÊNERO E RELIGIÃO .....	91
3.3 TEOLOGIA FEMINISTA .....	93
3.4 TEOLOGIA FEMINISTA E CATEQUESE.....	97
3.5 CATEQUESE: ESPAÇO DE ATUAÇÃO DAS MULHERES.....	100
CONCLUSÃO.....	106
FONTES .....	111
REFERÊNCIAS.....	113
ANEXO A – FOLDER DA ESCOLA CATEQUÉTICA .....	118
ANEXO B – REVISTA O VAGALUME – FEVEREIRO DE 2013.....	119
ANEXO C – REVISTA O VAGALUME – NOVEMBRO DE 2013.....	120
ANEXO D – REVISTA O VAGALUME – JUNHO DE 2012 .....	121
ANEXO E – REVISTA O VAGALUME – NOVEMBRO DE 2012.....	122
ANEXO F – REVISTA O VAGALUME – OUTUBRO DE 2012.....	123
ANEXO G – REVISTA O VAGALUME – JANEIRO DE 2012.....	124

## INTRODUÇÃO

Na segunda semana do mês de novembro de 2013, alguns jornais de circulação no exterior<sup>1</sup> noticiaram com destaque que o papa Francisco havia lançado um questionário<sup>2</sup> endereçado às bases da Igreja. Esse questionário, composto, por 39 perguntas que giravam em torno de dilemas contemporâneos sobre a família moderna, deveria ser respondido pelos bispos do mundo inteiro. Visando aos preparativos do Sínodo da Família, que acontecerá em outubro de 2014, com o tema “Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização”, o atual pontífice pedia aos seus bispos que promovessem o debate em seus bispados e paróquias sobre três questões: os casamentos homossexuais, o divórcio e a promoção da natalidade.

A proposição da Instituição com o questionário foi assim resumida por um jornal português:

### CASAMENTO

Homossexualidade. Uma das questões sobre o tema é a de “No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé?”

### DIVÓRCIO

Recasados ou divorciados. Outro dos “problemas” da Igreja. “Os separados e divorciados recasados constituem uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Como se enfrenta esta realidade, através de programas pastorais?”, pergunta-se.

### NATALIDADE

Promoção. “Como promover uma mentalidade mais aberta à natalidade? Como favorecer o aumento dos nascimentos?” É uma das questões que o Vaticano coloca às bases da Igreja no que à natalidade diz respeito (ROBALO, 2013, p. 14, destaque do autor).

Diante dessa notícia, percebemos que questões que permeiam o contexto familiar são centrais para a Igreja Católica. Assim, buscando problematizar assuntos de extrema atualidade e importância e lançando luz sobre eles, nesta pesquisa propomos refletir sobre a relação entre história, religião e gênero, uma vez que tais temas parecem abrigar tensões e conflitos no interior da Igreja e da sociedade brasileira.

Para tentar compreender essas questões familiares inseridas no contexto religioso, iremos nos pautar pelas representações sociais e pelo imaginário social construídos em

<sup>1</sup> Jornal Diário de Notícias, Lisboa, terça-feira, 12 de novembro de 2013, Ano 149, nº 52808.

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.ecclesia.pt/pdf/SinodoBispos2014\\_DocumentoPreparatorio.pdf](http://www.ecclesia.pt/pdf/SinodoBispos2014_DocumentoPreparatorio.pdf), acesso em 29/07/2014.

temporalidades e espaços diferenciados, mas que nos falam das tramas sociais de uma determinada realidade. O ser humano inserido no mundo não é um ser neutro, mas tem vontades, sentimentos, desejos e decisões, portanto as representações sociais servem de guia social. Para entender as representações sociais compartilhamos da perspectiva da professora Denise Jodelet (2001) que nos apresenta a definição de representações sociais:

orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos acontecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expansão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p. 22).

Sob esse olhar, as representações sociais permitem perceber jogos de poderes e interesses e, como tal, tornam-se um campo profícuo de estudo que utilizaremos para pensar representações que circulam do campo religioso, o que nos possibilitará problematizar as diretrizes católicas direcionadas às mulheres. Nosso alvo é tentar entender os discursos que estão contidos nos documentos eclesiais que abordam a nossa temática, para buscar perceber as implicações no imaginário social.

O pensador polonês Bronislaw Baczko (1985), aponta em sua obra *A Imaginação Social* que:

nenhuma relação social e, por maioria da razão, nenhuma instituição política são possíveis sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem. O princípio que leva o homem a agir é o “coração”, são as suas paixões e os seus desejos. A imaginação é a faculdade específica em cujo lume as paixões se acendem, sendo a ela, precisamente, que se dirige a linguagem “enérgica” dos símbolos e dos emblemas (BACZKO, 1985, p. 301, destaque do autor).

As representações sociais nos permitem identificar algo com base nas impressões deixadas por meio de registros e discursos, porém elas não estão soltas e sem um fundamento na realidade das pessoas, mas exigem um processo de reconhecimento e percepção. Apesar de não reproduzirem uma cópia idêntica do fato, acontecimento ou personagem, ao menos permitem uma aproximação do objeto em foco. Portanto, o imaginário social e as representações sociais estão entrelaçados, um complementando o outro. Podemos até dizer que estes não diferem ou que um não existe sem o outro.

Acreditamos que os documentos eclesiais selecionados para esta pesquisa foram produzidos para que a Igreja Católica pudesse dar uma resposta à sociedade em relação aos

acontecimentos das décadas de 80 e 90, especificamente em relação a um modelo fixo de mulher, uma vez que, quando uma coletividade se sente ameaçada, há uma mobilização para combater essa força externa. Nesse sentido, “o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas numa linguagem” (BACZKO, 1985, p. 311, destaque do autor).

O imaginário social atua como veículo dos desejos e anseios dos sujeitos que estão inseridos em uma instituição e colabora para que uma coletividade se reconheça como um grupo, ou seja, para que tenha uma identidade. Segundo a historiadora Sandra Jatathy Pesavento (2005),

o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito (PESAVENTO, 2005, p. 43).

Iremos abordar as representações sociais construídas acerca das mulheres católicas da década de 80 e 90 e estabelecer um paralelo com as mulheres católicas inseridas na Diocese de Uberlândia, tentando compreender coesões, conflitos que se exprimem no imaginário social religioso no período da contemporaneidade. Por isso, ambos os termos irão permear toda a nossa pesquisa. Para tal, iremos nos pautar em discursos e símbolos que possibilitam identificar o percurso dessas representações sociais. “O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 15).

Essas representações sociais têm como meio de circulação e de produção a cultura, especificamente os valores e modelos divulgados pelas instituições sociais. Além disso, podemos concluir que as representações sociais demonstram a forma de pensamento de um determinado grupo em relação à sociedade, visto que sobrevivem mediante os modelos sociais que acabam sendo fixados na memória das pessoas. Quanto à questão da memória, a Igreja Católica é bem enfática, pois a todo o momento, seja na liturgia, na catequese ou em outras ocasiões, há a referência a um modelo originário de família e a seus valores. A Igreja em seus documentos busca enfatizar o modelo de “família cristã”, o modelo de “mulher católica”, com o objetivo de garantir uma preservação de uma doutrina e uma moral social.

Com essa intenção de manutenção, a Igreja reforça os discursos e os modelos sociais para que as práticas estejam de acordo com as regras que ela dita; as normas da Igreja servem como um guia para que as pessoas direcionem suas ações e condutas. Ana Livia Vieira

Rodrigues (2007) em sua obra *Vozes Divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica – (1978-2005)* nos apresenta um exemplo:

No final do século XX, a Igreja repetiu na encíclica *A mãe do Redentor* que a morte veio por Eva e essa figura representa no imaginário popular não toda a humanidade, mas a sua parcela feminina, isto é, reafirmar a mulher como o mal, diferente de dizer que ela enquanto ser humano também pode errar ou cometer o mal; nela, está no ser. Reafirmar esse tipo de leitura do mito é reiterar para as novas gerações a visão da mulher como a pecadora e, por isso, deve ser punida, é alimentar continuamente [...] o patriarcado na Igreja e na sociedade (RODRIGUES, 2007, p. 12).

Nesse sentido, a relação entre religião e gênero pode suscitar inúmeras discussões, por isso, como historiadora e catequista ativa dentro da Igreja Católica de Uberlândia, comecei a refletir sobre os discursos oficiais e como estes modelam e dão sentido a determinados comportamentos dos fiéis, sobretudo aqueles que abordam a temática das mulheres.

O diálogo entre gênero e religião no campo da história possibilita compreender como esses discursos são construídos e como estão arraigados na vida cotidiana das mulheres, uma vez que, para o professor de filosofia Dalmi Alves Alcântara, a

religião, em muitos casos, é bastante eficiente em seu papel de naturalizar as ideologias objetivadas, de forma que venham a fazer com que o ser humano veja na ação humana a ação divina, ou seja, Deus “está” legitimando no momento exato da criação até mesmo antes – pela legitimação dos papéis sociais – legitima os seus intermediários no processo criador. Assim, espera-se que o homem e a mulher desempenhem exatamente os papéis sociais que têm sido legitimados culturalmente. Qualquer ação diferente da esperada tanto pode ser legitimada quanto punida. A punição geralmente acontece em casos de atitudes novas, inesperadas ou ilícitas (ALCÂNTARA, 2002, p. 78, destaque do autor).

Trabalhar com “gênero” como categoria de análise histórica permite desconstruir esses discursos prontos e tidos como verdades. Para Joan Scott (1990),

o termo “gênero” faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes, para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens (SCOTT, 1990, p. 85, destaque do autor).

Ao utilizarmos essa categoria, devemos compreender as relações sociais e como estas nos permitem entender as diferenças entre os sexos. Para tanto, ocupar-nos-emos de Scott (1990), Teresa de Lauretis (1994) e Butler (2003) para compreender a categoria de gênero.

Nessa tentativa de entender esse sistema de relações sociais, é necessário identificar os significados culturais que as representações sociais desencadeiam. O importante é compreender como e onde essas representações sociais são solicitadas, perceber os conceitos normativos que fazem parte do contexto estudado, identificar as posições normativas e a identidade subjetiva dos sujeitos. O gênero é um campo primário onde o poder é articulado.

Durante minha formação como catequista, deparei-me inúmeras vezes com trechos bíblicos e documentos contemporâneos produzidos por lideranças católicas que afirmam que o papel da mulher é o de ser boa esposa, mãe zelosa e cuidadora do lar. Nesse sentido, Maria é um ícone, produzido e reproduzido constantemente, pois há a necessidade de reafirmar seu valor como uma mulher perfeita que, sem hesitar, aceitou a missão de ser mãe sem pecado.

Em oposição à Maria, opera a personagem bíblica Eva, que carrega a desobediência e a culpa pela entrada do pecado no mundo. A desobediência de Eva está relatada no livro bíblico *Gênesis*, cuja trama principal conta como a serpente a seduziu e a convenceu a comer o fruto proibido por Deus. Nessa relação entre Eva e Maria, construída e disseminada/propagada pela Igreja, há também a diferenciação dos atributos de cada personagem e a divulgação de suas imagens exemplares. Eva, a pecadora, a corrupta, a responsável por levar o mundo à escuridão e, por contraste, Maria, a santa, aquela que traz a luz à humanidade, que vem ensinar como devemos nos purificar do pecado.

O discurso moralizante por parte da Igreja Católica sobre o feminino se pauta na perspectiva binária Eva/Maria, a qual reforça a necessidade das mulheres de se espelharem no modelo de Maria, visto que Eva representa a natureza pecadora dos seres humanos, ou seja, o desvio a ser recusado, rejeitado, excluído e condenado.

Eva é tida como exemplo daquilo que não é bom aos olhos do Criador, enquanto Maria é totalmente perfeita em sua participação na história da salvação da humanidade. Esses ícones são muitos fortes na tradição cristã, foram construídos não por acaso, pois os discursos religiosos têm como referência principal essas duas mulheres e é com base nesses dois exemplos que a Igreja constrói seus discursos acerca dos valores e das condutas a serem seguidas pelas mulheres na contemporaneidade.

Entretanto, trabalhando como catequista, percebi que o padrão ditado pela Igreja muitas vezes não encontra ressonância no vivido, o que me instigou a compreender a dinâmica que existe entre o discurso oficial e a experiência, entre o prescrito e o vivido. Essa dinâmica permite enxergar as tramas que existem nesse meio, sendo que muitas mulheres não seguem à risca tais normas, sem, entretanto, deixarem de se submeter à doutrina católica.

O tema desta pesquisa, *História, catequeses e gênero: uma abordagem dos sentidos de família, maternidade e mulher em discursos da Igreja Católica (Uberlândia, 1978-2013)*, tem como objetivo analisar criticamente, à luz das teorias de gênero, o que dizem os discursos oficiais da Igreja, especificamente documentos, em sua maioria elaborados durante o pontificado do papa João Paulo II (1978-2005), sobre o feminino, as obrigações, os comportamentos e as formas ideais de obediência à doutrina.

A pesquisa situa-se entre os anos de 1978 a 2013, período inserido no pontificado de João Paulo II (1978-2005), conforme já dito, e dá maior ênfase às décadas de 80 e 90 do século XX, quando houve uma grande confecção de documentos por parte do papa em relação à temática das mulheres, tendo como foco as primeiras décadas do século XXI, trazendo ainda os documentos escritos pela filósofa, teóloga e freira Ivone Gebara em oposição ao pensamento do referido papa. Utilizamos fontes que abrangem os anos de 2005, 2012 e 2013, como o informativo *O Vagalume, Diretrizes para a Catequese da Diocese de Uberlândia* e o *Diretório Nacional de Catequese*.

Na busca por compreender o pensamento oficial, ou seja, o prescrito pela Igreja Católica em relação aos comportamentos vividos, encarnados, foi realizada uma leitura sistemática dos documentos escritos pelo papa João Paulo II e também de outras fontes que foram inseridas na pesquisa, para podermos perceber a eficácia ou não desses discursos do papa na sociedade, quer dizer, para analisar as tensões que emergem entre uma norma institucional reiterada e outras representações e práticas sociais com ela conflitantes.

De maneira geral, nesse discurso, as mulheres são reportadas quase, se não exclusivamente, ao espaço da família, como se na realidade elas não ocupassem ou buscassem outras atividades e espaço de ação que fugisse ao padrão divulgado pela Igreja.

Os documentos eclesiais são de várias modalidades, podendo ser cartas, discursos, exortações, decretos e pregações. Para esta pesquisa, selecionamos como fontes as cartas, o catecismo, um manual para o catequista, diretrizes para a catequese, o *Diretório Nacional de Catequese*, a revista *O Vagalume* e as catequeses do papa.

A saber, dentro da modalidade das cartas, temos dois tipos: as apostólicas e as encíclicas. Encíclica,

do grego ‘egkuklios’ (circular) é um termo que remonta aos primeiros tempos do cristianismo – século IV – e designava as cartas trocadas entre bispos e arcebispos. Atualmente, uma encíclica é um dos vários documentos oficiais utilizados pelos papas direcionados à hierarquia da Igreja Católica e aos fiéis de todo o mundo (MARGOLINER, 2009, p. 35, destaque do autor).

Assim, a encíclica tem um caráter doutrinal, cujo objetivo é transmitir e ensinar os dogmas católicos a toda a comunidade católica. As encíclicas são um meio de comunicação entre o papa e o clero do mundo inteiro. Com base nos ensinamentos das encíclicas é que as lideranças locais podem orientar seus fiéis. Não menos importantes, as apostólicas são documentos não tão solenes como as encíclicas, sendo de fácil compreensão, pois direcionadas a todos, bispos, padres, religiosas e leigas. Diante disso, percebemos que as igrejas presente em cada país dependem da Igreja Romana, ou seja, a Igreja Católica no Brasil não vive separadamente da autoridade papal.

Escolhemos como recorte metodológico a análise de cinco cartas, apostólicas e encíclicas, que abordam a temática da mulher em um determinado período (1978-2005), que compreende o pontificado do papa João Paulo II. Temos ciência de que outros papas também se dedicaram a tratar do feminino no universo católico, como Pio XI, Bento VI e João XXIII, no entanto optamos por cartas escritas por João Paulo II por entender que estas são ainda referenciais para discussões que enfocam tal temática. Escolhemos essas fontes documentais, pois estas apresentam um conteúdo relevante para estudarmos representações do feminino dentro do contexto religioso ainda bem recente.

As cartas visam a orientar as pessoas sobre determinado assunto, por isso cada uma menciona uma temática específica, ou temáticas que estão em paralelo, como é o caso da família e do matrimônio, abordados numa mesma carta. Todas as cartas selecionadas para esta pesquisa encontram-se disponíveis na íntegra no *site* do Vaticano.<sup>3</sup>

As cartas em questão estão conectadas por um fio condutor, referindo-se ao feminino, ou seja, à família e ao matrimônio, espaços que são referências para a mulher no mundo. Diante disso, buscaremos estabelecer relação entre estas para compreendemos o pensamento religioso da doutrina católica na realidade contemporânea.

Da mesma forma que escolhemos as cartas encíclicas, de caráter doutrinal, também escolhemos analisar alguns conceitos<sup>4</sup> presentes no Catecismo da Igreja Católica, pois este é uma fonte primária, elaborada durante o pontificado de João Paulo II e que permite estabelecer uma ponte de ligação entre ele e as cartas. Toda a doutrina católica, os dogmas e as regras estão reunidos no Catecismo, cujo objetivo é orientar os católicos em sua vivência cristã.

---

<sup>3</sup> [www.vatican.va](http://www.vatican.va)

<sup>4</sup> Dentre os principais: mulher, homem, sexualidade, matrimônio, família, igreja, feminino, masculino, virgindade, maternidade, Maria.



O Catecismo foi pensado para atender a uma Igreja inteira, ou seja, a Igreja Católica presente em todo o mundo, imersa numa diversidade de culturas. No Catecismo predominam os ideais de uma igreja oficial, mas que também abarcam a pluralidade destas.

Sabendo das diferenças culturais, o pontífice recomenda a elaboração de catecismos locais, que visam atender às particularidades de cada cultura. Para percebermos a eficácia que o Catecismo da Igreja Católica (CIC) tem, iremos analisar um manual intitulado *Manual do Catequista*, do padre Flávio Jorge Miguel Júnior, que também será nossa fonte de pesquisa. Nesse Manual, o CIC está presente em todas as orientações direcionadas aos catequistas. Nesse sentido, o *Manual do Catequista* atende ao pedido do papa, pois foi elaborado tendo como base o CIC e pensado para uma realidade mais próxima da catequese das igrejas locais, não trazendo apenas a doutrina católica, mas a metodologia a ser aplicada em cada etapa da catequese.

Ambos os documentos – o CIC e o *Manual do Catequista* – foram elaborados e direcionados ao grupo de catequistas responsável pela educação da fé católica. No entanto, o CIC é um texto direcionado também aos leigos, sendo uma catequese continuada, ou seja, um manual de dogmas e regras para os fieis. Nas palavras de João Paulo II (2000),

O presente Catecismo é destinado principalmente aos responsáveis pela catequese: em primeiro lugar aos Bispos, como doutores da fé e pastores da Igreja. É oferecido a eles como instrumento no cumprimento de seu ofício de ensinar o Povo de Deus. Por meio dos Bispos, ele se destina aos redatores de catecismos, aos presbíteros e aos catequistas. Será também útil para a leitura de todos os demais fiéis cristãos (JOÃO PAULO II, 2000, p.15-16).

Metodologicamente, partindo da maior obra do papa João Paulo II – *Homem e mulher o criou: catequese sobre o amor humano*, realizamos a leitura sistemática de todas as catequese escritas pelo papa e elaboramos uma tabela com os conceitos-chave dessa obra, assim como o fizemos com as demais fontes documentais. Cada catequese era um discurso ministrado pelo pontífice às quartas-feiras, tendo levado mais de quatro anos para serem elaboradas. Buscamos identificar alguns conceitos que estavam presentes nas fontes e como estes eram desenvolvidos pelo papa, para, em seguida, fazermos nossa análise.

No primeiro capítulo, **Práticas de evangelização e representações da conjugalidade: entre os discursos da norma e os silêncios dos desvios**, nosso intuito foi conhecer a participação das mulheres católicas na realidade da cidade de Uberlândia. Para isso, pautamo-nos em observações feitas na escola de formação catequética do informativo *O*

*Vagalume* e no *site* oficial da Diocese de Uberlândia<sup>5</sup>, que comprovam a participação destas. Para perceber o imaginário social dessa realidade expresso nos discursos, analisamos o informativo produzido por uma equipe de “Evangelização do Diálogo Conjugal” constituída por casais católicos cujo objetivo principal era o de evangelizar as famílias.

Tal informativo está disponível em meio eletrônico e suas edições, atuais ou mais antigas, podem ser acessadas por qualquer católico. “O Diálogo Conjugal” é um movimento orquestrado por casais católicos da cidade de Uberlândia cuja finalidade é a de

ajudar as famílias a edificar suas casas e seus lares sobre a rocha. Graças a Trindade Santa, à colaboração do nosso diretor espiritual e à contribuição de palestrantes e equipes, tem o movimento conseguido fazer maravilhas nas vidas dos casais e jovens. Pode-se afirmar, com certeza, que muitas famílias foram transformadas, muitos valores esquecidos foram resgatados. Muitas pessoas que se encontravam distantes de Deus se reaproximaram novamente (DIÁLOGO CONJUGAL, 2003, p. 17).

Intitulamos o segundo capítulo de **Representações da mulher e do feminino em documentos eclesiais**. Nossa finalidade neste foi fazer uma análise sistemática das fontes documentais selecionadas para esta pesquisa. Em um primeiro momento, direcionamos o foco da análise para cinco cartas escritas por João Paulo II e para o Catecismo, pensando como fio condutor a questão da mulher. Com base nesses documentos, tentamos identificar representações do feminino da Igreja Católica que se pretende hegemônica em relação às mulheres.

Nesse capítulo utilizamos conceitos citados anteriormente, com o objetivo de detectar, reconhecer e analisar as representações presentes nessas cartas em paralelo com as outras fontes. De maneira geral, escolhemos os seguintes conceitos-chave que são reiterados nas fontes: feminino, masculino, homem, mulher, sexualidade, família, Igreja. É sabido que ao analisar um conceito, outro estará conjuntamente ligado, como, por exemplo, o binômio mulher-homem, portanto nossa análise compõe um conjunto ou um sistema de conceitos, pois estes não são isolados e muito menos podem ser compreendidos separadamente.

Ainda nesse capítulo, buscamos identificar as diretrizes que direcionam os ensinamentos dos catequistas que atuam na atualidade. Para isso, partimos da análise do *Manual do Catequista*, de autoria do Padre Flávio Jorge Miguel Júnior, cuja base para elaboração foi o Catecismo da Igreja Católica. Diante disso, como havíamos abordado, tal Manual atende a uma exigência que o Catecismo propõe.

---

<sup>5</sup> [www.elodafe.com](http://www.elodafe.com).

Por sua própria finalidade, este Catecismo não se propõe realizar as adaptações da exposição e dos métodos catequéticos exigidos pelas diferenças de culturas, de idades, de maturidade espiritual, de situações sociais e eclesiais daqueles a quem a catequese é dirigida (JOÃO PAULO II, 2000, p. 18).

O pontífice reconhece que o Catecismo não atende às exigências de várias culturas e serve apenas como uma instrução geral para aqueles que estão à frente das comunidades locais e regionais. Para atender às necessidades de cada região é necessário que se elabore compêndios ou manuais que auxiliem os catequistas em suas atividades educativas.

O Catecismo ainda é um dos principais instrumentos da catequese recomendados aos catequistas, mesmo que haja outros documentos para a prática catequética. De acordo com minha experiência como catequista pertencente à Diocese de Uberlândia, destaco um curso de formação de que os catequistas da referida diocese participaram, no dia 19/10/2013, no Santuário de Nossa Senhora Aparecida, em Uberlândia. Nesse curso tivemos uma palestra denominada: “Limites e vantagens do Catecismo da Igreja Católica”. Os problemas apontados foram os que se referiam à linguagem doutrinal do Catecismo, uma vez que a catequese não é apenas o ensinamento da doutrina, ou seja, não deve utilizar apenas a linguagem doutrinal com as crianças. O catequista deve ter consciência de que o catecismo é apenas um meio, um instrumento de ensinamento da doutrina católica.

Outro problema apontado no Catecismo é a falta de metodologias para as catequistas, por isso há a necessidade dos manuais locais de apresentarem essas metodologias para auxiliar o trabalho dos catequistas. Diante dessa observação, realizada no curso de formação de catequistas, notamos que o próprio grupo enxerga essas lacunas do Catecismo.

É interessante destacar que o curso foi ministrado por dois diáconos provisórios, enquanto a maioria do público era composta por mulheres. A instrução da fé, a interpretação desta fica a cargo de homens, pois somente estes são autoridades reconhecidas no contexto religioso, enquanto os catequistas são ouvintes e futuros propagadores desse discurso.

A coletânea de João Paulo II, *Homem e mulher o criou: catequese sobre o amor humano*, foi a maior obra do papa, no entanto ela é pouco reconhecida no meio teológico. Sua estrutura apresenta uma totalidade de 129 discursos, que foram organizados de forma a receber esse título. Digamos que o conteúdo da coletânea é distante da vida real das pessoas e, sob essa perspectiva, ressoa a posição de Comblin (2002), ao lamentar que

A nossa tristeza aumenta quando assistimos ao espetáculo da ilusão de que se pode evangelizar o mundo atual com o mesmo discurso, os mesmos

gestos, os mesmos ritos e meios de expressão de outrora, acrescentando apenas o uso das novas tecnologias da comunicação (COMBLIN, 2002, p.8).

O terceiro capítulo, **A Igreja Católica no pontificado de João Paulo II: discursos, feminismos e teologia em movimento**, tem por objetivo definir, qual Igreja Católica, entre tantas, estamos abordando, uma vez que esta possui uma multiplicidade de pensamentos dentro da sua organização. Temos consciência de que a Igreja é uma instituição plural em suas posições e tomada de decisões, sabemos que há embates internos dentro da sua estrutura. Para tanto, identificamos um tema específico, no caso, o feminino, inserido em uma temporalidade específica, período que compreende o pontificado de João Paulo II (1978-2005).

Ressaltamos a relação entre religião e gênero, pois ao entrecruzar os dois campos podemos dizer muito a respeito dos dilemas e problemas das mulheres na contemporaneidade. A religião é um campo muito fértil para se pensar em muitas temáticas que compõem a sociedade, pois nela percebemos as tramas sociais, uma vez que a maioria dos sujeitos possui uma crença e, nesse sentido, podemos compreender os conflitos que fazem parte dessa realidade. Nesta conjuntura a professora doutora em ciências da religião Sandra Duarte de Souza nos ajuda a compreender este sistema.

A religião é, antes de tudo, uma construção sócio-cultural. Portanto, discutir religião é discutir transformações sociais, relações de poder, de classe, de gênero, de raça/etnia; é adentrar num complexo sistema de trocas simbólicas, de jogos de interesse, na dinâmica da oferta e da procura; é deparar-se com um sistema sócio-cultural permanentemente redesenhado que permanentemente redesenha as sociedades (SOUZA, 2006, p. 8).

Para compreender a dinâmica que abarca gênero e religião fizemos uma análise histórica do movimento feminista, pois este nos conta a trajetória de muitas líderes religiosas que lutaram por igualdade dentro da Igreja Católica. Destacamos a Teologia Feminista, nascida com base em um movimento ocorrido dentro e fora da Igreja, em que se pensou mulheres diretamente na relação com os dogmas e crenças que a instituição construiu e vem reafirmando na sociedade contemporânea, mesmo que as mulheres da atualidade se recusem a segui-la.

Na perspectiva de Ribeiro (1998, p. 169), a Teologia Feminista tem uma tarefa singular na contemporaneidade: “a Teologia Feminista aparece neste contexto e aponta Mulher-igreja como o centro hermenêutico da interpretação bíblico-feminista, isto é, para uma nova releitura em chaves feministas, a partir da perspectiva da mulher”. A teologia feminista é

uma força exercida dentro e fora da igreja Católica, buscando desconstruir discursos de cunho patriarcal.

Disposta em três capítulos, esta pesquisa busca contribuir com um debate não muito fácil de ser traçado. Nossa intenção é a de ir tramando, trançando os pontos de um bordado cheio de nós, cores e tipos diferentes de fios. Esperamos que nosso tear se constitua numa boa narrativa.

# 1 PRÁTICAS DE EVANGELIZAÇÃO E REPRESENTAÇÕES DA CONJUGALIDADE: ENTRE OS DISCURSOS DA NORMA E OS SILÊNCIOS DOS DESVIOS

A grande missão da Igreja é evangelizar. Ela deve dar testemunho, pela palavra e pela ação, do grande amor de Deus que se revelou em Jesus Cristo para realizar a salvação de todos. Salvação é vida, vida plena para a humanidade, é felicidade, paz e harmonia, é sentir-se amado por Deus; é conversão e perdão, é amor entre os homens, filhos do mesmo Pai; é libertação de tudo que oprime o ser humano, antecipando assim a plenitude da vida no eterno abraço de Deus. [...] A catequese é a educação da fé. Educação, porque é processo permanente de amadurecimento da fé (MOURA, 2002, p. 5).

Entre os discursos da norma está o da evangelização que encontra lugar na ação catequética. As palavras salvação, conversão, perdão e educação estão presentes na epígrafe acima, estas são palavras presentes em discursos católicos que objetivam manter uma norma para os sujeitos. O bispo diocesano José Alberto Moura deixa este claro este discurso moralizante nas *Diretrizes para a Catequese* da Diocese de Uberlândia.

A atuação feminina dentro da Igreja é notória e expressiva, pois a maioria dos cargos das lideranças pastorais e movimentos católicos são ocupados por mulheres, como por exemplo, a pastoral catequética da Diocese de Uberlândia que são coordenadas por mulheres<sup>6</sup>.

Vale ressaltar que essas lideranças estão sob vigilância e supervisão masculinas, na figura de padres, bispos ou diáconos. As mulheres não ocupam lugares de poder institucional, mas agem nas tramas rotineiras religiosas, ou seja, exercem seus poderes de forma mais sutil, menos direta, de forma a não serem totalmente submissas às ordens superiores.

Nessa perspectiva, elegemos a realidade uberlandense, que nos certificará acerca desses pressupostos iniciais. Para persegui-los, separamos inicialmente as seguintes fontes:

- a) fonte eletrônica: [www.elodafe.com](http://www.elodafe.com), *site* oficial da Diocese de Uberlândia, que apresenta sua estrutura e organização composta por paróquias e coordenadores das pastorais;
- b) informativo *O Vagalume*, revista produzida por uma equipe de “Evangelização do Diálogo Conjugal” pertencente ao Santuário Nossa Senhora Aparecida;
- c) manuais de catequese utilizados por catequistas da Diocese de Uberlândia, seguindo diretrizes que a coordenação diocesana de catequese passa para as paróquias da Diocese.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.elodafe.com/pastorais/>, acesso em 12/08/2014.

Tais fontes nos ajudarão a compreender as diretrizes que orientam a participação feminina no contexto religioso católico de Uberlândia. Acreditamos que essas atuações, restritas ao feminino, são formas de expressão de micropoderes. Assim, lendo e compreendendo esses campos de forças, acreditamos estar contribuindo para historicizar, problematizar e compreender as representações sociais que se constroem acerca das mulheres no mundo das ideias e das práticas religiosas e católicas.

## 1.1 A IGREJA CATÓLICA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Este tópico tem por objetivo chamar a atenção para o campo religioso como espaço de discussão para a pesquisa histórica, tendo como enfoque a Igreja Católica inserida na sociedade contemporânea, mais especificamente no período compreendido pelo pontificado do papa João Paulo II (1978-2005). Nesta pesquisa temos como categoria de análise - gênero, que será nossa chave para abrirmos várias portas de entrada para compreender o universo católico, especificamente na perspectiva androcêntrica, aquela que parece predominar e que tem ainda produzido e reproduzido as desigualdades de gênero existentes nesse contexto. Essa percepção torna-se possível haja vista que nos pautamos nas representações sociais que os fiéis constroem ao longo dos anos acerca do feminino. A estrutura deste primeiro capítulo talvez se justifique pela necessidade de compreender a atuação do feminino nas tramas do religioso, uma vez que as representações sociais construídas pela Igreja Católica ainda são muito fortes, principalmente quando elas produzem, reproduzem e reforçam uma estrutura simbólica e política baseada na figura de Maria, mãe do Salvador, como referencial para homens e mulheres.

A religião é um domínio das relações humanas, possibilitando uma investigação histórica, pois guarda espaços de tensões e conflitos sociais em diferentes sociedades e temporalidades, inclusive na sociedade contemporânea. A religião católica é um domínio em construção permanente, uma tradição, um esforço de reificação de uma memória.

Ao selecionarmos as relações da religião católica, para estudo, nossa intenção é a de buscar perceber a complexidade que este contém. Em uma sociedade moderna como a dos séculos XX e XXI podemos sugerir que a religião ocupa lugar de destaque na vida das pessoas, tornando-se uma ferramenta de investigação de extrema importância para o historiador. Portanto, ao eleger tal campo, o historiador deverá compreender seus problemas, objetos e as maneiras de abordá-lo. Para esta pesquisa, o ponto de inflexão a ser estudado será

o da Igreja Católica. Em um primeiro momento entrelaçamos a pesquisa com a realidade das mulheres católicas da cidade de Uberlândia, e posteriormente tratamos as questões de religião e do feminino de forma ampla.

Partimos da premissa de que a religião é um construto social que permite compreender as sociedades, considerando-se que o homem religioso transita em todas as esferas sociais, sejam elas públicas ou privadas, buscando pontuar as tramas sociais em que está inserido. Ao estudarmos a religião católica devemos nos remeter à memória dessa instituição, pois esta possibilita entender de maneira mais clara como as conjunções de uma época passada podem estar relacionadas com os dias de hoje.

Ao nos remetermos a religião católica como domínio em construção permanente, necessariamente lidamos com os conceitos de evangelização e catequese, pois ambos estão entrelaçados para reproduzir a memorização do catolicismo, reiteração de certos fatos e de certas imagens exemplares. A evangelização é pensada como o motor da Igreja, pois é através dela que esta proclama as notícias que deseja transmitir aos fiéis. A evangelização é uma preocupação permanente dos diretores espirituais, como é o caso do papa Bento XVI, que publica a Carta Apostólica sob a forma de *“Motu Proprio” Ubicumque et semper*<sup>7</sup>, com a qual se institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização (21 de setembro de 2010). Nessa carta o conceito de evangelização ganha outra denominação, “nova evangelização”, que tem como pontos culminantes a renovação e a regeneração da fé. Salientamos que os conceitos de evangelização e catequese serão melhor desenvolvidos no terceiro capítulo.

Memória, evangelização e catequese são o tripé da doutrina católica e, para que esta tenha eficácia, a memória é constantemente reinventada em tempos diferentes. Nessa tentativa de reinvenção da memória católica o Catecismo da Igreja Católica é escrito, visando apresentar de forma sintética os dogmas católicos, para explicitar a definição do conceito de catequese para a sociedade contemporânea. Neste sentido, o Catecismo apresenta a função da catequese para os fiéis.

A catequese das crianças, dos jovens e adultos procura fazer com que a Palavra de Deus seja meditada na oração pessoal, atualizada na oração litúrgica e interiorizada em todo tempo, a fim de produzir seu fruto numa vida nova. A catequese é também o momento em que a piedade popular pode ser avaliada e educada. A memorização das orações fundamentais oferece um apoio indispensável à vida de oração, mas importa grandemente

<sup>7</sup> Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20100921\\_ubicumque-et-semper\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper_po.html)>. Acesso em: 07 jun. 2014.



fazer com que saboreie o sentido das mesmas (JOÃO PAULO II, 2000, p. 690).

As questões de gênero encontram ressonância na esfera religiosa, pois é inegável o diálogo existente entre os fenômenos sociais, políticos e econômicos contemporâneos e os sistemas religiosos. Para os historiadores, a religião nunca trata apenas de fé, crença, santidade ou salvação, mas é a possibilidade de ampliação de campos de investigação para diversos eixos de análise, entre estes a sexualidade e o gênero.

A categoria de análise “gênero” possibilita entender de forma mais sistemática as tramas sociais e, no caso específico da História, o conceito de memória tem sido uma ferramenta importante. Segundo Le Goff (2003),

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 2003, p. 419).

A memória conserva as informações, mas antes de conservar, ela é construída e reconstruída muitas vezes. A construção e reiteração de uma memória e de uma tradição são aliadas constantes da ação catequética, pois como vimos no trecho do catecismo citado acima, “a memorização das orações fundamentais oferece um apoio indispensável à vida de oração” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 690) e ao trabalho da catequista. Para a Igreja Católica, a memória tem a especial função de manter por longos períodos de tempo um discurso que se conserva, como, por exemplo, aquele em relação à personagem bíblica Maria. Maria é construída e reconstruída todos os dias como modelo a ser seguido pelas mulheres católicas, é exemplo de obediência e simplicidade em servir a Deus e essas características parecem ser reeditadas para as mulheres por gerações até a contemporaneidade.

Ao longo da história da Igreja Católica, a memória esteve presente em sua estrutura, pois ela permite à Igreja enfatizar determinados valores em diferentes temporalidades e realidades. A Igreja escreve, edita, reedita e divulga documentos com o objetivo de transmitir seu discurso e de fazer com que este seja inserido na prática pelos fiéis, vivendo e relembando os valores religiosos. As Cartas Encíclicas ou Apostólicas das décadas de 80 e 90, que, de maneira geral, enfocam as questões de sexualidade, matrimônio, homem, mulher, corpo e outros elementos, retomam constantemente a memória da Igreja Católica, principalmente em relação aos grandes mitos da doutrina, ou seja, a memória tem a função de conservar vivas determinadas informações da doutrina.

Como lembra Le Goff (2003), não apenas o catolicismo, mas o cristianismo se dá pela memória, pela devoção dos vivos em relação aos mortos, especialmente em sua liturgia diária, em que se recorda a existência dos santos. Para o autor,

se a memória cristã se manifesta essencialmente na comemoração de Jesus – anualmente a liturgia que o comemora do Advento ao Pentecostes, através dos momentos essenciais do Natal, da Quaresma, da Páscoa e da Ascensão, cotidianamente na celebração eucarística –, em nível mais “popular”, cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos. Os mártires eram testemunhos. Depois da sua morte, cristalizava-se em torno da sua recordação a memória dos cristãos. Aparecem nos *libri memoriales*, nos quais as igrejas inscreviam aqueles de que se conservavam lembranças e que eram objeto de suas orações (LE GOFF, 2003, p. 441, destaques do autor).

A figura feminina que a Igreja quer fixar também pela memória construída é exemplo de mulher, enfocando as vivências do cotidiano na contemporaneidade, tais como doação e dedicação ao lar e à família, além dos comportamentos relacionados à simplicidade, castidade e obediência. Mesmo na sociedade contemporânea em que a mulher tem outra dinâmica de vida, diferenciada das décadas anteriores, a Igreja ainda mantém o mesmo discurso.

## 1.2 IGREJA CATÓLICA CONTEXTUALIZADA: HISTÓRIA E REALIDADE

Ao nos referirmos a uma instituição milenar, a Igreja Católica, mas direcionando o foco a uma realidade específica, a de Uberlândia, estamos considerando a inserção dessa instituição em várias épocas e contextos diferenciados. A necessidade de um recorte temporal se dá em função de que o historiador não trabalha com a linearidade dos acontecimentos, mas com os processos históricos, tentando compreender as continuidades, rupturas e reconstruções que estão contidas nestes. Nesse sentido, compartilho da ideia de Albuquerque Jr. (2009, p. 1), que coloca o historiador como o artesão, “o tecelão dos tempos”, aquele que tenta organizar os fatos soltos do passado em uma linha norteadora que fará parte de uma rede. O autor argumenta que

O trabalho do historiador me parece ter mais analogias com o trabalho artesanal do que com o trabalho na grande indústria. O historiador me parece habitar mais um atelier do que um espaço fabril. Considero que a atividade historiadora tem maior proximidade com o paciente e meticulosa atividade manual exercida por tecelões, bordadeiras, rendeiras, tricoteiras, chuliadeiras (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 2).

Cada historiador possui sua própria narrativa. Vários deles podem pesquisar a mesma temática, no entanto cada narrativa é particular, assim como a renda ou a colcha feita pelas mãos artesanais apresentam semelhanças, mas os detalhes são particulares de cada uma e específicos de cada artesão.

Para tanto, é necessário entender a dinâmica da Igreja Católica, considerando suas lutas internas e externas. Não podemos reduzir essa instituição a uma definição simplista, como uma moldura dada e pronta, já que, ao estudá-la, entendemos que ela carrega uma grande diversidade, tecida por várias sociedades em épocas diferenciadas, que a estas se molda, atualizando-se. Conforme Geremek (1987),

seria inútil procurar uma definição precisa de Igreja. Em primeiro lugar, porque cada corrente ideológica, cada teologia, cada doutrina religiosa nos propõe uma definição particular, e passá-las em revista equivaleria a entrar no jogo das controvérsias confessionais e a tomar partido em tais controvérsias, numa tentativa de distinguir o fundo de problema. Contudo, é necessário saber do que se está a falar (GEREMEK, 1987, p. 163).

Uma pesquisa realizada pelo instituto de pesquisas Bendixen e Armandi a pedido do portal de notícias hispano-americano *Univisión*, feita em 12 países e com 12 mil católicos, revelou que estes são mais liberais do que supunha a Igreja. Tal pesquisa foi notícia do Jornal *O Globo*<sup>8</sup> e demonstra que questões como casamento gay, liberação do sacramento da comunhão para os divorciados e sacerdócio feminino são faces do social que devem ser liberadas e tratadas como aceitáveis dentro da esfera religiosa. No entanto, percebemos que essas questões ainda são tabus para a doutrina católica, ocasionando uma distância entre a doutrina e a prática dos fiéis.

Observamos que há diversidade de pensamentos por parte dos católicos. Há católicos que comungam da mesma postura da Igreja, condenando essas polêmicas, julgando-as já resolvidas e dadas por encerradas, tendo uma postura conservadora e, em contrapartida, há uma grande maioria de fiéis que anseia por mudanças na doutrina da Igreja.

É nessa conjuntura que esta pesquisa se situa, materializando o espaço das tensões no interior da Igreja e buscando compreender as dissonâncias entre as práticas e a doutrina, haja vista que a instituição católica não é um espaço constante e neutro, mas sim um espaço de disputas políticas e de jogos de poderes.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/catolicos-sao-mais-liberais-do-que-igreja-revela-estudo-11554190>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

A respeito da habilidade que a Igreja Católica tem de adaptar-se diante dos acontecimentos de várias sociedades e de diferentes temporalidades, Araújo (1986) nos apresenta essa característica, especialmente sua atuação na sociedade contemporânea.

Poucas instituições, ao longo da história, não sucumbiram aos efeitos erosivos do tempo. Dentre elas, a Igreja Católica conseguiu um moroso e enorme poder de resistir e adaptar-se às mudanças da sociedade. Durante a Idade Moderna e Contemporânea, à guisa de exemplo, ela pôde centralizar ao redor de si quase toda a realidade social, usando para controlá-la seus paradigmas medievais. Por isso mesmo, a Igreja Católica tornou-se parte fundamental da história ocidental (ARAÚJO, 1986, p. 11).

Não podemos deixar de ressaltar que muitas posturas e atitudes por parte dessa instituição religiosa têm um caráter conservador. Ou seja, dentro da religião católica, temos uma multiplicidade de pensamentos e ideias, umas contrárias, outras semelhantes, mas dificilmente iguais. Por isso, faz-se necessário esclarecer em qual contexto situamos esta pesquisa.

O contexto da Igreja Católica pós-Concílio Vaticano II<sup>9</sup>, ocorrido entre 1962-1965, cujas diretrizes podem ser visualizadas no pontificado de João Paulo II, especificamente no período de 1978 a 2005, foi o de renovação dentro da instituição, de abertura para o diálogo com outras religiões, da discussão das questões femininas e masculinas e de várias outras. Considerando que o Concílio Vaticano II foi o último realizado pela Igreja, sabemos que se encontra em voga entre os católicos contemporâneos. Os documentos selecionados para esta pesquisa foram produzidos inspirados no Concílio Vaticano II e as Cartas Encíclicas e o CIC foram textos elaborados durante o pontificado do papa João Paulo II, também inspirados naquele. Nas palavras de João Paulo II (2000):

Depois de sua conclusão, o Concílio não deixou de inspirar a vida da Igreja. Em 1985 pude afirmar: Para mim – que tive a graça especial de nele participar e colaborar ativamente em seu desenvolvimento – o Vaticano II foi sempre, e é de modo particular nestes anos de meu Pontificado, o constante ponto de referência de toda a minha ação pastoral, no consciente empenho de traduzir suas diretrizes em aplicação concreta e fiel, no âmbito de cada Igreja e da Igreja inteira. É preciso incessantemente recomeçar daquela fonte [...] Neste espírito, em 25 de janeiro de 1985, convoquei uma

---

<sup>9</sup> Aqui adotaremos a conceituação de concílio na perspectiva de Caldeira (2011, p. 108): “é uma atitude recorrente na história bimilenar da Igreja. Desde o início do Cristianismo eles foram empregados para combater heresias e promulgar dogmas, ou seja, esboçar teologicamente as verdades da religião. Os concílios ecumênicos, em número de vinte e um, marcaram indelevelmente os dois mil anos de história do Cristianismo. Forjaram a doutrina, a liturgia, as piedades, enfim, foram centrais na dinâmica tomada pelo Cristianismo em direção ao seu futuro”.

Assembléia Extraordinária do Sínodo dos Bispos, por ocasião do vigésimo aniversário do encerramento do Concílio. A finalidade dessa Assembléia era celebrar as graças e os frutos espirituais do Concílio Vaticano II, aprofundar seu ensinamento para aderir melhor a ele e promover seu conhecimento e sua aplicação (JOÃO PAULO II, 2000, p. 8).

A referência ao Concílio Vaticano II está fortemente presente na Igreja Católica dos séculos XX e XXI, sendo que o catolicismo brasileiro não se enquadra nessa homogeneidade. Faustino Teixeira nos apresenta a complexidade do campo religioso católico, uma vez que essa pluralidade predomina também no Brasil.

Impressiona a capacidade de adaptação e ajustamento dessa religião às novas situações: quando observada de perto, vemos como ela se abre e se permite diversificar, de modo a oferecer, em seu interior, quase todos os estilos de crença e prática da fé existentes também fora do catolicismo. Os diversos censos realizados no Brasil não conseguem captar essa plasticidade religiosa, e muito menos a realidade cada vez mais presente do trânsito religioso ou da dupla (ou tripla) pertença religiosa (TEIXEIRA, 2005, p. 16).

Em minha perspectiva, a Igreja Católica, desde seu surgimento, vive uma diversidade de pensamentos das autoridades religiosas e dos leigos. Sua composição interna possui grupos que aderem às mudanças e inovações, enquanto outros mantêm uma postura conservadora ancorada na tradição. Assim sendo, a Igreja tem a necessidade de esclarecer de tempos em tempos seus dogmas, de reafirmar regras e crenças por meio de seus concílios, que têm por objetivo refletir sobre dúvidas que surgem até mesmo entre os fiéis mais esclarecidos, apaziguando-os.

A postura da Igreja Católica inquieta-nos. Ora ela remodela/reatualiza sua posição diante de alguns assuntos que a sociedade vivencia, ora silencia diante de outros, sobre os quais ainda não fala, considerando-os inquestionáveis na perspectiva católica, como, por exemplo, a citada pesquisa do jornal *O Globo*. Questões que se referem ao feminino continuam, de certa maneira, sendo silenciadas ou ignoradas pela Santa Sé. Sabemos que na década de 80 houve uma grande produção de documentos eclesiais direcionados às mulheres. Tal constatação foi feita por Rodrigues (2007):

A década de oitenta também é considerada a década da mulher devido à grande publicação sobre o tema e a TF (Teologia Feminista) não ficou de fora. Em 1985 foi realizado o primeiro encontro de teólogas latino-americanas e a Igreja enquanto hierarquia também se pronunciou e lançou documentos que tratam diretamente da mulher, a Encíclica *A mãe do redentor* e no ano seguinte *A dignidade e a vocação da mulher* (RODRIGUES, 2007, p. 109, destaques do autor).

Além desses dois documentos eclesiais, tem-se ainda na década de 80 a Encíclica *A missão da família cristã no mundo de hoje*, e na década de 90 mais duas cartas encíclicas, *Carta às Famílias* e *Carta às mulheres*. Diante dessa grande produção elaborada por parte do papa João Paulo II acerca das questões relativas ao feminino e ao lugar que as mulheres ocupam ou deveriam ocupar na sociedade, podemos deduzir que a urgência que a Igreja Católica tinha em reafirmar representações normativas do feminino. Vale ressaltar que esses documentos serão analisados de forma sistemática no segundo capítulo.

Em uma visão global, o historiador Eric Hobsbawm (1995a, 1995b) insere essas questões relativas ao feminino no período denominado “Revolução Social”, querendo dar nome a um período no qual o mundo experimentou muitas transformações, sejam elas sociais, econômicas, culturais ou políticas. Nesse período, muitos papéis sociais e culturais foram modificados, especificamente o papel da mulher. Contudo, afirma o autor, “não há como duvidar seriamente de que em fins da década de 1980 e início da década de 1990 uma era se encerrou e outra nova começou” (HOBSBAWM, 1995a, p. 15). Nas palavras do autor:

Na década de 1980 e início da de 1990, o mundo capitalista viu-se novamente às voltas com problemas da época do entreguerras que a Era de Ouro parecia ter eliminado: desemprego em massa, depressões cíclicas severas, contraposição cada vez mais espetacular de mendigos sem teto a luxo abundante, em meio a rendas limitadas de Estado e despesas ilimitadas de Estado (HOBSBAWM, 1995a, p. 19).

A afirmação das mulheres no mercado de trabalho e uma maior conquista destas no espaço profissional transformou o cenário da família de classe média, aquela em que a mulher tinha espaço quase que exclusivamente no contexto do lar.

O que mudou na revolução social não foi apenas a natureza das atividades da mulher na sociedade, mas também os papéis desempenhados por elas ou as expectativas convencionais do que devem ser esses papéis, e em particular as suposições sobre os papéis públicos das mulheres, e sua proeminência pública (HOBSBAWM, 1995b, p. 306).

As grandes mudanças que ocorreram em várias décadas e alcançaram as mulheres, como a possibilidade do voto, o acesso à educação, a conquista do emprego e outras, talvez tenham preocupado a Igreja Católica, pois as mulheres começaram a conhecer novos horizontes. Dentro da conjuntura das décadas de 80 e 90, o movimento feminista e a revolução sexual contribuíram significativamente para a maneira de muitas mulheres pensarem, especificamente mulheres católicas, no entanto não podemos deixar de mencionar

que algumas mulheres enxergaram e ainda enxergam nesses movimentos uma ameaça para a instituição familiar e com isso buscaram resistir a eles. Diante de tal contexto social, a Igreja viu a necessidade de reafirmar os valores católicos para essas mulheres, motivo pelo qual foram editadas as Cartas Encíclicas e Apostólicas, escritas justamente nessas décadas, como um alerta e uma necessidade de ratificar suas regras e normas.

Ao abordamos a Igreja Católica inserida no contexto brasileiro não podemos deixar de citar a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), criada em 1952, que irá participar ativamente das discussões que estavam em pauta.

A eleição de João Paulo II, em 1978, muda o cenário político da Igreja em todo o mundo, particularmente na América Latina, berço da Teologia da Libertação, a partir do final dos anos de 1960. No entanto, no Brasil, a CNBB mantém sua linha de trabalho e intervém, como ator sociopolítico, diante dos problemas nacionais (AZEVEDO, 2004, p. 113).

A instituição religiosa em relação ao cenário político brasileiro passou por momentos de indecisões, ora estabelecendo parceria, discutindo questões de caráter político, ora procurando se distanciar, focando em questões restritas às práticas da fé. Estamos de acordo com Azevedo (2004, p. 117) quando afirma que “a análise do papel político da Igreja e da CNBB aponta, em primeiro lugar, para a complexidade da Igreja como instituição dotada de poder tradicional e, ao mesmo tempo, carismático, no sentido weberiano desses tipos ideais”.

Não podemos deixar de ressaltar ainda duas campanhas da Fraternidade promovidas pela instituição durante o período elencado nesta pesquisa. A Campanha da Fraternidade é um acontecimento anual da Igreja Católica no Brasil que acontece desde 1964. Dentro do período e da temática desta pesquisa não podemos deixar de citar a Campanha da Fraternidade de 1990 e de 1994, que tiveram como enfoque a questão da família e das mulheres.

A Campanha de 1990 tinha como tema “A fraternidade e a mulher”, e o lema: “Mulher e Homem: Imagem de Deus”. Ela tinha por objetivo:

Conscientizar que mulher e homem juntos são imagem de Deus e que Deus entregou a criação a todos. Ajudar a ver como, na realidade, a mulher não é reconhecida e tratada como igual ao homem. Enfocar a vocação inicial da mulher e do homem: construir juntos uma nova sociedade (CNBB, 1990, s./p.).

A Campanha de 1994 tinha como tema “A fraternidade e a família”, e o lema: “A Família, como vai?”. Seu objetivo era

Redescobrir os valores da família: lugar de encontro, espaço de vivência humana, ponto de partida de um mundo mais humano e de acordo com o Plano de Deus. Ao mesmo tempo, a Campanha da Fraternidade quer colaborar na criação de condições sociais e políticas objetivas para que a família possa realizar sua missão. Finalmente, pondo em prática o mandamento do amor fraterno, a Campanha da Fraternidade quer nos ajudar a olhar com confiança para um amanhã novo da família, que já pode ser descortinado (CNBB, 1994, s./p.).

Em ambas as campanhas percebemos a preocupação da Igreja em focar os valores tradicionais da família, tendo as mulheres por missão a maternidade e o casamento. A Igreja Católica admite que seja necessário refletir sobre as desigualdades entre homens e mulheres, mas não deixa de acentuar a primeira missão da mulher, que é a de ser esposa e mãe. Esses discursos são cautelosos e cuidadosos, pois a Igreja tem consciência de que está inserida em uma sociedade contemporânea diversa e plural, em que os sujeitos têm outros focos além do religioso. Alguns setores da Igreja contemporânea têm conhecimento de que é preciso saber lidar com os problemas que rondam o contexto familiar, mas não deixam de emitir seus discursos conservadores.

### 1.3 A IGREJA CATÓLICA EM UBERLÂNDIA NAS DÉCADAS DE 80 E 90

Uberlândia ocupa lugar de destaque no cenário mineiro e nacional em razão de seu desenvolvimento comercial e industrial. É considerada uma cidade “moralizante”, que busca a ordem e o progresso, mas vivenciou e vivencia momentos de manifestações sociais que demonstram que a cidade não é tão “harmoniosa” como quer a memória oficial. É desta maneira que a professora do curso de História da UFU – Maria Clara Tomaz Machado (1991) descreve em seu artigo *Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia*.

Acreditamos que esse processo de urbanização, ocorrido entre 1950-1980, está fundamentalmente assentado no processo de crescimento econômico do país dos últimos 30 anos e, mais especificamente, no processo de industrialização que, sustentado por um sistema interligado de rodovias por parte do Estado, conectou regiões econômicas do país, contribuindo para urbanizá-las de acordo com sua forma de inserção no processo de divisão de trabalho (MACHADO, 1991, p. 49).

Nas décadas de 80 e 90 a Igreja Católica foi atuante no contexto uberlandense, especialmente na figura do bispo Dom Estêvão, ligado à Teologia da Libertação, que tinha



como objetivo geral levar o evangelho a todos sem distinção, os pobres tiveram lugar em seus pronunciamentos e ações:

Foi a partir da década de 70, com a chegada à cidade de um bispo, considerado da ala progressista da Igreja Católica, D. Estêvão de Avelar Brandão, que discursos críticos contra a miséria e a pobreza foram pronunciados em defesa dos favelados e contra a forma de desfavelamento pretendida pelo poder local. Organizar os movimentos sociais, seja através da “pastoral da terra”, que objetivava garantir a ocupação do solo urbano pelas camadas mais pauperizadas da sociedade, seja através da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos dos Menores, é um trabalho que tem ocupado, desde então, militantes e participantes desses movimentos políticos cristãos (MACHADO, 1991, p. 45, destaque da autora).

Naquele conturbado momento de História política do país a Igreja Católica militante se fez presente na cidade, tendo como foco a defesa dos menos favorecidos e a denúncia contra o autoritarismo do poder municipal, desejando dizimar a pobreza da cidade contrariando o poder local, que apresentava ao país uma cidade ordeira que buscava sempre o progresso e não vivenciava problemas sociais.

Um dos que incomodavam o poder local eram os núcleos urbanos mais afastados, denominados de periferias, isto é, aqueles lugares distantes da área central da cidade que em sua composição abrigavam os indivíduos menos favorecidos em relação aos direitos sociais, políticos, econômicos e culturais.

No início da década de 80 existiam sete favelas na cidade de Uberlândia: Marta Helena, João Naves de Ávila, Maravilha, Rondon Pacheco, Saraiva, Parque Sabiá e Santa Rosa. O crescimento das favelas começou a incomodar as autoridades locais, colocando em risco a imagem da cidade progresso. Na tentativa de conter o crescimento destas, o poder municipal tomou algumas decisões para impedir a construção de uma imagem negativa da cidade, entre elas a de remover totalmente os barracos da população moradora desses lugares.

Neste momento, a Igreja Católica se coloca ao lado dos menos favorecidos e contra o autoritarismo municipal, como no

ganho de causa da ação movida na Justiça pelos moradores da favela do Rio Uberabinha contra a prefeitura e o apoio da Igreja, na figura do Bispo D. Estevão Cardoso Avelar, e outros movimentos dos favelados possibilitaram-lhes um espaço na imprensa local (MACHADO, 1991, p. 68).

Ao tentar fazer uma síntese da história da Igreja Católica na cidade de Uberlândia devemos nos ater ao histórico da Diocese desta cidade, em sua organização e atuação no

cenário local. A princípio, diocese refere-se a uma extensão territorial que está sob a administração de um bispo. Atualmente a Diocese de Uberlândia é administrada pelo bispo Dom Paulo Francisco Machado e é composta pelas cidades de Uberlândia, Monte Alegre de Minas, Araporã, Tupaciguara, Araguari, Cascalho Rico, Grupiara, Estrela do Sul e Indianópolis, sendo que essas cidades estão distribuídas por foranias.

Cada forania é composta por um determinado grupo de paróquias sob a coordenação de um padre e de um coordenador forânico. Considerando a extensão territorial de cada cidade e o número de paróquias é que se faz a distribuição das foranias. A forania São Pedro, por exemplo, abrange as cidades de Monte Alegre de Minas, Tupaciguara e Araporã; em contrapartida, a cidade de Uberlândia tem várias foranias: Santa Teresinha, São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João Evangelista<sup>10</sup>.

É de suma importância destacar que todos os coordenadores forânicos da Pastoral Catequética são mulheres, o que só vem a demonstrar que a atuação feminina dentro da Igreja é relevante. Salientamos ainda que a coordenação da maioria das pastorais está sob o comando de alguma mulher, como pode ser verificado no *site* da Diocese<sup>11</sup>. Tal constatação será mais bem detalhada logo adiante.

A Diocese de Uberlândia foi criada em 1961, sob a ordenação do papa João XXIII, desmembrando-se da Arquidiocese de Uberaba. Dom Almir Marques Ferreira (1961-1977) foi o primeiro bispo da diocese, o segundo foi Dom Frei Estevão Cardozo de Avelar (1978-1992), depois Dom José Alberto Moura (1992-2007), sendo atualmente administrada por Dom Paulo Francisco Machado, que assumiu a Diocese de Uberlândia no dia 22 de fevereiro de 2008.

Ao retratar um panorama histórico das décadas referidas, nos deparamos com uma Diocese preocupada em manter os espaços religiosos em sua originalidade e em ampliar os lugares e as práticas de evangelização da fé católica. Nos trechos abaixo percebemos tais intenções:

Em fevereiro de 1979, a Fraternidade dos Capuchinhos de Uberlândia recebe o Frei Evandro Moreira de Melo que, logo ao chegar, inicia um trabalho pastoral no bairro Custódio Pereira, com a finalidade de preparar a futura Paróquia de São Cristovão, que se instalou no dia 31 de março de 1980. No

<sup>10</sup> Para melhor entendimento da distribuição das foranias da Diocese de Uberlândia, há disponível um mapa que apresenta a distribuição das paróquias por foranias. Disponível em: <<http://www.elodafe.com/paroquias-da-diocese-de-uberlandia/>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <[www.elodafe.com/pastorais](http://www.elodafe.com/pastorais)>. Acesso em: 06 abr. 2014. Apresenta as lideranças das pastorais que compõem a Diocese de Uberlândia.

mês de maio, nova parte da Paróquia foi desmembrada, quando foi instalada a Paróquia de Santa Mônica, no bairro do mesmo nome (CUNHA, 1989, p.109).

Ao retornar de Porto Alegre, onde frequentou o Curso de Mestrado em Filosofia, na PUC, Mons. Antônio Afonso da Cunha inicia, em 1980, uma campanha para restauração do órgão e traz à cidade os irmãos Lucas e Rafael Bertucca, organeiros da cidade de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais, que iniciam o trabalho no mês de abril. Restaurado, o órgão foi reinaugurado pelo Prof. Calimério Soares, da Universidade Federal de Uberlândia, no dia 29 de junho de 1980 (Ibid., p. 219).

A Casa de Nazaré, obra ligada à Paróquia da Catedral de Santa Terezinha, foi fundada por iniciativa de d. Rosa Rezende Peixoto, no ano de 1981. A ideia nasceu da preocupação de se fazer um trabalho de Evangelização junto às mães, cujos filhos frequentavam a catequese e participavam da Missa das Crianças, celebrada aos domingos, às 9 horas e orientada pela Ir. Maria do Rosário Curado, do Instituto Unitas (Ibid., p. 165).

No ano de 1987, a estrutura do prédio da Igreja de Nossa Senhora do Rosário se encontrava seriamente comprometida, devido, principalmente, à infiltração e problemas decorrentes. [...] Foi então que a Secretaria Municipal de Cultura, tendo à frente a sua titular, Profa. Iolanda de Lima Freitas, elaborou um Projeto para restauração, concretizado em junho de 1988, quando Uberlândia comemorou o seu centenário (Ibid., p. 179).

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário sedia a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens de Cor de Uberlândia, que realiza anualmente a Festa do Congado, uma festividade que expressa o agradecimento pelos dons da santa, pela sua liberdade e louva a Virgem do Rosário.

Os trechos citados acima nos permitem perceber que a Diocese buscava consolidar seus espaços de evangelização. Muitas ações foram realizadas com esse objetivo. Igrejas foram restauradas, outras construídas e novos espaços criados para o apoio no trabalho de disseminar a fé católica. Especificamente na década de 80 foram criadas cinco paróquias: São Cristovão, Santa Mônica, Divino Espírito Santo, São Judas Tadeu e Santa Edwiges. Essas paróquias, fundadas no período do bispo D. Estêvão, apontam para um crescimento expressivo da população de Uberlândia.

#### 1.4 MOVIMENTO CATEQUÉTICO NO BRASIL E EM UBERLÂNDIA

Uma das maiores preocupações da Igreja é com as práticas da catequese, pois é por meio desta que os catequistas educam e formam pessoas na doutrina católica. Visando iniciar

as crianças nos ensinamentos da doutrina, a Igreja canaliza esforços na chamada catequese regular, endereçada a crianças com sete anos que terminariam a sua formação com quinze anos, processo pensado para durar um longo período da vida de uma pessoa. Mas há também adultos que não puderam frequentar a catequese regular, mas que desejam inserir-se na doutrina católica. Para estes existe a catequese para adultos, que os prepara para receber os sacramentos que a Igreja oferece.

Para entendermos como se deu o movimento catequético no mundo, no Brasil e em Uberlândia, devemos primeiramente fazer um breve histórico acerca dos documentos elaborados para a pastoral catequética. Podemos enumerar alguns que nortearam e ainda norteiam o movimento catequético no Brasil e na realidade uberlandense. Esses documentos compõem o período do pontificado do papa João Paulo II. A exortação apostólica *Catechesi Tradendae*, de autoria do papa e publicada em 1979, é direcionada ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda a igreja e se dedica à catequese do nosso tempo. Logo após essa publicação, a CNBB sente necessidade de criar um documento específico para a realidade brasileira e assim é elaborado o documento Catequese Renovada, em 1983. Em 1997, a Santa Sé novamente direciona seu olhar para a catequese e publica o Diretório Geral para a catequese. Aqui no Brasil a Conferência Nacional de Catequese elabora o Diretório Nacional de Catequese em 2005.

Em 2002, a Diocese de Uberlândia elabora as Diretrizes para a Catequese, de autoria do bispo Dom José Alberto Moura, e em sua sugestão de livros para a formação de catequistas cita os documentos Catequese Renovada e Diretório Geral para a Catequese, ou seja, a diocese está ligada às normas ditadas pelo papa e pela CNBB. Por isso, faz-se necessário referendar tais documentos que traçam um fio condutor com Roma, para compreender esse movimento catequético de caráter nacional e local.

Quando as diretrizes da Diocese de Uberlândia foram elaboradas, o Diretório Nacional de Catequese não havia sido lançado, mas hoje é o documento que mais está em voga na realidade uberlandense. O Diretório Nacional de Catequese (DNC) faz um panorama histórico do movimento catequético pós-conciliar, que tem por finalidade traçar princípios, orientar, coordenar, articular e estimular a ação catequética. Uma das principais características do movimento catequético pós-conciliar era a necessidade de renovação e de um novo modelo de catequese com novas metodologias e conteúdos, uma vez que a opção pelos pobres lhe cobrava uma nova postura.

O principal ponto do movimento catequético no Brasil foi a criação do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam) em 1955, no Rio de Janeiro. O Departamento de Catequese (Decat) do Celam teve importante influência, em virtude de seus projetos de animação da catequese e de outras iniciativas que buscavam inovar a catequese.

Após o Concílio Vaticano II, a catequese passa por algumas mudanças com o intuito de renovar o espírito evangelizador da Igreja. Nesse sentido tem-se que:

Após o concílio, teve especial importância para a catequese no Brasil, o Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), de nível nacional, regional e local: formou líderes, coordenadores e especialistas em catequese (CNBB, 2005, p. 83).

Segundo os discursos eclesiais, a Igreja pós-concílio direciona seu olhar para o povo, em comparação à Igreja antes do concílio, que se preocupava mais com a doutrina e não tanto com as pessoas ou suas realidades sociais. Nesse contexto, a catequese passaria por um processo de reformulação, que buscava transmitir uma fé engajada na experiência vivida pelas pessoas. Portanto, a catequese que buscava apenas transmitir a doutrina agora passa a adotar o seguinte método: catequese conectada com a vida do catequizando. Esse método de interação entre fé e vida teria por objetivo dar um novo sentido à doutrina.

A catequese, a partir de 1983, em geral assumiu estes eixos centrais: a Bíblia como texto principal, os momentos celebrativos, o princípio de interação fé e vida, o valor e importância da caminhada da comunidade de fé como ambiente e conteúdo de educação da fé (Ibid., p. 26).

Essa recomendação feita pelo DNC está presente na realidade prática da pastoral da catequese da cidade de Uberlândia. A necessidade de interação entre fé e vida proposta pelo DNC na ação catequética foi identificada no desenvolvimento do módulo I, ministrado pela Escola de Formação Catequética, denominado Metodologia Catequética.

Seguindo essa metodologia, a Coordenadoria Nacional de Catequese tinha por objetivo promover eventos, elaborar documentos, proporcionar cursos que pudessem iluminar a caminhada catequética. Houve vários eventos para cumprir com esses objetivos, mas podem ser citadas três ações: a 1ª Semana Brasileira de Catequese, que aconteceu em 1986, com o tema “Fé e vida em comunidade, renovação da Igreja, transformação da sociedade”, que parece incorporar a necessidade por renovação constante herdada das diretrizes do Concílio Vaticano II e ressaltada no documento Catequese Renovada (CR) de 1983; a 2ª Semana Brasileira de Catequese, em 2001, com o tema “Com adultos, catequese adulta”; e a 3ª

Semana, em 2009, com o tema “Catequese, caminho para o discipulado”. Essas três semanas são exemplos da realização de grandes eventos em nível nacional, com direcionamento específico para a pastoral da catequese.

### 1.5 FAMÍLIA, MATERNIDADE E MULHERES NAS LINHAS DE “O VAGALUME”<sup>12</sup>

A Diocese de Uberlândia se apresenta como uma diocese também preocupada com a ação catequética e para isso ampara-se nos documentos direcionados à Pastoral da Catequese, como citamos anteriormente, emitidos pelo Diretório Nacional de Catequese, como Catequese Renovada e outros. Tal preocupação foi demonstrada na criação de uma escola de formação para catequistas da referida diocese. Em 2011, o bispo Dom Paulo Francisco Machado funda a Escola de Formação Catequética, com proposta de formação continuada de catequistas para compor uma nova Diocese. A escola utiliza a metodologia de divisão das temáticas em módulos, a saber: módulo I: Metodologia Catequética; módulo II: Bíblia na Catequese; módulo III: Catequese e Família; módulo IV: Iniciação à vida cristã. O curso tem uma duração de quatro anos e a catequista recebe o certificado de conclusão ao término de todos os módulos, sendo que cada módulo acontece por um período de quinze dias.

No material gráfico que a escola elaborou para divulgar o trabalho de catequese tem-se a seguinte justificativa para a formação de catequistas.

Como elemento constitutivo da Igreja, a Catequese deve merecer, por parte de todos, o maior empenho, os melhores agentes e recursos. Ela faz parte da própria missão da Igreja, gerar e educar na fé seus membros, segundo o próprio mandato de Jesus: “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (DIOCESE DE UBERLÂNDIA., s./d., s./p., destaque do autor)<sup>13</sup>.

Atendendo à necessidade de qualificar a catequese como um ensinamento preciso e coerente, a Diocese se preocupa com a seleção de seus catequistas, por isso, para se inscrever entre estes, o evangelizador de catequese precisa atender às seguintes exigências: “ser participante na comunidade, ter idade mínima de 18 anos e ser apresentado pelo coordenador e pelo pároco” (Ibid., s./p.). Como diretriz, a Diocese propõe: “em nossa realidade diocesana, é urgente a necessidade de se investir na formação de catequistas para uma catequese

<sup>12</sup> A revista O Vagalume é uma publicação mensal da Equipe de Comunicação e da Equipe Web do MRJovem do Diálogo Conjugal do Santuário Nossa Senhora Aparecida. A revista tem uma tiragem de 10.000 exemplares e sua distribuição é gratuita.

<sup>13</sup> ANEXO A.

renovada, evangelizadora, mistagógica e missionária” (Ibid., s./p.), ou seja, a catequese é uma prioridade da diocese uberlandense.

A Escola de Formação Catequética traça caminhos nos quais a catequista deve se empenhar, estabelece metodologias de ensino e apresenta a aplicação de tais recursos. Aponto essa ação, pois estou inserida nela, especificamente na participação do módulo I – 6ª turma – oferecido pela Diocese de Uberlândia. O curso foi ministrado no período de 18/01 a 01/02/2014, no Centro Pastoral da Paróquia Bom Jesus, em Uberlândia, situado à rua Marciano de Ávila, nº 422 – bairro Bom Jesus.

Portanto, falo com base na minha experiência como sujeito inserido no campo religioso de uma realidade específica. Pude constatar ali a presença de 25 catequistas, sendo 21 mulheres e 4 homens. O objetivo da Coordenação Diocesana de Catequese era a presença de dois participantes de cada paróquia que compõe a Diocese, mas nem todas enviaram representantes. Nos outros módulos a presença era menor ainda, ou seja, a frequência na escola ainda deixava a desejar, pois na amplitude de paróquias que a Diocese tem, poucos são os catequistas que buscam formação.

A Diocese de Uberlândia é composta por mais ou menos 400 catequistas, mas são poucos os que frequentam os cursos e encontros de formação promovidos pela Coordenação Diocesana de Catequese. Talvez seja esse um dos motivos de tanta preocupação por parte da Diocese e do bispo diocesano em relação à formação de catequistas, razão pela qual tomou-se a iniciativa de promover e divulgar documentos que auxiliem na evangelização das famílias, como, por exemplo, a distribuição gratuita do informativo *O Vagalume*.

Sabemos que dentro da Diocese temos outros informativos com o intuito de evangelizar as pessoas, como *O Semeador*, da Paróquia São Sebastião, no bairro Tibery; *Despertar Conjugal*, da Paróquia São Cristovão, no bairro Brasil; e tantos outros. Mas a escolha pela revista *O Vagalume* se deu em virtude de sua grande distribuição e da riqueza de conteúdos que a publicação possui. A revista é distribuída uma vez por mês ao final das celebrações no Santuário Nossa Senhora Aparecida. Tal distribuição atinge os fiéis que frequentam ou visitam o Santuário. Dessa forma, a revista alcança um maior número de fiéis em relação a outros informativos produzidos em outras paróquias.

A revista *O Vagalume* foi criada em 1992 e de lá para cá passou por algumas mudanças em sua estética e desenho gráfico. Atualmente, a revista tem a seguinte estrutura: Editorial/Guia de compras, Destaque, Igreja Jovem, Coluna do leitor, Igreja em ação, Catequese, Acontece/Aconteceu, Vida em família, Diversão em família, MRJovem em

notícias e Fique por dentro, contabilizando doze páginas. Como recorte temático e de enfoque optamos por realizar uma análise da coluna intitulada *Vida em família* ou *Família em foco*, dependendo da edição.

A revista chama atenção por vários motivos, um deles é a sua capacidade ilustrativa, que atrai o leitor. Ela atende à maioria do público de leigos católicos, pois tem seção para os jovens, para as crianças e para os casais. Dessa forma, tem como objetivo principal evangelizar as famílias cristãs, baseando-se nas diretrizes e normas da Diocese de Uberlândia.

A análise da coluna *Vida em família/Família em Foco* compreende algumas edições elaboradas nos anos de 2012 e 2013. Tal recorte se fez necessário em razão da grande quantidade de exemplares de *O Vagalume*. Num primeiro momento, buscamos perceber se o discurso do informativo tem ressonância com os documentos eclesiais elaborados pelo papa João Paulo II, visto que o informativo está inserido em uma realidade específica. Logo em seguida, tentamos perceber as particularidades da realidade uberlandense, em especial no campo do feminino, e para isso iremos realizar a análise com base em conceitos-chave e não de edição em edição, procurando estabelecer uma conexão entre as revistas para identificar as representações sociais construídas sobre as mulheres nesse contexto.

Para isso, utilizaremos as articulações entre História e Gênero, a fim de buscar compreender as tramas existentes, ou seja, as representações do feminino na publicação. Nesta pesquisa, queremos identificar as representações femininas, seja no espaço familiar ou no religioso, por meio das representações que encontramos nos textos da revista *O Vagalume*.

Na edição do mês de fevereiro de 2013, destacamos representações referentes à qualidade da mãe intercessora, aquela que sempre está pedindo a Jesus proteção para os seus filhos. Nessa matéria podemos observar o quanto a Igreja Católica trabalha com a memória, utilizando para isso o método da repetição e do reforço, buscando atingir o imaginário social dos fiéis, aqui especialmente o das mães. O trecho abaixo exemplifica esse atributo da memória, utilizando o exemplo de Santa Mônica, que foi uma grande intercessora de seu filho Santo Agostinho.

O caráter rude e violento do marido era para a esposa uma fonte de sofrimentos e provações. Mas Mônica sofreu tudo com paciência e mansidão, não respondendo a Patrício, senão por obras de uma caridade sem limites e pela oração. Como cristã exemplar, Mônica preocupava-se com a conversão de sua família (O VAGALUME, 2013a, p. 9)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> ANEXO B.



Nesse sentido, as mulheres que vivem uma realidade semelhante à de Santa Mônica são instigadas a tê-la como exemplo e consolo, pois o caráter violento do esposo é uma fonte de sofrimento que pode levá-las, como consequência, a uma exaltação por terem sido pacientes o suficiente para conquistar a conversão de sua família. A conduta de Santa Mônica tornou-se exemplo de uma mãe fervorosa e fiel, que não abandonou seu filho e esposo. Nessa conjuntura, o sofrimento e as provações são fontes para que as mulheres tenham uma constante vida de oração, pois é dessa forma que conseguem superar tais problemas. Paciência, mansidão e obediência são atributos que as mulheres de hoje, segundo a mensagem emitida por *O Vagalume*, devem preservar para manter o equilíbrio familiar diante da violência ou dos problemas cotidianos. Atributos que são modelados no seu caráter, na sua natureza essencial, na sua capacidade de ser e existir como corpo e espírito da verdadeira mulher.

Percebemos que as representações sociais acerca das mulheres são construídas para que estas sigam o modelo ideal de mulher que a Igreja dita. Assim como identificamos nos documentos escritos pelo papa João Paulo II, as mulheres são predestinadas à maternidade e à conjugalidade e devem possuir as mesmas qualidades.

Na edição de novembro de 2013, encontramos referências ao Concílio Vaticano II em sua recomendação de que a família é, por excelência, a Igreja doméstica, aquela responsável pela primeira educação dos filhos na fé católica. E é nesse contexto que são ensinados aos filhos os valores cristãos que devem acompanhá-los por toda a vida:

Há uma necessidade urgente de revitalizar a família através da santificação do amor conjugal e da convivência ao lado dos filhos. O amor exige renovação constante através do diálogo entre os membros da família. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “a família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (O VAGALUME, 2013b, p. 9, destaque do autor)<sup>15</sup>.

A aclamação por uma renovação no contexto familiar é uma urgência necessária sobre a qual a Igreja está a refletir. Tal renovação se justifica em virtude da necessidade de que os valores da Igreja sejam reafirmados, lembrados, assimilados e incorporados pelos fiéis. Na perspectiva da Igreja Católica, há um discurso que visa à reafirmação dos dogmas católicos. No trecho citado acima podemos identificar que o discurso da revista tem respaldo nos documentos eclesiais editados pelo papa João Paulo II. Os discursos são tratados de maneira mais próxima à vida cotidiana dos fiéis. Outras edições que falam dessa igreja doméstica são

---

<sup>15</sup> ANEXO C.

as de março e setembro de 2012, que abordam o mesmo trecho do Catecismo da Igreja Católica e têm semelhanças no desenvolvimento dos textos, com os seguintes jargões: “família é o esteio da sociedade”, “os pais são os primeiros mestres da fé”, “amor incondicional pelos filhos” e “a família é o porto seguro para os filhos”. Essas três edições são muito semelhantes, mas há outras que também caminham na mesma direção e com os mesmos argumentos.

Outro documento eclesial que uma das edições cita é a *Carta às famílias*, do papa João Paulo II, também analisada nesta pesquisa, especificamente no segundo capítulo. A edição é a do mês de junho de 2012 e, além dessa carta, cita também o Catecismo no parágrafo 2207, intitulado *A família e a sociedade*. Nessa edição, a família é tratada como sendo a “célula mãe” da humanidade, a primeira comunidade de vida do ser humano, por isso a sua importância para as pessoas, pois é ela a base, a estrutura de todo homem e mulher.

A matéria dessa edição enfatiza a necessidade de valorizar o sacramento do matrimônio, pois é ele que permite o início de uma vida em família e é por meio desse sacramento que os verdadeiros valores morais serão respeitados e exercitados. Nesse sentido, acredita que todas as desordens, imoralidades e promiscuidades se devem ao fato de que a família não está sendo bem cuidada, pois do contrário todas essas iniquidades seriam sanadas. “Se destruirmos a família, destruiremos a sociedade. Por isso, é fácil perceber cada vez mais claramente, que os sofrimentos das crianças, dos jovens, dos adultos e dos velhos têm a sua razão na destruição dos lares”<sup>16</sup> (O VAGALUME, 2012a, p. 7).

*O Vagalume* busca reforçar o modelo de família ideal que é a sagrada família de Nazaré, incorporada pelas personagens José, Maria e Jesus. E para que haja eficiência na perpetuação desse modelo de família se faz necessário o ensinamento dos valores cristãos, a saber: valorização de um modelo de vida, de dignidade da mulher e do homem. Tais posicionamentos estão inscritos na coluna da edição do mês de agosto de 2012.

A dignidade da mulher e do homem está na *feliz experiência da maternidade e da paternidade*, pois tal condição permite a “verdadeira” formação de uma família. O casal Renato e Kellen dá testemunho dessa experiência: “Ser mãe e ser pai é sem dúvida a melhor coisa do mundo, é uma dádiva de Deus”<sup>17</sup> (O VAGALUME, 2012b, p. 7). Citamos ainda outro testemunho de vida que demonstra como a ideia do sacramento do matrimônio indissolúvel está impregnada na mentalidade dos fiéis católicos, da forma como manda a Igreja. O casal José Carlos e Alice conta sua história de vida, como sua família foi constituída

---

<sup>16</sup> ANEXO D.

<sup>17</sup> ANEXO E.

e como é formada: “temos seis filhos e onze netos [...] sempre encaramos o casamento como um compromisso sério e a união conjugal como indissolúvel”<sup>18</sup> (O VAGALUME, 2012c, p. 7). O casamento cristão tem essas características, a procriação e a permanência dos cônjuges, mesmo diante de muitos problemas que podem surgir na vida do casal. José Carlos e Alice têm consciência de que essa indissolubilidade não está dada e acabada, mas que deve ser cultivada dia a dia “por meio de gestos e palavras de carinho” (O VAGALUME, 2012c, p. 7).

Quando o casal não tem a possibilidade de fecundar um filho a Igreja Católica apresenta a seguinte orientação:

O Evangelho mostra que a esterilidade física não é um mal absoluto. Os esposos que, depois de terem esgotado os recursos legítimos da medicina, sofrerem de infertilidade unir-se-ão à Cruz do Senhor, fonte de toda fecundidade espiritual. Podem mostrar sua generosidade adotando crianças desamparadas ou prestando relevantes serviços em favor do próximo (JOÃO PAULO II, 2000, p. 616).

E essa orientação foi seguida à risca pelo casal Cidinha e Luizinho:

Desde a época do nosso namoro, eu, Cidinha, descobri que trazia problemas de ovulação. A partir de então, passamos a orar mais nesta intenção e buscar todos os tratamentos que a medicina poderia nos oferecer e a Mãe Igreja aprovasse e abençoasse. [...] Por outro lado, como somos missionários da Comunidade Canção Nova, percebemos que somos chamados a exercer esta fecundidade de pai e mãe na vida comunitária. [...] Quando, no tempo certo, formalizamos nosso pedido para adoção ao Conselho de nossa Comunidade e tendo sido aprovado por eles, então nos cadastramos na Vara da Infância na comarca onde morávamos e exatamente 10 meses depois eu recebi o telefonema da assistente social com a feliz notícia do nascimento de nosso filho (O VAGALUME, 2012d, p. 7)<sup>19</sup>.

Esse casal atendeu às exigências que a Igreja faz em relação ao seu problema de infertilidade, não cogitando outra solução a não ser a adoção ou recursos medicinais que a Igreja aprovasse. Essa atitude nos possibilita enxergar um imaginário social que exprime às recomendações que a doutrina católica faz, mesmo em sociedades em que há outros recursos médicos mais avançados. Assim como há mulheres que fogem ao padrão da Igreja, há outras que buscam viver de acordo com as diretrizes que a religião católica dita, como está demonstrada na fala da Cidinha. Para esta pesquisa elegemos as católicas praticantes e suas

---

<sup>18</sup> ANEXO F.

<sup>19</sup> ANEXO G.

práticas religiosas, a exemplo de Cidinha, atuantes dentro da Igreja Católica e que buscam vivenciar as doutrinas ditadas pela instituição religiosa.

## 1.6 O CATÓLICO E O CATÓLICO PRATICANTE

Ao buscarmos compreender que Igreja Católica é essa, devemos também tentar interpretar o perfil dos católicos que frequentam essa instituição e que se reconhecem como tal. Pensando nos católicos brasileiros, deparamo-nos com duas dimensões bem definidas: ser católico ou ser católico praticante. A definição de católico é muito simplista e vaga, pois na maioria das vezes as pessoas não têm um cotidiano religioso. Ao serem perguntadas sobre a qual religião pertencem, declaram-se católicas, apesar de não praticarem o mínimo das obrigações exigidas pela Igreja, o que faz com que o número de católicos no Brasil predomine em relação a outras religiões.

Até hoje é também consensual a ideia de que “ser brasileiro é ser católico”, e as próprias estatísticas parecem confirmar estas duas tendências de qualificação de identidades. São inferiores a 2% os que afirmam “sem religião”, e mais de 80% os que se declaram católicos. Afirmações do tipo “eu sou crente” ou “sou católico, mas não pratico” são a síntese mais aguda de um trabalho simbólico que, no todo do universo ideológico do sagrado e no domínio específico de cada religião, ou de cada uma de suas formas variantes, obriga a uma classificação que vai separar justamente o sagrado do profano até o distinguir, entre os espaços sociais das religiões e Igrejas reconhecidas, as de quem fala (BRANDÃO, 1988, p. 33, destaque do autor).

Vale ressaltar que houve uma considerável queda no número de adeptos do catolicismo em toda a sua história, no entanto a maioria dos brasileiros ainda é católica. Podemos dizer que até os anos de 1980 o perfil da população religiosa brasileira era maciçamente católico, mas nos anos 80 e 90 houve mudanças consideráveis. Segundo Jacob (2003):

Entre 1980 e 1991, a supremacia católica começa a sofrer fissuras [...] o período de 1980 a 2000 se caracteriza por um amplo movimento de diversificação religiosa, ligado à redução do número de católicos (-15,1 pontos percentuais), a um forte aumento do número de evangélicos (+9 pontos), principalmente dos pentecostais, e a um expressivo crescimento das pessoas sem religião (+5,8 pontos) (JACOB, 2003, p. 9).

Para Neri (2011), que realizou pesquisa sobre o panorama da diversidade religiosa brasileira,

chegamos, em 2009, ao menor nível de adeptos ao catolicismo em nossa história estatisticamente documentada. A proporção de católicos que se mantinha constante no início da década passada (cerca de 74% da população nos anos 2000 e 2003), passa a 68,43% no final da década. Essa queda de 7,3% na taxa entre 2003 e 2009 foi combinada com aumento de outros grupos: a proporção de evangélicos cresce 13,13% no período (passa de 17,88% para 20,23% da população). Cresce também o grupo de pessoas que não possuem religião (de 5,13% para 6,72%, em 7 anos) (NERI, 2011, p. 45).

Esse Novo Mapa das Religiões foi divulgado pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas e teve como objetivo apresentar à sociedade brasileira uma estatística sobre as diferentes religiões no Brasil. Esse estudo foi realizado com base em uma perspectiva weberiana, no aspecto da relação entre religião e economia. Portanto, esse mapa é de suma importância para os estudiosos que elegem a religião como campo de estudo, especialmente para esta pesquisa, em virtude dos dados que traz acerca do feminino.

Nesse novo cenário religioso, percebemos uma mudança brusca: as mulheres são hoje menos católicas em relação a décadas passadas, pois questões primordiais como “contracepção, divórcio e aborto são tabus para a Igreja Católica, que tampouco incentivou sua conquista profissional” (Ibid., p. 22).

Vale, entretanto, enfatizar que estamos lidando com o católico praticante. Nosso objetivo é compreender o ambiente sócio-cultural político dos sujeitos, especialmente o das mulheres católicas praticantes. Ao nos referirmos ao católico estamos estabelecendo algumas características particulares que nos permitem classificá-lo como praticante da doutrina e de seus princípios e atos disciplinares, como participar todos os domingos da missa, colocar o(s) filho(s) na catequese, inserir o jovem em grupos de oração e/ou participar de uma pastoral ou movimento dentro da Igreja.

Ser “católico praticante” acentua no fiel traços de prática e de identidade a que o “católico por tradição” se sente desobrigado. Ao contrário do segundo, que, vimos, identifica-se como católico por se definir como sendo de uma religião mesmo quando não a pratica, o primeiro – ao estilo protestante – constrói sua identidade de católico através de reconhecer-se na religião por participar da Igreja. Mais frequente em seus cultos, ele modela a sua pessoa por uma observância mais motivada das crenças oficiais e das doutrinas de conduta da hierarquia religiosa (BRANDÃO, 1988, p. 53, destaques do autor).

Ao estudarmos as cartas encíclicas e apostólicas, o Catecismo da Igreja Católica, o Manual do Catequista, o informativo *O Vagalume*, o Diretório Nacional de Catequese, enfim,

as fontes documentais selecionadas para esta pesquisa, estamos estudando o discurso das autoridades religiosas direcionado aos católicos praticantes e as representações construídas sobre o feminino.

Quando as autoridades tradicionais da Igreja Católica traçam o perfil da identidade do “católico brasileiro”, é de um “católico praticante” que falam. Ativamente afiliado à Igreja, é através de realizar nela a sua pessoa religiosa que ele “é católico”; obediente aos preceitos da hierarquia de crença e culto, torna-se como leigo um seu porta-voz, e incorpora à sua conduta social – nunca com o teor de sectarismo militante de um pentecostal em exercício – os preceitos da Igreja (BRANDÃO, 1988, p. 54, destaques do autor).

E é tal contexto que entendemos as representações sociais e o imaginário social desses católicos. Portanto, nosso recorte por analisar as práticas discursivas e não discursivas evidenciam uma diversidade. A diversidade não é uma consciência ela é uma evidência, tal constatação permite eleger o grupo das catequistas da Diocese de Uberlândia. Esta escolha se justifica, pois são pessoas atuantes dentro da ação católica, conhecedoras da doutrina e mesmo assim percebemos que há um distanciamento entre os discursos da Igreja e as práticas religiosas, ou seja, muitas se desviam e outras silenciam diante da norma ditada pela Igreja Católica.

## 1.7 A CATEQUISTA ENTRE VOZES E SILÊNCIOS

As catequistas estão sob a liderança de uma figura masculina, mas nem por isso deixam de exercer poder. Assim como recebem ordens, também quebram as regras e os seus direcionamentos. Em paralelo às ordens que lhes são direcionadas, há também um desvio destas, havendo um jogo de poderes constante, o que acarreta um campo conflituoso de estudo. Percebemos que muitas catequistas manipulam, maquam, desviam-se das diretrizes religiosas, uma vez que muitas delas agem de maneira sutil e discreta, não acatando a todas as ordens superiores, ou acatando até certo ponto. Nesse sentido, comungamos da definição de poder foucaultiana:

Multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou

cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1988, p.102-103).

Assim, na realidade catequética, ora os catequistas são sujeitos que estão sob o controle de uma personalidade ou da instituição, ora exercem dominação sobre outros sujeitos que compõem o contexto religioso. O poder, na concepção de Foucault (1988), permite compreender como as práticas sociais funcionam, ou seja, poder não é uma teoria, não tem um único direcionamento, ora funciona de baixo para cima ora de cima para baixo. O poder vem de todos os lugares, “o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 1988, p. 103).

Portanto, o poder é complexo, pois é identificado e entendido nas relações. O poder se exerce em vários pontos e em várias esferas, o que o faz ser imprevisível e inconstante, entretanto essa dinâmica não o deixa sem miras ou objetivos.

A experiência como catequista da Diocese de Uberlândia me permite perceber a distância que há entre as normas catequéticas ditadas pela coordenação diocesana e a realidade da catequese nas paróquias. Além disso, é possível perceber também comportamentos e atitudes que denunciam certa infidelidade doutrinária por parte das mulheres catequistas. Portanto, tal constatação possibilita identificar formas de resistência e tentativas de dissociação das normas e regras ditadas.

Essa forma de resistência dos catequistas autoriza-nos a dizer que existe uma luta contra as formas de dominação que lhes são direcionadas. Essa resistência se dá na não submissão total às normas diocesanas ou em não seguir os comportamentos e atitudes semelhantes aos das personagens bíblicas, como Sara, Ester, Ana e Maria. Nesse sentido, o poder aqui identificado é aquele que se percebe no sujeito e entre os indivíduos, ou seja, nas relações sociais.

Na perspectiva de Foucault (1988), não há relações de poder sem resistência, pois uma não existe sem a outra. Ou seja, se as catequistas mostram que resistem ao modelo e às diretrizes ditadas pela Igreja é porque existe um jogo de poder por parte da instituição direcionado a essas fiéis. Falta de submissão, desobediência, indisciplina e subversão são pontos que iluminam e nos direcionam para podermos identificar as relações de poder ou jogos de poder dentro de um campo específico.

As catequistas são pessoas que estudam, ensinam e transmitem a doutrina católica, conforme rege o Catecismo da Igreja Católica. O catequista é aquela pessoa que explica ao

público leigo a fé católica. Esse ensinamento na maioria das vezes é direcionado às crianças e aos adolescentes, que por sua vez, ao serem inseridos na catequese, passam a ser denominados de catequizandos, classificados de acordo com a idade em cada etapa da catequese. No entendimento da Igreja, o catequista tem papel crucial na perpetuação da tradição:

Na tradição viva da oração, cada Igreja propõe aos fiéis, segundo o contexto histórico, social, cultural, a linguagem de sua oração: palavras, melodias, gestos, iconografia. Cabe ao Magistério discernir a fidelidade desses caminhos de oração à tradição da fé apostólica, e compete aos pastores e aos catequistas explicar seu sentido, sempre relacionando com Jesus Cristo (JOÃO PAULO II, 2000, p. 683).

Vale ressaltar que, para a Igreja, a catequese não se encerra nela mesma, mas é um processo permanente que dura a vida toda do católico, pois a formação é contínua. O termo catequese significa: “educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de iniciá-los na plenitude da vida cristã” (Ibid., p. 14).

Essa educação não pode ser ministrada por qualquer pessoa que se diga católica, pois a catequese é uma das principais prioridades que a Igreja tem. O papa ressalta essa responsabilidade exercida pelos líderes locais:

O papa João Paulo II, quando esteve pela primeira vez no Brasil, disse: “A catequese é uma urgência. Só posso admirar os pastores zelosos que em suas Igrejas procuram responder concretamente a essa urgência, fazendo da catequese uma prioridade” (MIGUEL JR., 2012, p. 18, destaque do autor).

Podemos afirmar com segurança que em um grupo de catequistas as mulheres são a maioria; há a presença de homens, mas em número bem menor. Ao fazer parte da Pastoral da Catequese da cidade de Uberlândia, percebo as principais características dessas mulheres. No geral, a maioria comporta o seguinte perfil: são casadas no civil e no religioso, mães e, diante de problemas familiares ou até dos dilemas no trabalho, buscam comportar-se de acordo com os parâmetros construídos pela Igreja, semelhantes ao modelo mariano, sendo pacientes, generosas e obedientes.

No entanto, quando olhamos para situações particulares, percebemos perfis diversos. Há catequistas que fogem um pouco a esse modelo ideal de mulher, mas que não deixam de ter sua devoção por Maria. Observamos uma realidade muito pequena, mas esta pode dizer muito de outras realidades católicas, em que atuam algumas catequistas divorciadas, outras



que vivem em segunda união, outras que vivem com o parceiro sem contrair o sacramento do matrimônio, outras ainda que expressam o desejo de não serem mães. Esses são apenas alguns exemplos que permeiam a realidade do meu cotidiano de catequista, mas que servem para apontar a duplicidade de certas condutas em relação às normas.

Sabemos que a Igreja, por intermédio do pároco da comunidade, tem consciência dessa realidade e, ainda assim, não impede que essas catequistas sejam divulgadores da palavra de Deus, pois cada caso é tratado em particular, conhecendo-se o motivo de cada uma e a situação em que se enquadra. No entanto, não se deixa de instruir cada catequista para que regularize sua situação diante da Igreja. Sabemos de casos de catequistas que foram impedidas de exercerem o serviço de educar em virtude de terem se divorciado. Um caso que presenciei foi a experiência da catequista E.<sup>20</sup>, que foi “convidada” pelo padre de sua antiga paróquia a deixar a pastoral da catequese em razão do fim de seu casamento. Esta se submeteu ao pedido de afastamento da pastoral, mas procurou outra paróquia que aceitasse sua condição de divorciada. Com base em tal caso, podemos identificar que além do trânsito de religiões entre as mulheres, há também o trânsito dentro das paróquias, muitas das vezes dependendo da postura e da conduta do diretor espiritual, no caso, o padre.

A Igreja, ao mesmo tempo em que reprime e dita regras, também abre suas exceções, pois conhece a realidade em que os fiéis vivem. Se a Igreja Católica fosse totalmente rígida em suas regras, perderia muitos fiéis, pois, por vários motivos, nem todos conseguem viver totalmente de acordo com a doutrina católica. Daí a Igreja dizer ser santa e pecadora, em razão dos diversos sujeitos que compõem sua estrutura.

No Módulo I da Escola Catequética da Diocese de Uberlândia tivemos como palestrantes e auxiliares M. G. e S. C., da Paróquia São Cristóvão; S. C. e V. de J., da Paróquia Cristo Redentor. No dia 20 de janeiro de 2014 houve a discussão do ministério da catequese dentro da igreja e a importância da pessoa do catequista dentro de cada comunidade, no entanto a catequista K., da paróquia Nossa Senhora da Abadia, reclamou da falta de participação do pároco no trabalho catequético. A discussão tomou vários rumos, até o momento em que a palestrante S. C. (S. C., 2004, informação verbal<sup>21</sup>) interrompeu a efervescência do debate e afirmou: “o catequista deve cobrar do pároco (padre) atitude em relação ao ministério catequético sim”. A palestrante foi bem enfática em sua afirmação, pois tinha plena convicção da catequese como um ministério que deveria ser respeitado como outro qualquer.

<sup>20</sup> Para manter o anonimato das personagens observadas, utilizaremos apenas as iniciais de seus nomes.

<sup>21</sup> Informação verbal colhida em observação participante, em janeiro de 2004, na cidade de Uberlândia.

Esse episódio nos leva a perceber que as mulheres estão ali não apenas como meras ouvintes, mas como participantes ativas dentro de sua realidade religiosa. E. S. (2004, informação verbal<sup>22</sup>) complementa sua assertiva: “catequista deve tomar decisões”. Para ela, o catequista, em sua realidade comunitária, deve ter plena consciência de suas atitudes como evangelizador e também como sujeito social, colocando-se a favor ou contra determinados assuntos. Ainda nesse dia foi discutida a identidade e a missão do catequista e ressaltados os seguintes pontos: ser catequista é vocação, o catequista é servidor da palavra, o catequista é educador da fé e mensageiro de Jesus Cristo, o Salvador, tendo como principais características ser servil, dócil, educador, sensível e obediente.

No dia 21 foi apresentado um breve histórico da catequese, desde a época patrística até os dias atuais. Houve um destaque para a catequese pós-Vaticano II, quando tivemos grande expansão da catequese em seu serviço de evangelização. Falou-se muito em catequese renovada e em seus principais pontos de destaque. Houve um comparativo da experiência dos catequistas com os catequizandos, buscando identificar quais aspectos sofreram modificação. A catequista A., da paróquia São Francisco de Assis e Santa Clara, relatou sua experiência e denunciou: “eu fui reprovada na catequese, pois não sabia rezar a Salve-Rainha” (A., 2004, informação verbal<sup>23</sup>).

Nesse momento foi enfatizada a necessidade de que a catequese se desvincule da ideia de funcionar como uma escola que utiliza métodos avaliativos, como prova, reprovação e tarefa para casa. Ao contrário, as catequistas deveriam, segundo as palavras destas, buscar aproximar a vida dos catequizandos da palavra de Deus, ou seja, colocar em prática o método da interação fé e vida. Com base no testemunho da catequista A. e de outras percebemos que há resquícios de uma catequese tradicional, conservadora, que foi vivenciada por elas. Além do depoimento de A., outras contaram que havia o esquema de perguntas e respostas para saber se elas estavam ou não preparadas para receberem o sacramento da eucaristia.

Nesse dia houve catequistas que, mesmo diante de tantas recomendações de renovação e mudança na metodologia de ensino, ainda defendiam a utilização do tradicional sistema de catequese, pois criticavam o fato de se falar muito em renovação e inovação, mas na prática notavam detalhes e particularidades de uma catequese engessada aos moldes antigos.

As palestrantes, diante de tantos depoimentos, viram a necessidade de enfatizar que catequista não é professor, que na catequese não se usa livro como na escola e que determinados manuais já deveriam ter sido banidos da ação catequética, mas ainda persistem

---

<sup>22</sup> Informação verbal colhida em observação participante, em janeiro de 2004 na cidade de Uberlândia.

<sup>23</sup> Informação verbal colhida em observação participante, em janeiro de 2004 na cidade de Uberlândia.

na realidade uberlandense. Destacou-se o documento Catequese Renovada, do ano de 1983, que ainda não foi colocado em prática em sua totalidade e, para surpresa da coordenação diocesana, muitos catequistas afirmaram que não conheciam tal documento.

Foi possível constatar nas observações realizadas nos dias em que ocorreu o Módulo I da Escola Catequética da Diocese de Uberlândia que, se comparada a outras Dioceses, os métodos da catequização em Uberlândia parecem ser ainda os tradicionais, mesmo que haja uma busca pelos métodos mais modernos.

Enfim, a catequização tradicional/conservadora ainda é muito forte na “cidade do progresso”. Uberlândia mostra que busca manter os antigos costumes mesmo diante do processo de modernização que o país vivencia. De um lado temos discursos, ideias inovadoras, mas do outro lidamos com pessoas e instituições conservadoras, ou seja, há uma contradição permanente no cenário religioso da cidade.

Passaremos agora a tratar de alguns documentos do pontificado de João Paulo II. Em relação aos documentos selecionados. Ao analisá-los, percebemos que é possível identificar a reafirmação de valores sexistas e patriarcais, mesmo diante das mobilizações de mulheres católicas dentro da perspectiva da Teologia Feminista.

## 2 REPRESENTAÇÕES DA MULHER E DO FEMININO EM DOCUMENTOS ECLESIAÍSTICOS

A este respeito, gostaria de manifestar particular gratidão às mulheres empenhadas nos mais distintos setores da atividade educativa, para além da família: infantários, escolas, universidades, instituições de assistência, paróquias, associações e movimentos. [...] Nesse trabalho, elas realizam uma forma de maternidade afetiva, cultural e espiritual, de valor realmente inestimável, pela incidência que tem no desenvolvimento da pessoa e do futuro da sociedade. E como não lembrar aqui o testemunho de tantas mulheres católicas e de tantas congregações religiosas femininas, que, nos vários continentes, fizeram da educação, especialmente dos meninos e meninas, o seu principal serviço? (JOÃO PAULO II, 1995, p. 4).

Este capítulo tem por finalidade analisar de forma sistemática os documentos eclesiais selecionados para esta pesquisa. As fontes documentais revelam uma Igreja contemporânea situada entre dois polos, duas posições – conservadora e sensível às mudanças da sociedade. Antes de entrar na análise propriamente dita dos discursos contidos em tais fontes, devemos esclarecer a metodologia empregada. Em razão da amplitude da coletânea – *Homem e mulher o criou: catequeses sobre o amor humano* – e das demais fontes documentais, construímos uma tabela com os seguintes conceitos: igreja, doméstico, feminino, masculino, família, sexualidade, mulher e homem. Os conceitos foram identificados em cada fonte documental: cartas, catecismo, o manual do catequista e a coletânea das catequeses sobre o “amor humano”. Com essa metodologia visamos problematizar certos termos e expressões, de forma a desnaturalizá-los e compreendê-los como conceitos que podem ser historicizados, segundo os significados que adquirem ao longo do tempo ou em circunstâncias específicas.

Vale ressaltar que, ao realizar a leitura da coletânea sobre as catequeses, sentimos dificuldades significativas, uma vez que a coletânea apresenta 129 discursos/catequeses, que praticamente têm o mesmo embasamento bíblico, tornando a leitura extensa e cansativa. A estrutura da coletânea se divide em seis ciclos temáticos. Todos apresentam uma introdução geral do que será tratado naquele ciclo e, logo em seguida, outra introdução à edição italiana, pois essa obra chegou às livrarias brasileiras depois de vinte anos da primeira edição.

O conteúdo do texto é denso e de difícil compreensão, tendo sido necessário realizar inúmeras leituras da mesma catequese para se tentar chegar a uma compreensão para posteriormente podermos fazer nossa crítica histórica. O filósofo Semen (2004) nos apresenta a metodologia em que as catequeses foram escritas: de forma circular e não linear.

De fato, ele [João Paulo II] avança de uma forma que não é linear, mas antes, de certo modo, circular. Efetua um primeiro desenvolvimento e depois retoma-o alargando e aprofundando a perspectiva. Isto dá a impressão de que se está a repetir, quando, na verdade, esta a abordar a mesma realidade sob um outro ângulo. Já houve quem comparasse a forma como progride ao desenvolver o seu pensamento a uma sucessão de vagas em que a seguinte cobre e, ao mesmo tempo, ultrapassa a precedente. E há quem reconheça nisso um estilo de pensamento tipicamente eslavo. É possível. Em todo o caso, já era esse o método do padre Karol Wojtyła, professor na Universidade Católica de Lublin, que tanto entusiasmava os seus alunos como, por vezes, os desconcertava. As suas aulas eram meditações: tratava um tema e depois retomava-o de uma outra forma, sem notas. Oralmente, é apaixonante, porque vivo: vê-se uma inteligência em ação. Por escrito, pelo contrário, é desconcertante e muito mais difícil de apreender (SEMEN, 2004, p. 44).

Durante o pontificado de João Paulo II e mesmo antes deste já existia o costume das audiências gerais acontecerem entre os bispos, que eram momentos para uma breve conversa entre estes sobre diversos temas. Aproveitando esses momentos de conversa, João Paulo II decidiu que estes seriam encontros catequéticos continuados, ou seja, a cada quarta-feira seria tratado um tema que estivesse em comunhão com o tema do “amor humano”.

Nas palavras de Semen (2004, p. 42): “foi João Paulo II quem, pela primeira vez, escolheu consagrá-las à exposição sistemática de uma catequese contínua, começando pela exposição da sua teologia do corpo”. Segundo o autor, o papa não tinha a intenção de organizar essas catequese na forma de um livro. No entanto, em sua última audiência, manifestou seu desejo de reunir todas as catequese e deu-lhe um título que as englobava.

O conjunto das catequese, que iniciei há quatro anos e que hoje concluo, pode ser compreendido sob o título “O amor humano no plano divino” ou, com mais precisão: “A redenção do corpo e a sacramentalidade do matrimônio” (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 526, destaques do autor).

Em virtude da metodologia adotada pelo pontífice João Paulo II, o mesmo conceito estar presente em várias catequese, iremos abordá-los de forma ampla, apresentando o pensamento do papa. Para isso é preciso “amarrar” várias catequese para que se possa chegar a uma compreensão do conceito desenvolvido. Dessa maneira, não iremos apresentar a análise particular de cada catequese, mas agrupar aquelas que estão próximas por um conceito em comum e com base em tal arranjo elaborar nossa leitura. Vale ressaltar que não iremos citar trechos de todas as catequese, mas sim trechos que exemplifiquem nossos argumentos.

Nossa metodologia foi a seguinte: identificamos o conceito mulher nas catequese VIII, XIX, XXI, XXXVIII e LXXXII. A partir daí analisamos o conceito na ótica do

sacerdote, englobando todas as catequese que se referem a este. Ressalto que há outras catequese que se referem ao conceito mulher, no entanto escolhemos aquelas que possibilitaram um maior diálogo com nossa pesquisa.

Em razão da extensão da coletânea e do tempo de duração para a elaboração desta, podemos dizer que não houve o reconhecimento esperado, pois esse foi “o mais longo dos ensinamentos fornecidos por um papa” (SEMEN, 2004, p. 47).

A escolha dos conceitos-chave se deu pela sua repetição nas fontes documentais, e também porque são conceitos ímpares na análise de gênero, uma vez que possibilitam uma maior visão das desigualdades de gênero dentro da conjuntura católica. Esses conceitos conduziram nossa análise e nortearam nossas perguntas. Vale mencionar a estrutura deste capítulo: ele foi dividido em duas partes, sendo que na primeira fizemos a análise conjunta das Cartas, do Catecismo da Igreja Católica e do Manual do Catequista, e na segunda analisamos as catequese sobre o amor humano. Porém essa divisão é apenas organizacional, já que um mesmo conceito está presente em todos os documentos, estabelecendo um elo de ligação entre todas as fontes. Nesse sentido, os conceitos não são isolados e necessariamente se referem a vários assuntos.

## 2.1 A CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CINCO CARTAS E NO CATECISMO

As representações de mulheres nas cartas encíclicas/apostólicas e no CIC são construídas como figuras atreladas à família, a maternidade, ao matrimônio e à doação. Estas são instigadas a assumir um modelo ideal de mulher: Maria. Essa imagem da mulher ideal que a Igreja busca constantemente enfatizar e reproduzir é o modelo divulgado também na contemporaneidade e aqui escolhemos, especificamente, a cidade de Uberlândia. Em seguida procuramos identificar os discursos presentes nos documentos escritos para uma totalidade de católicos no mundo inteiro, para finalmente compreender como esses documentos são eficazes para um público específico.

Para a Igreja Católica e o discurso social, em geral, os conceitos “feminino” e “masculino” estão dados e acabados e o feminino da tradição católica está referendado em figuras bíblicas que carregam atributos mais nobres aos olhos da doutrina, como o de ser mãe e esposa.

Em sua exortação apostólica, *A missão da família cristã no mundo de hoje*, o papa João Paulo II embasa sua reflexão em dois conceitos: família e matrimônio. Ambos são defendidos pelo pontífice praticamente em todos os seus escritos, até mesmo aqueles que não foram selecionados nesta pesquisa. No início da exortação, o papa reconhece as transformações e as mudanças por que passou a sociedade contemporânea, no entanto, para ele a estrutura familiar deve permanecer fiel aos valores tradicionais da instituição, ou seja, esses valores estão ancorados na vida conjugal, formada por casal heterossexual e que tem o objetivo de gerar filhos. Nas palavras do papa:

Consciente de que o matrimônio e a família constituem um dos valores mais preciosos da humanidade, a Igreja quer fazer chegar sua voz e oferecer ajuda aos que – conhecendo já o valor do matrimônio e da família – procuram vivê-lo fielmente; a quem, incerto e ansioso, anda à procura da verdade; e a quem está impedido de viver livremente o próprio projeto familiar. Sustentando os primeiros, iluminando os segundos e ajudando os outros, a Igreja oferece o seu serviço a cada homem interessado nos caminhos do matrimônio e da família (JOÃO PAULO II, 1981/2010a, p. 3).

Nessa perspectiva, a Igreja Católica assume a responsabilidade de produzir e reproduzir um modelo de família cristã, desde aquelas que estão de acordo com as normas até as que não pertencem a esse padrão, ou seja, aquelas que têm desvios em suas condutas. A Igreja acolhe a todos os fiéis, independentemente da situação em que se encontram, mas logo em seguida apresenta o caminho certo a ser seguido. Nessa exortação é feito um estudo das diferentes situações em que várias famílias se encontram; famílias que vivem fora dos padrões preditos pela Igreja. No trecho abaixo identificamos elementos tidos como negativos e que colocam a família fora dos costumes tradicionais da Igreja.

Contudo, não faltam sinais de degradação preocupante de alguns valores fundamentais: uma errada concepção teórica e prática da independência dos cônjuges entre si; as graves ambiguidades acerca da relação de autoridade entre pais e filhos; as dificuldades concretas, que a família muitas vezes experimenta na transmissão dos valores; o número crescente de divórcios; a praga do aborto; o recurso cada vez mais frequente à esterilização; a instauração de uma verdadeira e própria mentalidade contraceptiva (Ibid., p.11).

“Sinais de degradação”, nos termos de Foucault (1988), representam a produção do desvio da norma. Questões como o fato de que as mulheres não queiram engravidar; a violência doméstica, que muitas vezes as obriga a conviver com um parceiro violento; a violência sexual, que acarreta uma gravidez indesejada; a opção de não ser mãe, essas são

condições em que muitas mulheres se encontram nos dias de hoje, no entanto o discurso do papa se pauta em uma postura arcaica, sem avanços para a esfera do feminino.

Diante da realidade social contemporânea, o papa reafirmou valores tradicionais, para as mulheres não houve nenhuma mudança, pelo contrário, o que houve foi uma confirmação daquilo que a Igreja já havia divulgado em anos anteriores. João Paulo II estabeleceu a relação entre feminilidade, maternidade e família, relação essa atrelada ao modelo ideal de mulher representado pela imagem de Maria, uma vez que, o modelo serve para normatizar e normalizar.

As reivindicações das feministas católicas foram ignoradas e deixadas de lado, uma vez que o papa apresentava características de uma personalidade conservadora.

Nos começos da década de 80, João Paulo revelou-se um papa mais autoritário do que o colegial; estava muito mais inclinado a deter firmemente as rédeas do poder do Vaticano e em seu ofício papal do que conceder autoridade e maior poder decisório às dioceses e Igreja local. Essa tendência não era mero cacoete de sua personalidade ou mesmo de sua história pessoal (CORNWELL, 2005, p. 114).

No desenvolver de sua exortação o papa coloca a questão da sexualidade humana. Esta só poderá ser desenvolvida dentro do contexto do matrimônio, no qual o homem e a mulher se doam totalmente até o fim de suas vidas, e esse compromisso entre ambos terá suas exigências, sendo uma delas a fecundidade. Caso homem ou mulher não tenham vocação para o matrimônio, estes deverão viver uma vida consagrada ao serviço a Deus, pois não existe outro modo de viver fora do matrimônio ou da virgindade. Essa é a concepção do papa, mas a realidade das famílias contemporâneas abarca outros modelos de vida. E o mais interessante dessa exortação é que o papa conhece esses modelos variados e apresenta soluções não compatíveis com a realidade.

Não devem todavia esquecer-se de que, mesmo quando a procriação não é possível, nem por isso a vida conjugal perde o seu valor. A esterilidade física, de fato, pode ser para os esposos ocasião de outros serviços importantes à vida da pessoa humana, por exemplo a adoção, as várias formas de obras educacionais, a ajuda a outras famílias, às crianças pobres ou deficientes (JOÃO PAULO II, 1981/2010a, p. 24).

Nesse trecho o papa apresenta várias soluções para um casal estéril, no entanto não menciona métodos de fecundação (inseminação, fecundação artificial e outras), pois para o pensamento católico o único método de fecundação é o tradicional, ou seja, aquele feito por



homem e mulher no ato sexual. Em conformidade com essa exortação, cito um trecho do Catecismo da Igreja Católica.

As técnicas que provocam uma dissociação do parentesco, pela intervenção de uma pessoa estranha ao casal (doação de esperma ou de óvulos, empréstimo de útero), são gravemente desonestas. Estas técnicas (inseminação e fecundação artificiais heterólogas) lesam o direito da criança de nascer de um pai e de uma mãe conhecidos dela e ligados entre si pelo casamento (JOÃO PAULO II, 2000, p. 615).

Em ambos os trechos a Igreja mantém uma postura conservadora e as opções apontadas pelo papa, adoção e ajuda a outras famílias, não descarta a vontade que algumas mulheres têm de serem mães, de terem a possibilidade de gerar um filho ainda que por meio dos métodos de fecundação artificiais, condenáveis pelo pontífice, consideradas desonestas.

Dentro da conjuntura familiar a figura central, sem sombra de dúvida, é a mulher, pois o contexto da casa, do lar, da família, do privado é responsabilidade dela, enquanto o contexto público está direcionado ao homem. O papa apresenta a relação entre mulher e sociedade, reconhecendo as desigualdades sociais que as mulheres sofrem na sociedade contemporânea.

Sem entrar agora a tratar em seus vários aspectos o amplo e complexo tema das relações mulher-sociedade, mas limitando essas considerações a alguns pontos essenciais, não se pode deixar de observar como, no campo mais especificamente familiar, uma ampla e difundida tradição social e cultural tenha pretendido confiar à mulher só a tarefa de esposa e mãe, sem a estender adequadamente às funções públicas, em geral reservadas ao homem (JOÃO PAULO II, 1981/2010a, p. 40).

No trecho a seguir percebemos que o papa ressalta a importância de se manter a mulher no espaço doméstico: “Portanto, a Igreja pode e deve ajudar a sociedade atual pedindo insistentemente que seja reconhecido por todos e honrado no insubstituível valor o trabalho da mulher em casa” (JOÃO PAULO II, 1981/2010a, p. 41). Aqui percebemos o reconhecimento por parte do papa em relação do espaço da mulher dentro do lar, cujo valor deve ser reconhecido e produzido por todos, tendo a Igreja a tarefa de ajudar a sociedade a ter essa função. Sabemos que não é um mero reconhecimento, é uma tecnologia de gênero em operação.

É interessante observar que a mulher deve ser honrada no espaço de sua casa, pois o papa alerta para a necessidade de superar a mentalidade de que a honra da mulher vem do trabalho fora de casa, ou seja, as mulheres são incentivadas a ocupar o espaço doméstico e a sociedade deve aprender a honrar esse trabalho.

A última parte dessa exortação é dedicada à Pastoral Familiar e como esta deve ser organizada nas paróquias particulares. Essa pastoral inicia seu trabalho com os noivos, preparando-os para receber o sacramento do matrimônio. Depois esse trabalho continua no pós-matrimônio, ou seja, o trabalho é contínuo, não tem um ponto final. Nessa exortação o papa apresenta um tópico intitulado *A Pastoral Familiar nos casos difíceis*, que seriam os seguintes: o matrimônio à experiência, uniões livres de fato, católicos unidos só em matrimônio civil, separados e divorciados sem segunda união e divorciados que contraem nova união. Todos esses casos são a realidade de muitos casais que praticam a fé católica, no entanto, segundo o papa, a Pastoral Familiar deveria orientar tais casais a seguir as normas ditadas pela Igreja. Aqueles casais que encaram o matrimônio como uma experiência devem regularizar sua situação diante da Igreja Católica. Os casados apenas no civil também devem contrair o sacramento do matrimônio. O papa, portanto, não mudou em nada a postura da Igreja, o que fez foi reconhecer a diversidade de casais católicos e incentivá-los a estar de acordo com a doutrina católica. Nas palavras de João Paulo II (1981/2010a):

A Igreja, contudo, reafirma a sua práxis, fundada na Sagrada Escritura, de não admitir à comunhão eucarística os divorciados que contraíram nova união. Não podem ser admitidos, do momento em que o seu estado e condições de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja, significada e realizada na Eucaristia. Há, além disso, um outro peculiar motivo pastoral: se se admitissem essas pessoas à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos em erros e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio (JOÃO PAULO II, 1981/2010a, p. 147).

A Igreja Católica acolhe sujeitos independentemente das condições em que os casais se encontram, entretanto os deixa de fora dos sacramentos. Como uma mãe, a Igreja acolhe a todos seus filhos, mas nem todos têm o mesmo privilégio, pois uns são diferentes dos outros no quesito de obediência às regras e normas que a instituição religiosa estabelece.

Essa figura maternal é representada por Maria, a serva de Deus. João Paulo II escreve a carta encíclica denominada *A Mãe do Redentor* para reafirmar que Maria merece lugar de destaque pela sua participação no plano da salvação, por isso sua presença na Igreja é constante. Essa encíclica tem por objetivo exaltar sua participação no plano de Deus por meio de Jesus Cristo em virtude de sua obediência, pois ela é aquela que disse sim sem hesitar.

Nessa carta o papa estabelece o modelo ideal de mulher a ser seguido por todos: Maria, símbolo do feminino.

Pode, portanto, afirmar-se que a mulher, olhando para Maria, nela encontrará o segredo para viver dignamente a sua feminilidade e levar a efeito a sua verdadeira promoção. À luz de Maria, a Igreja lê no rosto da mulher os reflexos de uma beleza, que é espelho dos mais elevados sentimentos que o coração humano pode albergar: a totalidade do dom de si por amor; a força que é capaz de resistir aos grandes sofrimentos; a fidelidade sem limites, a operosidade incansável e a capacidade de conjugar a intuição penetrante com a palavra de apoio e encorajamento (JOÃO PAULO II, 1987, p. 89).

Percebemos que Maria ocupa lugar de destaque na doutrina católica, especialmente quando o assunto é a mulher e os espaços que a ela são reservados. Aí sim, ela é exaltada, tendo a submissão e o serviço como características essenciais para as mulheres. Quando o papa escreve acerca da atuação de Maria, subentende que ela esteja acima dos doze apóstolos de Cristo, como podemos comprovar no seguinte trecho: “E assim, Maria Mãe tornava-se, em certo sentido, a primeira ‘discípula’ do seu Filho, a primeira a quem ele parecia dizer: ‘Segue-me’, mesmo antes de dirigir esse chamamento aos apóstolos ou a quaisquer outros” (Ibid., p.39, destaques do autor). Mesmo diante de tal importância, à Maria são destinadas praticamente as qualidades de serva e mãe, no entanto qualidades como autonomia e liderança são ignoradas pela Igreja. Isso ocorre em razão da visão patriarcal por parte da Igreja Católica em relação ao feminino.

Nesse sentido, a categoria gênero como instrumento de análise permite desconstruir essa imagem de servidão que Maria carrega. E essa desconstrução da visão patriarcal em relação à Maria deve ser feita, uma vez que as mulheres católicas da contemporaneidade enxergam em Maria apenas sofrimento e resignação, e não percebem outras características da personagem bíblica, como, por exemplo, a autonomia de escolha em ser mãe em uma sociedade patriarcal. Enfim, a categoria gênero permite ver o quanto a personagem constrói, reforça, reitera uma imagem que a Igreja, mesmo na contemporaneidade, reserva às mulheres.

Outro ponto interessante nessa encíclica é a analogia que o papa faz em relação à Maria e à Igreja. Além de ser o essencial feminino, Maria é comparada com a instituição religiosa. Assim como Maria peregrinou com Jesus em terras estrangeiras, a Igreja também tem a missão de evangelizar em todas as partes do mundo, tendo como foco a evangelização de todos os povos.

Mas o mistério da Igreja consiste também em gerar os homens para uma vida nova e imortal: é a sua maternidade no Espírito Santo. E nisto, Maria não é só modelo e figura da Igreja; mas é muito mais do que isso. Com efeito, “ela coopera com amor de mãe para a regeneração e formação” dos filhos e filhas da mãe Igreja (JOÃO PAULO II, 1987, p. 84).

A Igreja descobre em Maria sua vocação terrena, ela deve ser a mãe terrena de todos os católicos. Por isso a insistência do papa em comparar a Igreja com Maria, pois a instituição religiosa também deve ser obediente a Deus, e o representante de Deus na terra é o papa. Dessa maneira o papa consegue tornar seu discurso uma verdade. O CIC vem confirmar essa característica de submissão por parte de Maria:

Ao pronunciar o “fiat” (faça-se) da Anunciação e ao dar seu consentimento ao Mistério da Encarnação, Maria já colabora para toda a obra que seu Filho deverá realizar. Ela é Mãe onde Ele é Salvador e Cabeça do Corpo Místico. Depois de encerrar o curso de sua vida terrestre, a Santíssima Virgem Maria foi elevada em corpo e alma à glória do Céu, onde já participa da glória da ressurreição de seu Filho, antecipando a ressurreição de todos os membros de seu corpo (JOÃO PAULO II, 2000, p. 275).

Nesse trecho percebemos o grau de elevação que Maria adquire a partir dessa construção, pois ela recebe o título de Santíssima, ou seja, não é simplesmente uma mulher santa, mas santíssima, isso confere à Maria um poder dentro da Igreja.

No dia 15 de agosto de 1988, João Paulo II lançou a carta apostólica *A dignidade e a vocação da mulher*, com o objetivo de apresentar qual é a “verdadeira dignidade” da mulher na concepção da Igreja. Com a leitura de todas as fontes documentais, acredito que essa carta seja a que mais apresenta um discurso plausível e em concordância com o mundo contemporâneo, cujos problemas que atingem o feminino são discutidos de maneira mais eficiente. O papa reconhece que as mulheres estão mais atuantes nos espaços públicos, ou seja, percebe a participação ativa destas em vários setores da sociedade. Quanto à participação das mulheres dentro da Igreja, ressalta que a maioria dos fiéis é formada por mulheres, no entanto estas continuam a ocupar os antigos papéis. Limpar a Igreja, secretariar o padre e ministrar encontros de catequese são as formas de ter maior participação feminina. Quando muito as mulheres atingem um cargo de coordenação pastoral ou o ordenamento em alguma ordem religiosa, mas todas essas representações são vinculadas em relação assimétrica ao padre ou bispo da diocese a que estas pertencem.

No início da carta o papa apresenta dois modos do ser humano: feminino ou masculino, não sendo possível nascer homem e viver como mulher, o que contraria a definição de gênero, com a qual compreendemos que as identidades sexuais não são fixas e podem transitar nos sujeitos.

No pensamento católico não há reconhecimento ou aceitação em relação à diversidade sexual, opções sexuais pelo mesmo sexo são consideradas pelo discurso católico como

contrárias a “vontade de Deus”, sendo classificadas como pecado, distúrbio, heresias. Como podemos constatar no fragmento do Catecismo da Igreja Católica:

A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. [...] Apoando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que os “atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados”. São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados (JOÃO PAULO II, 2000, p. 610).

A Carta vem ressaltar a vontade do Criador de fazer o homem apenas como masculino e feminino. A doutrina católica condena a diversidade e a pluralidade sexual.

Trata-se de compreender a razão e as conseqüências da decisão do Criador de fazer existir o ser humano sempre e somente como mulher e como homem. Somente a partir destes fundamentos, que consentem colher em profundidade a dignidade e a vocação da mulher, é possível falar de sua presença ativa na Igreja e na sociedade (JOÃO PAULO II, 1988/2005a, p.7).

Mais adiante, o papa reafirma a posição sexista que a Igreja tem. “De fato, o ser humano, homem ou mulher, criado à imagem e semelhança de Deus, não pode realizar-se fora da dimensão desta imagem e semelhança” (Ibid., p. 19). A Carta apresenta aquilo que é essencial ao feminino, que é a maternidade.

Portanto, a “plenitude de graça”, concedida à Virgem de Nazaré, em vista do seu tornar-se “Theotókos”, significa, ao mesmo tempo, a plenitude da perfeição daquilo “que é feminino”. Encontramos-nos aqui, em certo sentido, no ponto culminante, no arquétipo da dignidade pessoal da mulher (Ibid., p. 17, destaques do autor).

Nesse sentido, Maria torna-se perfeita, pois aceitou a maternidade como forma de servidão a Deus. A Igreja define o que é feminino pela capacidade de gerar filhos; a maternidade é uma característica apenas do feminino. As categorias femininas e masculinas devem estar em harmonia, uma se doando à outra, pois dessa maneira estarão vivendo sua “verdadeira humanidade”. Essa ideia está expressa no trecho abaixo:

Na base do princípio do recíproco ser “para” o outro, na “comunhão” interpessoal, desenvolve-se nesta história a integração na própria humanidade, querida por Deus, daquilo que é “masculino” e daquilo que é “feminino”. Os textos bíblicos, começando pelo Gênesis, permitem-nos

reencontrar constantemente o terreno no qual se enraíza a verdade sobre o homem, um terreno sólido e inviolável em meio a tantas transformações da existência humana (JOÃO PAULO II, 1988/2005a, p. 27).

Essa carta apresenta um avanço para a esfera do feminino, pois homens e mulheres são colocados em mesmo nível de igualdade, entretanto as diferenças sexuais são colocadas como fundamentais. Quando o papa insere o termo dignidade ele tem a intenção de afirmar a igualdade entre os sexos. Nesse sentido, a dignidade é particular a cada um. No caso das mulheres, a virgindade e a maternidade são duas dimensões que determinam a dignidade destas.

Ao colocar a maternidade como essencial àquilo que é feminino, ressalta a diferenciação dos sexos, o que nos leva a considerar que essa visão não é compatível com a abordagem que a categoria gênero coloca, mas sim com uma abordagem extremamente religiosa, como se pode conferir no trecho abaixo:

Considera-se comumente que a mulher, mais do que o homem, seja capaz de atenção à pessoa concreta, e que a maternidade desenvolva ainda mais esta disposição. O homem – mesmo com toda a sua participação no ser pai – encontra-se sempre “fora” do processo da gestação e do nascimento da criança e deve, sob tantos aspectos, aprender da mãe a sua própria “paternidade”. Isto – pode-se dizer – faz parte do dinamismo humano normal do ser genitores, também quando se trata das etapas sucessivas ao nascimento da criança, especialmente no primeiro período. A educação do filho, globalmente entendida, deveria conter em si a dúplici contribuição dos pais: a contribuição materna e paterna. Todavia, a materna é decisiva para as bases de uma nova personalidade humana (Ibid., p. 70, destaques do autor).

Primeiramente a mulher deve desempenhar o seu papel/função maternal e depois deve cuidar do filho por toda a sua vida e, ainda, ensinar ao homem a ser pai. Enfim, a maternidade é um adjetivo inseparável do feminino.

Na concepção de João Paulo II, a mulher já tem um instinto para a maternidade, uma vez que o ser feminino carrega essa habilidade. Habilidade que se estende à educação dos filhos, mesmo tendo o homem como figura paterna atuante. Segundo o pontífice, o pai não tem a mesma capacidade da mãe, ou seja, o contexto familiar deve recair mais sobre a responsabilidade da mulher do que de seu esposo. É contraditório o discurso do papa, pois diante de tantos reconhecimentos que ele dá às mulheres, prevalece a ideia de que o contexto do lar é espaço de domínio feminino.

Segundo o pensamento de João Paulo II, a maternidade está integrada à vida material e espiritual da mulher, ou seja, ser mulher é definido pelas características biológicas, e não uma

construção social. Na história dos concílios ecumênicos – que foram 21 ao todo, sendo que destes 11 abordaram a personagem bíblica Maria –, o primeiro a se referir à Maria foi o Concílio de Éfeso (III Ecumênico, 431), afirmando que Maria gestou um Deus, e o último que não deixou de mencionar as virtudes marianas foi o Concílio Vaticano II.

Badinter (1985) ajuda a pensar como o mito foi construído historicamente.

Hoje, uma mulher pode desejar não ser mãe: trata-se de uma mulher normal que exerce a sua liberdade, ou de uma enferma no que concerne às normas da natureza? Não teremos, com excessiva frequência, tendência a confundir determinismo social e imperativo biológico? Os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos. Por que não poderíamos admitir que quando não é valorizado por uma sociedade, e portanto não valoriza a mãe, o amor materno não é mais necessariamente desejo feminino? (BADINTER, 1985, p. 16).

Segundo Badinter (1985), a maternidade na sociedade burguesa é um tema do sagrado e tem Maria como símbolo desse amor incondicional. Para a autora uma mulher tem a possibilidade de decidir se vai ser mãe ou não, e isso não coloca sua felicidade ou realização pessoal em jogo. O amor materno toma configurações no fim do século XVIII, cuja imagem da mãe é trabalhada na perspectiva do amor espontâneo de toda mãe pelo filho. Nessa conjuntura a personagem bíblica Eva vai sendo substituída por Maria.

A mulher não é mais identificada à serpente do Gênesis, ou a uma criatura astuta e diabólica que é preciso pôr na linha. Ela se transforma numa pessoa doce e sensata, de quem se espera comedimento e indulgência. Eva cede lugar, docemente, à Maria. A curiosa, a ambiciosa, a audaciosa metamorfoseia-se numa criatura modesta e ponderada, cujas ambições não ultrapassam os limites do lar (Ibid., p. 176).

A imagem da nova mãe começa a ser trabalhada nos séculos XVIII, XIX e XX. Essa nova imagem coloca a mulher como a rainha do lar, tendo-o como seu espaço de atuação e devendo ser comparada a uma santa. A festa da Assunção da Virgem Maria foi criada em 1950 pelo papa Pio XII. Badinter (1985) pergunta se tal criação está em consonância com o objetivo de propagar essa nova imagem da mãe.

O modo como se fala dessa “nobre função”, com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a “vocação” ou o “sacrifício” materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criara o hábito de pensar que toda boa mãe é uma “santa mulher”. A padroeira natural dessa nova mãe é a Virgem Maria, cuja vida inteira testemunha seu devotamento ao filho. Terá

sido por acaso que o século XIX a glorificou, criando a festa da Assunção? (BADINTER, 1985, p. 223, destaques do autor).

De acordo com um debate feminista, ser mulher não é definido pela condição de ser mãe, pois a habilidade da maternidade é apenas uma contingência eventual e não uma condição do feminino. Esse aspecto nos mostra a contradição do discurso do papa, pois uma Igreja que reconhece as transformações que as mulheres provocaram nos últimos tempos ainda mantém uma postura arcaica em relação ao feminino, sem correspondência com o que foi dito anteriormente.

A Igreja Católica e a sociedade burguesa têm uma postura de exclusão em relação às mulheres com outra perspectiva em relação à maternidade, pois o ser mãe torna-se um condicionante para a definição de ser mulher. Portanto, percebemos que a Igreja e outras instituições sociais ainda mantêm um discurso voltado para um tipo de mulher ideal, semelhante à Maria. Mesmo diante de tantas diversidades, a Igreja Católica parece não ter conseguido lidar com esses embates, pois a realidade contemporânea apresenta outros rostos femininos diferentemente do modelo de Maria.

Foucault (1988) também ajuda a pensar os lugares reservado às mulheres, afirmando que a família do século XIX é um núcleo no qual há uma “rede de prazeres-poderes articulados segundo múltiplos pontos e com relações transformáveis” (Ibid., p. 53), tendo como objetivo o silêncio do sexo, uma sexualidade contida, hipócrita, na qual a família conjugal tem a tarefa de controlar a sexualidade dos indivíduos que ali estão inseridos. Foucault (Ibid., p. 53) ainda ressalta “que a sociedade moderna tentou reduzir a sexualidade ao casal – ao casal heterossexual e, se possível, legítimo”, sendo as mulheres os sujeitos que talvez tenham sofrido maior controle de sua sexualidade.

Outra característica eclesial que define o ser feminino é a sensibilidade. Na carta apostólica, o papa ressalta que as primeiras testemunhas da ressurreição de Jesus Cristo foram as mulheres. Nesse sentido, a sensibilidade feminina é uma marca.

Desde o início da missão de Cristo, a mulher demonstra para com ele e seu mistério uma sensibilidade especial que corresponde a uma característica da sua feminilidade. [...] As mulheres são as primeiras junto à sepultura. São as primeiras a encontrá-la vazia. São as primeiras a ouvir: “Não está aqui, porque ressuscitou, como tinha dito”. São as primeiras a abraçar-lhe os pés. São também as primeiras a serem chamadas a anunciar a verdade aos apóstolos (JOÃO PAULO II, 1988/2005a, p. 62).



Esse trecho relata um acontecimento bíblico e apresenta uma interpretação feita por João Paulo II que, por sua vez, faz uma leitura conservadora em relação ao feminino. O trecho atribui várias capacidades às mulheres, como, por exemplo, habilidade de liderança e disposição frente ao desconhecido, entretanto o papa destaca apenas a sensibilidade feminina. Talvez, em uma leitura não patriarcal, as mulheres teriam destaque pela capacidade de divulgar a boa notícia aos homens, sendo as primeiras divulgadoras da ressurreição de Cristo, no entanto isso não é exaltado por parte do papa.

É interessante pensar que, em 1988, ano em que a Carta foi escrita, também estava em processo de elaboração o Catecismo, momento propício para a Igreja realizar mudanças concretas dedicadas às mulheres, no entanto o que vimos foi a permanência daquilo que já se tinha dito sobre estas. Portanto, as discussões interessantes que a carta apresentou ficaram ali mesmo, não percebemos essas mudanças no CIC.

Há uma desconexão entre os documentos eclesiais. A Carta abre para a discussão enquanto o Catecismo mantém a mesma rigidez em relação à temática das mulheres, impossibilitando mudanças práticas em suas vidas. A Igreja Católica é frágil nesse sentido, pois propicia uma discussão, coloca a temática em pauta, mas não avança, ficando apenas nos discursos e nas palavras. Alcântara (2002) fala da construção sociocultural da concepção da mulher na perspectiva da Igreja.

Vale destacar que em 1988, época da preparação para a redação do CIC, um período marcado por forte debate acerca das questões relacionadas à emancipação da mulher, a Igreja não abriu perspectivas internas para este debate, apenas reconheceu que, sócio-culturalmente, o cotidiano da mulher tem sofrido significativas mudanças, principalmente no que se refere às questões econômicas e políticas (AICÂNTARA, 2002, p. 63).

E ainda:

A concepção de mulher, quando se trata de poder, é “reconhecida” numa situação inferior, desconfortável, chegando a ser privada de situações que envolvem economia, política e religião, no que se refere ao âmbito sócio-cultural. De certa forma pode-se resumir assim: ao homem tudo é lícito, enquanto à mulher tudo depende do homem. Essa concepção de humanidade do tipo binária, hierárquica e patriarcal é assumida como parte da cultura cristã (Ibid., p. 68).

Portanto, essa estrutura patriarcal e burguesa coloca barreiras para a discussão de novos pensamentos que se têm em relação ao masculino e ao feminino, mas não nos impossibilita de avançar nessas discussões. Os trechos citados acima, por exemplo, nos

permitem perceber como a Igreja tenta manipular os sujeitos, reservando às mulheres apenas o casamento, a procriação, a servidão e a submissão. Perceber essas diferenças sexuais e questionar os motivos, as causas dessas diferenças entre homens e mulheres, é utilizar a categoria de gênero.

Depois de seis anos da carta apostólica sobre a dignidade da mulher, o papa retoma a temática, porém agora abrangendo toda a esfera familiar. Em fevereiro de 1994 divulga *Cartas às famílias*, pois a Organização das Nações Unidas teve a iniciativa de fazer deste O Ano Internacional da Família. O papa coloca a família como sendo a igreja doméstica, a igreja particular, na qual homem e mulher devem seguir o modelo da família de Nazaré: Jesus, José e Maria.

E essa igreja doméstica inicia-se no rito do sacramento do matrimônio. Nas palavras do papa, o bem comum do matrimônio e da família estão expressos no fragmento que se segue.

As palavras do consentimento matrimonial definem aquilo que constitui o bem comum do casal e da família. Antes de mais, o bem comum dos esposos: o amor, a fidelidade, a honra, a permanência da sua união até a morte – “por toda a nossa vida”. O bem de ambos, que é simultaneamente o bem dos filhos. Por sua natureza, o bem comum ao mesmo tempo que une as diversas pessoas, assegura o verdadeiro bem de cada uma. Se a Igreja, como aliás o Estado, recebe o consentimento dos cônjuges expresso através das palavras acima referidas, fá-lo porque aquele está “escrito nos seus corações” (Rm 2, 15). São os esposos que se dão reciprocamente o consentimento matrimonial, jurando, isto é, confirmando diante de Deus a verdade do seu consentimento. Enquanto batizados, eles são na Igreja os ministros do sacramento do matrimônio (JOÃO PAULO II, 1994/2010b, p. 30, destaques do autor).

A origem do núcleo familiar inicia-se nesse momento, devendo os cônjuges viver em doação mútua um para com o outro, tendo o amor e a fidelidade até que a morte os separe. E os filhos são o bem comum da família, que deve recebê-los com amor e muita felicidade. Estes são tidos como dons de Deus ao casal. Nessa ótica, João Paulo II define as responsabilidades paternal e maternal, pois estas expressam o compromisso concreto do casal. Os casais, no mundo contemporâneo, possuem novas características e estruturas familiares. Alguns não têm o desejo de ser pais por motivos diversos, talvez um deles seja que a opção de ter filhos não é viável ou simplesmente pelo fato de não desejarem.

Na concepção do papa, a paternidade e a maternidade são caminhos naturais e, portanto, naturalizados para o casal.

Cada homem e cada mulher realizam-se em plenitude mediante o dom sincero de si e, no caso dos esposos, o momento da união conjugal constitui uma experiência muito particular disso mesmo. É então que o homem e a mulher, na “verdade” da sua masculinidade e feminilidade, se tornam dom recíproco. Toda a vida no matrimônio é dom; mas isso torna-se de modo particular evidente quando os cônjuges, oferecendo-se reciprocamente no amor, realizam aquele encontro que faz dos dois “uma só carne” (Gn 2, 24) (JOÃO PAULO II, 1994/2010b, p. 44, destaques do autor).

Esse encontro de uma só carne é o ato sexual, que deve ser de forma responsável e não apenas um momento de prazer entre ambos. É nesse momento que o homem e a mulher expressam sua potencialidade na ação procriadora, ou seja, a mulher, como ser feminino, tem a condição de gerar um filho, e o homem, como ser masculino, é o responsável pela fecundação. Ambos, nesse momento, demonstram a verdadeira potencialidade de cada um.

João Paulo II (1994/2010b) apresenta de forma particular a responsabilidade do homem em relação à gravidez de sua mulher.

O homem não pode deixar de reconhecer ou não aceitar o resultado de uma decisão que foi também sua. Não pode esconder por detrás de expressões como: “não sei”, “não queria”, “foste tu que quiseste”. A união conjugal comporta em todo o caso a responsabilidade do homem e da mulher, responsabilidade potencial que se torna efetiva quando as circunstâncias o impuseram. Isto vale sobretudo para o homem que, apesar de ser também ele artífice do desencadeamento do processo gerador, fica biologicamente distanciado do mesmo: é na mulher, de fato, que aquele se desenvolve (Ibid., p. 45, destaques do autor).

Percebemos que nesse trecho o papa insere uma responsabilidade maior para o pai, pois vimos anteriormente na carta apostólica *A dignidade e a vocação da mulher* que o pontífice ressalta que a responsabilidade materna é maior em relação à paterna, pois a mãe também é responsável por ensinar ao homem sua própria paternidade. Podemos identificar a criação de mais uma norma por parte do discurso católico, talvez por entender que um sujeito, ao ser pai ou mãe, carrega características muito particulares. Essas habilidades/categorias são construídas com base na experiência individual, mas a responsabilidade paterna permanece, de certa forma sob a responsabilidade da mulher.

Outro ponto interessante que o papa destaca na *Carta às famílias* é a questão das duas civilizações; a civilização do amor e a contrária a esta, que é a anticivilização. A civilização do amor tem por objetivo levar o amor a todas as criaturas terrenas, visando à dizimação da violência, do crime, das guerras, enfim, é uma aclamação do papa a todos os cristãos para que

preguem o amor de Cristo, mas de forma enfática e persistente para que todos tenham um mundo melhor para se viver.

Para João Paulo II, civilização tem o mesmo significado de cultura, e a cultura do amor deve ser exercida pela família contemporânea, mesmo diante de acontecimentos que possam atrapalhá-la. Dentre esses acontecimentos o papa destacou alguns: progresso científico-tecnológico, positivismo, utilitarismo e outros. Como líder da Igreja Católica, classifica o utilitarismo como postura ética e moral que delega às pessoas a qualidade de “coisas”, ou seja, uma cultura do desfrute e da produção. O papa insere a família contemporânea no “contexto da civilização do desfrute, a mulher pode tornar-se para o homem um objeto, os filhos um obstáculo para os pais, a família uma instituição embaraçante para a liberdade dos membros que a compõem” (JOÃO PAULO II, 1994/2010b, p. 51).

Não é apenas na cultura moderna que a mulher é tratada como objeto de seu marido, desde a Antiguidade essa ideia muitas vezes foi divulgada e enfatizada pela própria Igreja. A liberdade dos membros da família torna-se problemática quando os alicerces tradicionais começam a ser questionados, por isso o papa se preocupa em manter a estrutura familiar nos moldes tradicionais.

A família tradicional vive uma crise de conceitos, já que a Igreja não exerce o mesmo poder que já teve sobre a vida das pessoas. No entanto, o pensamento religioso católico não acompanhou as transformações que ocorreram na intimidade, na vida doméstica ou privada das pessoas.

Atitudes, valores e comportamentos sexuais tiveram mudanças e estes foram observados por Giddens (1993) com base em entrevistas realizadas com adolescentes americanos de diferentes classes e origens étnicas. Essas entrevistas foram realizadas por Sharon Thompson no final da década de 1980, que destacou importantes mudanças nos termos amor, compromisso e no relacionamento puro.

Se as adolescentes não falam muito sobre o casamento, não é por terem realizado uma transição bem-sucedida para o futuro não doméstico, mas porque são participantes, e colaboradoras, de uma reorganização importante por que realmente passa o casamento e outras formas de vínculo pessoal próximo. Falam mais em relacionamento do que no casamento em si, e estão certas em assim fazê-lo. O termo “relacionamento”, significando um vínculo emocional próximo e continuado com outra pessoa, só chegou ao uso geral em uma época relativamente recente (GIDDENS, 1993, p. 68, destaque do autor).

Percebemos que o que houve e está havendo é uma reestruturação da vida íntima de certos grupos e o casamento, nesse novo contexto, está sendo paulatinamente substituído por relacionamentos menos formais ou efêmeros. Essas novas posturas ou entendimentos são considerados pela Igreja como uma crise da família, pois contrariam alguns dos princípios e dogmas católicos, como, por exemplo, o divórcio, o aborto, a homossexualidade. E mesmo diante dessa nova realidade social a Igreja continua a defender os seus preceitos fundamentais.

Na perspectiva do papa, “a família contemporânea, como a de sempre, vai à procura do belo amor” (JOÃO PAULO II, 1994/2010b, p. 52), ou seja, a estrutura familiar não deve sofrer mudança, deve continuar a mesma; seguindo o modelo da família de Nazaré: Maria, José e Jesus, apesar de inserida em sociedades diferentes que estão passando por reestruturações.

Para finalizar a análise desse ciclo de cartas escritas pelo papa João Paulo II sobre a temática das mulheres, abordaremos a *Carta às mulheres*, escrita em 1995. Essa carta é curta, se comparada às demais, e a única de que não conseguimos um exemplar impresso em forma de livreto, mas à qual tivemos acesso pelo *site* do Vaticano.<sup>24</sup> Portanto, as referências que se seguem não dizem respeito ao número de páginas, e sim aos parágrafos que serão citados.

O papa inicia a quinta carta agradecendo a todas as mulheres de todo o mundo pelo seu serviço prestado à humanidade. Semelhante à *Carta às famílias*, esta foi escrita em virtude da aproximação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher em 1995, um evento preparado pela Organização das Nações Unidas. Nesse sentido, podemos supor que o papa quis fazer presente a opinião da Igreja em relação a tantas discussões que estavam em pauta no cenário mundial.

A carta do papa João Paulo II às mulheres faz referência à carta apostólica *A dignidade e a vocação da mulher*, sobretudo naquilo que diz respeito à condição feminina na sociedade contemporânea. Uma característica marcante dessa carta é o agradecimento dirigido a vários espaços e lugares que a mulher ocupa, a saber:

Obrigado a ti, mulher-mãe [...]. Obrigado a ti, mulher-esposa [...]. Obrigado a ti, mulher-filha e mulher-irmã [...]. Obrigado a ti, mulher-trabalhadora [...]. Obrigado a ti, mulher-consagrada [...]. Obrigado a ti, mulher, pelo simples fato de seres mulher! (JOÃO PAULO II, 1995, p. 1).

---

<sup>24</sup> [www.vatican.va](http://www.vatican.va).

A Igreja tem a intenção de determinar os lugares da mulher. Esses são ensinamentos que devem ser realizados na catequese ou em outro espaço religioso.

Em seus agradecimentos percebemos as atribuições e a tipologia da posição social que a Igreja deseja às mulheres de hoje. No final do trecho, temos um agradecimento genérico, sem qualquer classificação ou discriminação, mas parece valer mais a seleção feita anteriormente.

Na carta, João Paulo II, ao tocar na questão da sexualidade, recorda os inúmeros abusos sexuais que milhares de mulheres sofreram e sofrem durante vários séculos, no entanto não apresenta mudanças de pontos de vista que possam contribuir para a diminuição desses atos violentos. O papa reafirma a postura contrária da Igreja Católica em relação ao aborto e enfatiza que o principal serviço em âmbito mundial é na esfera da educação.

Também nessa carta Maria ocupa lugar de destaque em relação à história de todas as mulheres da bíblia. “A Igreja vê, em Maria, a máxima expressão do ‘gênio feminino’ e encontra n’Ela uma fonte incessante de inspiração” (JOÃO PAULO II, 1995, p. 4). Pela sua obediência ao serviço a Deus, o seu reinar é servir, então, sob o ponto de vista teológico as mulheres só terão reconhecimento pelo seu serviço se este for prestado à Igreja e consequentemente a Deus.

Enfim, para a Igreja, o espaço ideal de ação da mulher é o lar, as relações domésticas. Nas cartas e no Catecismo percebemos que a Igreja Católica mantém um discurso voltado para um tipo de mulher ideal, semelhante às imagens evocadas de Maria. Mesmo em na sociedade contemporânea, plural, que tem tantas diversidades em relação às possibilidades do “ser mulher”, a Igreja parece não se interessar por lidar de forma diferenciada com as questões femininas.

As representações da personagem bíblica Maria têm uma historicidade dentro do postulado teológico da Igreja Católica. Com base no mito mariano, a instituição religiosa define e sublinha certas características e os significados do comportamento de mãe de Jesus Cristo, para divulgar esse modelo para as católicas. Diante disso, há um enriquecimento do ícone Maria, que a Igreja deseja manter vivo no imaginário dos fiéis, principalmente no imaginário das mulheres.

Para que isso se efetive, a Igreja Católica trabalha constantemente a sua memória, a qual a utiliza para impor aos fiéis os modelos ditos apropriados. A memória exerce poder sobre os indivíduos de forma coercitiva, ou seja, estes se sentem coagidos, obrigados em relação a certos rituais da Igreja como, por exemplo, em relação ao casamento religioso. Sabe-

se que muitos fiéis casam-se na Igreja em função de uma tradição cultural e talvez não porque conscientemente acreditem no ritual. A esse respeito, Carlo Prandi afirma que

A herança da tradição tenta muitas vezes transformar-se na representação, vinculativa e compulsiva, da “verdade”. Neste caso tem início um círculo vicioso: a verdade apela para a tradição identifica-se com a verdade, pondo-se como garantia de crenças, enunciados, visões do mundo, comportamentos cuja persistência parece torná-los inatacáveis, e quanto mais eles remontam a épocas remotas mais reclamam um direito quase automático à legitimação: os filósofos gregos apelaram muitas vezes para a tradição: Aristóteles distingue as tradições de origem mítica e, portanto, a seu ver, menos verídicas, das depuradas de conteúdos não filósofos (PRANDI, 1997, p. 166, destaque do autor).

Assim, apoiada solidamente numa tradição, que ela constrói e reconstrói, a Igreja tenta garantir a permanência, no tempo, de modelos paradigmáticos da mulher subserviente, que ocupa lugares secundários comparativamente ao homem.

## 2.2 DIRETRIZES PARA OS CATEQUISTAS NOS MANUAIS

Com o objetivo de demonstrar que os ensinamentos do papa João Paulo II ainda estão presentes na realidade católica, observo o *Manual do Catequista*, de autoria do padre Flávio Jorge Miguel Júnior, no qual podemos identificar o pensamento do referido papa. Esse manual foi elaborado e direcionado para o grupo de catequistas e fundamentado no Catecismo da Igreja Católica.

Na introdução do manual, identificamos os instrumentos de trabalho de um catequista para ministrar seus encontros de catequese. “O catequista nunca deve se esquecer de utilizar, nos encontros e nas preparações, a Bíblia e o Catecismo da Igreja Católica (CIC), que são ferramentas imprescindíveis na formação catequética” (MIGUEL JR., 2012, p. 9). O manual é dirigido para as idades de 6 até acima de 16 anos de idade da criança ou adolescente (catequizando).

O padre Flávio Jorge apresenta como deve ser feita a escolha de um catequista.

É fundamental colocar critérios para que alguém seja catequista. Primeiramente, deve-se saber se essa pessoa já foi realmente evangelizada, ou seja, se já recebeu o “primeiro anúncio” (querigma) e teve seu encontro pessoal com Jesus, pois não se pode crescer na fé se antes não se nasceu para ela. Em segundo momento, é preciso constatar se essa pessoa tem suficiente conhecimento da doutrina e da moral da Igreja, para transmitir fielmente aos catequizandos a sã doutrina da salvação. Por ser considerado um modelo

pelas crianças e pelos jovens, o catequista deve dar testemunho daquilo que prega e viver o que anuncia. O catequista também deve ter equilíbrio psicológico, boa comunicação, um mínimo de liderança, criatividade e capacidade de diálogo para poder trabalhar em equipe (Ibid., p. 18, destaque do autor).

Portanto, o catequista não é qualquer pessoa que se diz católica e conhecedora da Sagrada Escritura, mas deve ser escolhido pelo pároco da comunidade. Os próprios leigos já têm consciência de que para ser catequista é necessário ser uma pessoa mais preparada, com um conhecimento mais profundo da Sagrada Escritura. Diante disso, o catequista é reconhecido como uma pessoa que tem autoridade para falar e explicar a doutrina católica, ou seja, é uma pessoa habilitada para tal função.

No *Manual do Catequista* temos dez diretrizes para ser um bom catequista e é interessante o quarto item, que diz o seguinte:

Todo catequista deve ter fidelidade aos ensinamentos da Sagrada Escritura, da Sagrada Tradição e do Sagrado Magistério da Igreja. Caso haja em seu coração dúvidas ou até mesmo negação da doutrina ou da moral da Igreja, ele deve ser impedido e afastado de dar a catequese. Essa atitude não é repressiva, mas uma questão de caridade com os catequizandos, que têm o direito de apreender a Verdade (MIGUEL JR., 2012, p. 19).

Para a Igreja, pois, seu pensamento não pode ser questionado, apenas transmitido. Ou seja, as mulheres são preparadas e formadas para reproduzir o pensamento das autoridades clericais, mas a elas não é permitido interpretar e questionar a doutrina, mesmo não concordando com esta.

Antes de adentrar no conteúdo propriamente dito desse manual, escolhemos os temas a serem analisados de acordo com o interesse desta pesquisa. Em um primeiro momento, gostaríamos de destacar que é muito forte a ideia da autoridade masculina no Manual, na pré-catequese, em que os catequizandos, que têm entre 6 e 8 anos de idade, são educados a admirar a figura paterna de Deus como o criador de todas as coisas, sendo estimulado neles o amor pela Igreja Católica. “O catequista também deverá despertar na criança profundo amor à Igreja Católica, aos sacerdotes, aos santos e às outras crianças, especialmente as mais doentes e pobres” (MIGUEL JR., 2012, p. 25). Nota-se que as freiras e as religiosas não são inseridas, ou seja, as figuras mais importantes são aquelas do sexo masculino. Aqui percebemos a construção da desigualdade social baseada no binarismo biológico e a reiteração de naturalização dessa hierarquia social, cultural, histórica e edificada, haja vista que o ser masculino tem destaque com uma posição de autoridade.



Outro tema importante dessa etapa da catequese é o pecado do racismo e do preconceito. É estabelecido que todos são irmãos e filhos de Deus, mas o homossexualismo não é colocado como questão e tampouco o fato de as mulheres serem deixadas de lado nas grandes decisões da Igreja. Enfim, nesses itens os manuais reforçam os preconceitos que a instituição religiosa constrói e reproduz por séculos.

Na pré-catequese também é trabalhado o tema “A Sagrada Família”, devendo o catequista apresentar a beleza desta, composta por Jesus, Maria e José. No entanto, a realidade vivida pelas crianças apresenta outros modelos de família. Nesse ponto, a Igreja não explica como deve ser trabalhado o tema que envolve diversos tipos de famílias no contexto da sociedade contemporânea. Ou seja, as crianças são educadas e modeladas a constituírem suas futuras famílias seguindo esse modelo ideal, mesmo que na realidade isso não seja possível.

Depois de abordar o tema da família, então é apresentada a figura maternal, “Maria, a mãe de Jesus”. É interessante como o Manual coloca esse tema: “Jesus tem uma Mãe, e ela é tão bonita e perfeita! Sim, ela é a mais bela criatura do Pai Celestial. A Virgem Maria é Santa e tão linda!” (MIGUEL JR., 2012, p. 27).

Maria é perfeita porque é Santa; sua beleza e perfeição estão na sua Santidade. Após trabalhar bem o contexto familiar, o padre Flávio Jorge insere o tema da comunidade: *o que é a Igreja, sou batizado e o que significa ser católico*. Nesse tópico é interessante perceber como a questão da hierarquia que existe dentro da Igreja Católica é bem desenvolvida para as crianças. Inicialmente, para ser reconhecido como sendo da Igreja, é necessário que tenha sido batizado, pois dessa maneira o indivíduo se insere no corpo da Igreja Católica. Caso a criança não tenha sido batizada, a pastoral da catequese fará o trabalho de direcioná-la para ‘regularizar’ sua situação diante da Igreja.

No tópico “Sou católico”, o manual coloca a seguinte instrução para o catequista: “levar uma foto da Praça de São Pedro e outra do papa. Pode ser também tirada uma cópia em preto e branco do brasão do papa para ser pintado pelas crianças” (Ibid., p. 28). A questão da obediência ao papa começa a ser moldada nessa etapa da catequese, sendo que, para os fiéis, essa figura representa a autoridade máxima da Igreja Católica, ou seja, recebe o título de “sucessor de Jesus Cristo”.

Depois do destaque dado ao papa, o padre Flávio Jorge apresenta mais uma figura masculina. A figura do padre será desenvolvida de maneira que as crianças enxerguem nele um amigo. O tópico intitulado “O padre é nosso amiguinho” reforça novamente a questão da hierarquia religiosa e a figura masculina como a mais importante. Percebemos que as

autoridades religiosas são todas do sexo masculino, e estas são trabalhadas de maneira sutil, mas muito eficiente, pois as crianças já crescem com o imaginário da superioridade masculina. Podemos perguntar: onde estão nos manuais as freiras, as religiosas, as missionárias, que também fazem parte dessa igreja? Estas são colocadas em plano inferior, lugar que não deve ser visibilizado no documento, parecendo não ter valor algum para o funcionamento da Igreja. Nem sequer o padre Flávio cita que há congregações de mulheres e quais suas funções para a manutenção da Igreja.

O tema da criação do homem e da mulher é desenvolvido na 1ª fase da Eucaristia, quando os catequizandos já têm nove anos. O homem é tido como sendo o princípio, o maior ato da criação de Deus. O manual apresenta esse feito da seguinte maneira.

O homem é o apogeu da criação, como demonstra a distinção clara que a Bíblia faz entre a origem do homem e a de todas as outras criaturas. Deus criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1, 26), daí a grande dignidade da natureza humana em relação às outras criaturas. O homem é a maior criação de Deus, podemos dizer que é o ponto mais alto da criação. “Deus não criou o homem solitário: desde a origem criou-os homem e mulher” (Gn 1, 27), em igual dignidade e igual amor (MIGUEL JR., ano, p.39, destaque do autor).

Embora enuncie a igualdade, o Manual trata com mais ênfase da figura masculina. Nessa etapa da catequese as figuras do papa e dos bispos são retomadas, agora como sendo intérpretes da Sagrada Escritura, ou seja, só eles têm o poder de ensinar e interpretar as Escrituras. Temos aqui claramente outra desigualdade, apenas ao masculino é dado o poder da interpretação. As mulheres, mesmo sendo estudiosas da Bíblia e dos documentos da Igreja, não têm autoridade e autonomia para ensinar e a elas apenas fica a tarefa de repassar uma interpretação, um pensamento que uma autoridade masculina teve.

Na 2ª fase da Eucaristia (10 anos) são abordados os grandes homens que antecedem a história de Jesus Cristo: Abraão; Isaac; Esaú; Jacó; José, filho de Jacó; Moisés e tantos outros. Todos são personagens bíblicas de grande destaque, no entanto as personagens bíblicas femininas não são destacadas. O Manual não coloca em destaque nem mesmo mulheres que são citadas no Velho e Novo Testamento, como, por exemplo, Ester, Rebeca e outras.

Percebemos, entretanto, que as principais figuras femininas destacadas desde o início do Manual e que perpassam por todo ele são apenas Eva e Maria. Na 3ª fase da Eucaristia (11 anos) retoma-se a grande figura feminina de Maria.

A descendência da mulher trará o Salvador, ou seja, se por uma mulher (Eva) entraram no mundo o pecado e a morte, por outra mulher (Maria) entrarão a salvação e a vida. Maria é a mulher cujo fruto bendito, Jesus Cristo, esmaga a cabeça da serpente, trazendo-nos a vitória e a libertação (MIGUEL JR., 2012, p. 83).

A oposição entre as duas figuras femininas é notável. Enquanto Eva representa os aspectos negativos (pecado, morte), Maria é só motivo de alegria para a humanidade, pois é por intermédio desta que aquela poderá ser libertada do pecado e do mal.

Para a idade de 12 anos o padre Flávio acredita que a catequese deve abordar temas mais próximos da realidade desses jovens, para poder conhecer melhor a vivência de cada um. Nessa fase da catequese o tema da sexualidade é introduzido, mas de forma bastante conservadora, seguindo à risca o que o Catecismo reza. A sexualidade, na concepção do manual e do CIC, resume-se à identidade sexual binária, devendo o homem e a mulher viverem-na apenas dentro do matrimônio e da família tradicional.

Cabe a cada um, homem e mulher, reconhecer e aceitar sua identidade sexual. A diferença e a complementaridade físicas, morais e espirituais estão orientadas para os bens do casamento e para o desabrochar da vida familiar. A harmonia do casal e da sociedade depende, em parte, da maneira como se vivem entre os sexos a complementaridade, a necessidade e o apoio mútuos (JOÃO PAULO II, 2000, p. 605).

#### *No Manual do Catequista:*

A sexualidade acompanha o ser humano durante toda a sua existência, do nascer ao morrer, e engloba todos os impulsos e forças que promovem a vida. Está relacionada ao prazer, por exemplo o conhecimento do próprio corpo, a descoberta do sexo oposto, o beijar, o acariciar, o conversar com o outro. Sexualidade é diferente de genitalidade, pois esta é uma função encarregada de promover a reprodução. No entanto, esta não se restringe somente à reprodução, porque também tem a função de propiciar prazer e é uma das etapas do exercício da sexualidade (MIGUEL JR., 2012, p. 103).

Para a História, a sexualidade é um objeto de estudo que possibilita entender a dinâmica de uma determinada sociedade. Diante dos dois trechos, percebemos que a sexualidade é enquadrada nos padrões fixos dos valores religiosos, tendo como limite a relação sexual e consequentemente a procriação. Temos um discurso normativo que visa controlar as condutas sexuais dos sujeitos, não sendo possibilitada uma discussão que abranja a sociedade contemporânea, sendo a prostituição e o homossexualismo tratados como pecados

contra a castidade e não como uma realidade que está inserida na vida de muitos jovens. Ambos são tidos como pecados e por isso devem ser proibidos.

A sexualidade é vista apenas dentro do contexto familiar, especificamente dentro do contexto familiar patriarcal, o que torna o tema ainda mais difícil de ser desenvolvido de maneira clara e justa para os jovens. No trecho abaixo, identificamos os valores femininos e masculinos de acordo com o *Manual do Catequista*:

Deus criou o homem todo masculino, com sexualidade e genitalidade apropriadas para poder procriar. Criou a mulher toda feminina, com toda a sexualidade e toda a genitalidade apropriada para gerar. Ao criá-los, os criou masculino e feminino para a procriação (MIGUEL JR., 2012, p. 104).

Enfim, a finalidade da sexualidade de cada ser é a procriação e qualquer ato que esteja fora dessa ótica é visto como um desvio que contraria a vontade de Deus. Casais que utilizam os métodos de contracepção ou de inseminação e fertilização artificial estão cometendo uma ofensa ao sacramento do matrimônio. Essa postura da Igreja está bem definida no Manual e no CIC, do qual já citamos o trecho que aborda a postura da Igreja Católica em relação a esses métodos, tendo o *Manual do Catequista* a mesma postura:

*Contracepção*: é a interferência deliberada nas relações conjugais a fim de impedir a concepção. A contracepção é proibida pela Lei Divina, já que o próprio Senhor disse a nossos primeiros pais: “Crescei-vos e multiplicai-vos” (Gn, 1, 28). [...] *Inseminação e fertilização artificial*: há nisso dois pontos contrários à moral católica, porque: impõem uma terceira pessoa entre o pai e mãe, pela doação de esperma ou óvulo ou pelo empréstimo do útero. Isso é errado porque transgride o direito da criança de nascer de pai e mãe, e o direito dos pais de serem pais um por meio do outro; confiam a vida e a identidade do embrião ao poder de médicos e biólogos. Isso é moralmente errado porque separa o ato sexual do ato procriador (Ibid., p.107, destaques do autor).

Na perspectiva da Igreja Católica, a solução para casais que não conseguem ter filhos, pela via natural é a adoção de crianças. Não existe outra forma de ter filhos que não seja a concepção natural ou a adoção, ou seja, percebemos a permanência de um pensamento conservador, que não evoluiu como a ciência tem evoluído nos últimos anos.

Nessa conjuntura situamos o trabalho do catequista que, ao apresentar o pensamento católico para crianças de 12 anos, encontra casos que vão totalmente contra a postura da Igreja. Casos que compõem a realidade contemporânea e que, por sua vez, pertencem ao cotidiano dessas crianças, seja de forma direta ou indireta. Muitos desses catequizandos vivem

com pais divorciados, ou com pais que contraíram união livre, ou ainda conhecem ou ficam sabendo de crianças que foram concebidas por outras vias, que não a via natural da procriação.

Como o catequista lida com essas discrepâncias? Podemos apontar algumas alternativas que foram vivenciadas na minha experiência ou alguma situação de que tenho conhecimento. Alguns catequistas desprezam o planejamento catequético, deixando de lado o tema, pois não se sentem à vontade ou preparados para abordá-lo, ou o desenvolvem de acordo com seus próprios conhecimentos e postura pessoal, ignorando a concepção conservadora do documento. Não obstante, há o catequista que é totalmente fiel aos documentos oficiais da doutrina católica, desconhecendo a realidade de muitos catequizandos.

### 2.3 CATEQUESES E O “AMOR HUMANO”, SEGUNDO JOÃO PAULO II

Podemos apontar dois grandes conceitos que o papa João Paulo II enfatizava em suas discussões, matrimônio e família, sendo que estes estão presentes em todas as suas catequeses. Além das catequeses, fazem parte de todos os documentos eclesiais selecionados para esta pesquisa.

No primeiro ciclo, intitulado *O Princípio*, destacamos a apresentação do papa em relação à criação do homem. Nota-se que o papa evidentemente baseia-se no texto bíblico do Gênesis, aquele que reza que no princípio Deus criou o homem e, posteriormente, a mulher. Num primeiro momento, o homem é criado para representar a humanidade, não há uma definição do sexo que esse homem tem. Num segundo momento, o homem passa a ser definido com base no sexo biológico, ou seja, só é reconhecido por meio de uma comparação com outro ser que difere de suas características construídas para lhe dar uma identidade sexual (por oposição à outra). Portanto, o homem com identidade masculina se define quando há a criação do ser feminino. Nas palavras do papa:

É significativo que o Cristo, na sua resposta aos fariseus onde apela para o “princípio”, indique, primeiramente, a criação do homem com referência a Gn 1, 27: “Deus criou o homem à sua imagem [...] homem e mulher ele o criou”; somente em seguida cita o texto de Gn 2, 24. As palavras que diretamente descrevem a unidade e indissolubilidade do matrimônio, encontram-se no contexto imediato da segunda narração da criação, cujo traço característico é a criação separada da mulher (cf. Gn 2, 18-23), enquanto que a narração da criação do primeiro homem (masculino) se encontra em Gn 2, 5-7. A este primeiro ser humano chama a Bíblia “homem” (adam), ao passo que, desde o momento da criação da primeira

mulher, começa a chamar-lhe “macho” (ish) em relação com ishshah (“fêmea”, porque foi tirada do macho = ish) (JOÃO PAULO, 2005b, p. 61, destaques do autor).

Portanto, a masculinidade e a feminilidade são dois modos de ser do corpo do mesmo ser humano (homem – adam), ao passo que um só será identificado com base na existência do outro, ou seja, a diferença sexual é construída nesse momento. E é interessante que o papa nos convida a perceber a diferença sexual em semelhança com Deus e não com os animais.

A narração do capítulo primeiro do Gênesis não conhece o problema da solidão original do homem: o homem, de fato, desde o princípio, é “masculino e feminino”. O texto javista do capítulo segundo, pelo contrário, nos autoriza, de certo modo, a pensar primeiro somente no homem enquanto, mediante o corpo, pertence ao mundo visível, porém, ultrapassando-o. Depois, faz-nos pensar no mesmo homem através da duplicidade do sexo. A corporeidade e a sexualidade não se identificam completamente. Embora o corpo humano, na sua constituição normal, traga, em si, os sinais do sexo e seja, por sua natureza, masculino ou feminino, todavia, o fato de o homem ser “corpo” pertence à estrutura do sujeito pessoal mais profundamente que o fato de ele ser, na sua constituição somática, também masculino e feminino. Por isso, o significado da solidão original, que pode referir-se simplesmente ao “homem”, é substancialmente anterior ao significado da unidade original; esta última, de fato, baseia-se na masculinidade e na feminilidade, quase como sobre duas diferentes “encarnações”, isto é, sobre dois modos de “ser corpo” do mesmo ser humano, criado à imagem de Deus (Gn 1, 27) (JOÃO PAULO, 2005b, p. 61, destaques do autor).

Com a criação do homem (adam) é que surge o masculino e o feminino. Então, homem e mulher são criados no mesmo nível de igualdade, pois a mulher e/ou o feminino são também imagem e semelhança de Deus. Como vimos anteriormente na análise da Carta *A dignidade e a vocação da mulher*, o papa tenta definir aquilo que é essencial ao ser feminino e ao ser masculino, mas entendemos que a Carta não consegue atender à realidade das mulheres na contemporaneidade, pois o papa abrange apenas o aspecto espiritual, deixando de lado a experiência vivida pelas mulheres.

O pensamento do papa difere da abordagem que a categoria tem em relação ao sexo, uma vez que este não define a sexualidade do indivíduo, pois entendemos que a identidade sexual é transitória ao sujeito, podendo sofrer alterações ao longo de sua vida. Nesse sentido,

parece-nos que vivemos numa emergente crise de identidade sexual em nossa civilização. E se pergunta o que significa ser masculino e ser feminino. O que significa para o ser humano possuir, ou melhor, ser um corpo sexuado? Hoje, mais do que nunca, necessitamos de uma Teologia do corpo para a cultura contemporânea (RIBEIRO, 1998, p. 102).

Percebemos que o pensamento da Igreja acompanha e reforça o discurso social normativo e androcêntrico ao construir e reafirmar a divisão binária com base nas diferenças sexuais naturais, delimitando o espaço doméstico para as mulheres e procurando ditar normas e exemplos a serem seguidos pelos modelos em que a instituição religiosa se pauta para o ser feminino.

Na perspectiva de João Paulo II, o masculino e o feminino se completam na unidade dos dois seres, e essa unidade vai se efetivar no sacramento do matrimônio.

Em cada união conjugal do homem e da mulher, é, de novo, descoberta a original consciência do significado unitivo do corpo na sua masculinidade e feminilidade; com isto o texto bíblico indica também que, em cada uma de tais uniões, se renova, de certo modo, o mistério da criação em toda a sua profundidade original e força vital. “Tirada do homem” como “carne da sua carne”, a mulher torna-se, em seguida, como “mulher” e, através da sua maternidade, mãe de todos os vivos (cf. Gn 3,

20), tendo, também no homem, a sua maternidade a própria origem. A procriação está radicada na criação e todas as vezes, em certo sentido, reproduz o mistério criador (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 87, destaques do autor).

Nesse fragmento identificamos que a criação do ser feminino está vinculada à maternidade. A dignidade da mulher se resume à capacidade de ser mãe, tanto no aspecto espiritual como no corporal.

Para o papa existe uma atração entre os corpos masculinos e femininos, um é atraído pelo outro, mas nunca corpos com a mesma identificação sexual. “A perene atração recíproca da parte do homem para a feminilidade e da parte da mulher para a masculinidade, é um convite mediado pelo corpo” (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 194). Nesse sentido, o desejo pertence à vontade humana, no entanto deve ser expresso dentro de uma hierarquia de valores.

A eterna atração do homem em direção à mulher (cf. Gn 2, 23) libera nele – ou talvez, deveria libertar – uma gama de desejos espirituais-carnais de natureza, sobretudo, pessoal e “de comunhão”, aos quais corresponde uma proporcional hierarquia de valores. Por outra parte, o “desejo” limita tal gama, ofuscando a hierarquia dos valores que marca a atração perene da masculinidade e da feminilidade (Ibid., p. 195).

Com base nos trechos destacados até agora, entendemos que o papa, em seus argumentos religiosos, adota outros critérios em relação à realidade da vida sexual de muitos casais da sociedade contemporânea. Ressaltamos que João Paulo II diz que conhece a

sociedade contemporânea e escreve para esta. Entretanto, ao confrontarmos nesta pesquisa os diferentes discursos (CIC, Manual do Catequista, textos do papa) podemos dizer que há distância da realidade, um afastamento entre as vivências e os pensamentos.

A respeito da temática do amor humano, interpretamos que o papa poderia ter abordado em seus documentos problemas que compõem a realidade contemporânea de mulheres e homens, como, por exemplo, emoções, doenças, prazeres, sofrimentos e tantos outros que permeiam o cotidiano desses sujeitos. Mas, ao contrário, apresenta o sexo, o desejo, apenas na esfera da espiritualidade e não na materialidade. As sensações que os corpos masculinos e femininos expressam ou sentem ficam restritas ao aspecto espiritual do indivíduo, conforme aponta um de seus críticos mais contundentes:

Fala do “êxtase” do sexo como uma experiência quase-espiritual em termos que nada têm a ver com a vida real. O papa que desejou fazer uma contribuição original para a alma “corporificada” produziu uma tese sobre sexo que é profundamente descarnada. Ao mesmo tempo, redige sua tese numa prosa empolada e repleta de jargão (CORNWELL, 2005. p. 157, destaques do autor).

Segundo Cornwell (2005), o papa ignora a realidade, sendo, portanto, irrealista diante de milhares de histórias de vida de pessoas que não vivem de acordo com as regras da Igreja. João Paulo II adota um método para auxiliar as pessoas na vivência da sua sexualidade, que é a “pedagogia do corpo”. O papa assim define a teologia do corpo, que ao mesmo tempo pode ser denominada de pedagogia.

A pedagogia [do corpo] tende a educar o homem, pondo diante dele as exigências, motivando-as, e indicando os caminhos que levam às suas realizações. [...] E é esta teologia do corpo que funda depois o mais apropriado método da pedagogia do corpo, isto é, da educação (melhor, da auto-educação) do homem, que adquire particular atualidade para o homem contemporâneo, cuja ciência no campo da biofisiologia e da biomedicina muito progrediu. Todavia, esta ciência trata o homem sob determinado “aspecto” e, portanto, é mais parcial que global. Conhecemos bem as funções do corpo como organismo, as funções ligadas com a masculinidade e a feminilidade da pessoa humana. Mas tal ciência, de per si, não desenvolve ainda a consciência do corpo como sinal da pessoa, como manifestação de espírito (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 258, destaques do autor).

Para o papa, a linguagem do corpo é manifestada nos dois modos de ser do corpo humano: a masculinidade e a feminilidade. Para exemplificar essa linguagem sem palavras, o



papa argumenta que o olhar do homem é sobre o corpo, enquanto a mulher está voltada para os sentimentos, ou seja, tem o olhar do coração.

É possível que o esposo-homem exprima mais diretamente a beleza da esposa e a própria atração percorrendo-a, sobretudo com os olhos do corpo; a esposa, por sua vez, contempla com os olhos do coração, através de seu afeto (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 449).

O papa nos permite concluir que o desejo sobre os corpos é uma característica do ser masculino, sendo que para o ser feminino as emoções e os sentimentos predominam.

Segundo a abordagem de João Paulo II, existem dois tipos de adultério: aquele cometido pelo corpo e o cometido pelo coração. O adultério do corpo é o ato sexual entre homem e mulher que não são cônjuges, enquanto o adultério cometido pelo coração é o desejo, o olhar que uma pessoa casada tem sobre a outra. O simples fato de desejar já é um pecado. Para não gerar dúvidas sobre os tipos de adultério, o papa esclarece sobre o adultério do coração.

Assim como não pode criar dúvidas o fato de que Cristo indique a pecaminosidade do ato interior da concupiscência expressa pelo olhar dirigido a toda a mulher que não seja a esposa daquele que a olha de tal modo, podemos e até devemos, perguntar-nos se, com a mesma expressão, Cristo admite e comprova tal olhar, tal ato interior de concupiscência, dirigido à mulher que é esposa do homem, quem assim olha para ela (Ibid., p. 201).

O papa apresenta outro argumento acerca dos tipos de adultério. Ele utiliza dois mandamentos: não desejarás a mulher do teu próximo (cometido pelo coração) e não cometerás adultério (cometido pelo corpo). Na visão do papa, o sacramento do matrimônio é utilizado como remédio para o ato da concupiscência da carne, que é o ato de desejar o outro fora dos limites que a Igreja Católica coloca. O desejo, na perspectiva da Igreja Católica, só poderá ter espaço entre os cônjuges, e não poderá ser diferente do que a Igreja dita como certo. A cura, o remédio para “sara” esse desejo é o sacramento primordial, o mais antigo, pois foi instituído no ato da criação, quando Deus estabeleceu uma aliança eterna com a humanidade, com a Igreja. No ato da criação, Deus efetivou o sacramento do matrimônio com toda a humanidade, por isso, diante dessa analogia, o papa conclui que o matrimônio é indissolúvel, pois Deus tem um pacto eterno com a humanidade. Homem e mulher devem manter esse pacto, mesmo diante de todos os problemas que permeiam o contexto familiar.

A função do sacramento do matrimônio é evitar a concupiscência da carne, ou seja, o matrimônio é um veículo para que o bom católico consiga atingir a perfeição. João Paulo II afirma que o indivíduo é capaz de ter o domínio sobre si, ou seja, a continência, o autocontrole sobre os desejos carnis e essa capacidade torna-se uma virtude. O sujeito deve se educar para ter essa continência dentro e fora do matrimônio. E o papa acrescenta ainda que essa continência entre os cônjuges deve ser uma continência periódica, ou seja, os casais devem buscar viver uma castidade conjugal, assim estarão vivendo uma espiritualidade conjugal.

A “continência”, que faz parte da virtude mais geral da temperança, consiste na capacidade de dominar, controlar e orientar as pulsões de caráter sexual (concupiscência da carne) e as suas consequências, na subjetividade psicossomática do homem. Tal capacidade, enquanto disposição constante da vontade, merece ser chamada virtude (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 513, destaque do autor).

E ainda:

A continência, como capacidade de dirigir a “excitação” e a “emoção” na esfera do influxo recíproco da masculinidade e da feminilidade, tem a tarefa essencial de manter o equilíbrio entre a comunhão em que os cônjuges desejam exprimir reciprocamente apenas a sua união íntima e a comunhão em que (pelo menos implicitamente) aceitam a paternidade responsável (Ibid., p. 518, destaque do autor).

O sujeito, para conseguir dominar seus impulsos sexuais, deve primeiramente aprender a controlar suas vontades, ou seja, deve se empenhar em uma educação constante de seus desejos, que abarca seus sentimentos e suas emoções, por isso o papa chama essa conquista de uma “virtude da continência”.

Ainda no contexto do matrimônio, o papa coloca que o ato sexual sem a finalidade da procriação é um ato sem amor, fazendo dos cônjuges objeto de manipulação. Não é recomendado aos cônjuges que utilizem meios artificiais para que a fecundidade não ocorra, pois dessa maneira estarão infringindo a norma moral da Igreja.

Segundo o critério desta verdade, que deve exprimir-se na “linguagem do corpo”, o ato conjugal “significa” não só o amor, mas também a fecundidade potencial e, portanto, não pode ser privado do seu pleno e adequado significado mediante intervenções artificiais (Ibid., p. 501, destaque do autor)

Para que os cônjuges tenham controle sobre a natalidade é necessário que coloquem em prática a continência periódica, ou seja, que pratiquem a castidade conjugal, podendo ter relações sexuais apenas em períodos infecundos, como única forma de adiar a fecundidade.

A regulação moralmente correta é também denominada “controle natural da fertilidade”, o que pode ser explicado como conformidade à “lei natural”. Por “lei natural” entendemos, aqui, a “ordem da natureza” no campo da procriação, enquanto ela é compreendida pela reta razão: tal ordem é a expressão do Plano do Criador sobre o homem (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 504, destaques do autor).

Assim, o papa coloca como virtude a temperança, expondo a visão da Igreja acerca dos períodos infecundos, alertando os cônjuges sobre estes e sua forma incorreta de utilização. Ele afirma que o casal deve usar esse período para ter relações de maneira justa e honesta, como recomenda a moral da Igreja Católica.

O usufruir dos “períodos infecundos” na convivência conjugal pode se tornar fonte de abusos, se os cônjuges buscam de tal modo evitar sem justas razões a procriação, conduzindo-a abaixo do nível moralmente aceito dos nascimentos na sua família. É preciso que este justo nível seja estabelecido levando em consideração não somente o bem da própria família, como também do estado de saúde e das possibilidades dos mesmos cônjuges, mas ainda o bem da sociedade a que pertencem, da Igreja e, até da humanidade toda (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 506, destaque do autor).

O papa João Paulo II, além de ser irrealista, se apresenta de forma severa para com os cônjuges. A vida dentro do sacramento do matrimônio é totalmente regulada e cheia de regras que devem ser seguidas, pois de outra maneira os casais estarão infringindo a norma moral da Igreja.

Na perspectiva de Ribeiro (1998), essa postura do papa em relação ao ato sexual ocorre em virtude de uma tradição que enxerga o sexo como um mal.

O que aparece aos olhos de todos é que o Magistério, em matéria de moral sexual, parece basear-se num temor e em certo pressuposto de que o sexo é mau, ainda que inevitável para a procriação e, por isso, não há outro remédio senão tolerá-lo e mantê-lo bem de acordo com a dita finalidade (RIBEIRO, 1998, p. 186).

Na maioria das vezes, ao se referir ao conceito de mulher, o papa reconhece apenas o binário homem-mulher, como se percebe nas catequeses e nas cartas já analisadas anteriormente. Concluimos que as referências ao binário são construídas como tradição da

dignidade humana, da dignidade do indivíduo como criatura de Deus, e também em razão de sua semelhança com Deus.

Deste modo o homem (masculino) manifesta, pela primeira vez, alegria e até exaltação, sendo que anteriormente não tinha motivo para isso, por causa da falta dum ser semelhante a si. A alegria para o outro ser humano, para o segundo “eu”, domina nas palavras do homem (masculino) pronunciadas à vista da mulher (feminino). Tudo isso ajuda a estabelecer o significado pleno da unidade original (JOÃO PAULO II, 2005b, p. 80, destaque do autor).

E ainda:

Na narração da criação (especialmente em Gn 2, 23-25), “a mulher” certamente não é só “objeto” para o homem, mesmo permanecendo ambos, um diante da outra, em toda à plenitude da própria objetividade de criaturas, como “carne da minha carne e osso dos meus ossos”, como masculino e feminino, ambos nus (Ibid., p. 113, destaques do autor).

Podemos perceber que o papa teve a intenção de valorizar as mulheres por meio do ícone Maria, não deixando de lado a realidade da cultura hodierna, ao contrário, fala a respeito dela, condenando o “desvio” no qual muitas mulheres vivem.

Toda a constituição exterior do corpo da mulher, o seu aspecto particular, as qualidades que, juntas à força de um perene atrativo, estão na origem do “conhecimento”, de que fala Gênesis 4, 1-2 (“Adão uniu-se a Eva sua mulher), encontram-se em união íntima com a maternidade. A Bíblia (e em seguida a liturgia), com a simplicidade que lhe é própria, honra e louva, através dos séculos, “as entranhas que te trouxeram e os seios que te amamentaram” (Lc 11, 27). Constituem, estas palavras, elogio da maternidade, da feminilidade e do corpo feminino na sua expressão típica do amor criador. E são palavras, referidas no Evangelho, à Mãe de Cristo, Maria, segunda Eva. A primeira mulher, por sua vez, no momento em que pela primeira vez revelou a maturidade maternal do seu corpo, quando “concebeu e deu à luz”, disse: “Adquiri um homem com a ajuda de Iahweh” (Gn 4, 1) (Ibid., p. 121, destaques do autor).

Enfim, na perspectiva da Igreja, a dignidade da “mulher”, sua “virtude”, revela-se na maternidade. Mas, fora das escrituras, muitas mulheres da atualidade veem sua dignidade se expressar na sua profissão, na sua independência e na liberdade sexual. Existem outras esferas em que as mulheres podem encontrar sua realização pessoal e não apenas na maternidade, como é colocado pelo papa.

Com essas constatações, concluímos nossas reflexões sobre os principais conceitos e discursos que estão presentes nos documentos eclesiais selecionados para esta pesquisa.

### 3 IGREJA CATÓLICA NO PONTIFICADO DE JOÃO PAULO II: DISCURSOS, FEMINISMOS E TEOLOGIA EM MOVIMENTO

Na linguagem cristã, a palavra “Igreja” designa a assembleia litúrgica, mas também a comunidade local ou toda a comunidade universal dos crentes. Estes três significados são inseparáveis. A “Igreja” é o povo que Deus reúne no mundo inteiro. Existe nas comunidades locais e se realiza como assembleia litúrgica, sobretudo eucarística. Ela vive da Palavra e do Corpo de Cristo e se torna, assim, Corpo de Cristo (JOÃO PAULO II, 2000, p. 216).

A Teologia Feminista é um veículo de comunicação entre mulheres e autoridades clericais possibilitando a promoção da igualdade entre os sexos, uma vez que também é um instrumento que permite compreender gênero, tanto quanto os documentos eclesiais. Tal teologia é um movimento que está em construção, tendo como objetivo utilizar o método da “re-visão” dos textos bíblicos, ancorada na categoria de análise de “gênero”. Destacamos uma figura ímpar da Teologia Feminista na América Latina, a freira católica, teóloga, filósofa brasileira Ivone Gebara. A referida freira tem clara convicção da defesa dos direitos das mulheres e procura derrubar os estereótipos que a instituição tenta colocar sobre as mulheres na contemporaneidade com uma postura machista e patriarcal. Para Ivone Gebara, é necessário promover uma mudança dentro da Igreja, talvez esse seja o motivo pelo qual ela ainda não se desvinculou da instituição religiosa. Portanto, a teologia feminista tem como proposta repensar as relações de gênero dentro da Igreja, uma vez que a desigualdade entre os sexos é notória. Tendo como principal expoente a freira Ivone Gebara, podemos inferir nessa personagem uma forma de poder em movimento dentro da instituição, que não se calou diante da postura da Igreja Católica no pontificado de João Paulo II. Para tanto, este capítulo se encarrega de explicar como se opera o campo de forças e conflitos dentro dessa contextualidade.

#### 3.1 FEMINISMO OU MULHERES COMO SUJEITOS HISTÓRICOS

Ao longo desta pesquisa utilizamos a categoria gênero para analisar o catolicismo e seus jogos de poder que ocorrem na esfera do feminino. Gênero é uma categoria de análise social muito recentemente explorada, por isso a dificuldade de uma definição clara e precisa desse termo. Como disse Souza (2008, p. 28), “gênero é uma categoria adolescente; está em processo”, ainda carece de muitos estudos, mas o pouco que muitos estudiosos levantaram já

tem uma importância significativa para entender as tramas sociais de diferentes tempos e lugares.

Dentre as autoras que estudam gênero, podemos citar Scott (1990, 1992), Nicholson (2000), Lauretis (1994), Louro (2000) e Butler (2003) como referências. Como forma de tentar traçar uma definição da categoria gênero, iremos destacar três teóricas: Scott (1990, 1992), Lauretis (1994) e Butler (2003). A nosso ver essas três autoras são fundamentais para analisar as representações de gênero nos discursos religiosos.

Inicialmente, entendo gênero como uma categoria que pode levar a compreender os discursos como construções sociais, ou seja, é preciso pensar a sociedade, o meio social em que o sujeito está inserido como lugar de fala, espaço de ação e de expressão de seus comportamentos, de acordo com os padrões sociais vigentes.

Dessa forma, gênero é uma categoria que se preocupa com as relações sociais entre os sexos, procurando compreender os motivos que causam a desigualdade entre estes, ou seja, o que está em pauta são as relações sociais entre os sexos e não apenas a ideia de incluir as mulheres na História da humanidade como sendo sujeitos esquecidos e ignorados durante grande parte desta, mas entender que gênero é um elemento formado por relações sociais baseadas nas diferenças de sexo.

Gênero e sexo são categorias diferentes, mas não independentes. De acordo com Lauretis (1994), gênero-sexo é um sistema existente dentro de cada cultura. Nesse sentido, ao utilizar a categoria gênero para analisar uma sociedade, devemos nos remeter aos sexos masculino e feminino e não apenas a um, pois um se faz necessário para a análise do outro. Não é viável analisar a opressão que as mulheres sofrem dentro do contexto religioso sem comparar o tratamento da Igreja para com o sexo masculino.

Scott apresenta sua concepção em relação à categoria gênero e suas implicações entre os sexos.

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Essa utilização enfatiza o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado nesse e por esse mundo masculino. Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia de esferas separadas e sustenta que estudar mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Além disso, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as

mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções sociais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (SCOTT, 1990, p. 75, destaques do autor).

Compartilhando do pensamento de Scott (1990), gênero está associado aos estudos relacionados à construção de uma ideia de feminino, seja no campo religioso, na sexualidade, no espaço familiar ou em outro contexto, pois é uma percepção sobre as diferenças sexuais, do lugar em que esse saber se dá. No entanto, não podemos isolar as mulheres em um determinado tempo e contexto, pois o estudo seria frágil, uma vez que estas não vivem separadas dos homens e fora das instituições sociais. Por isso a necessidade de analisar gênero dentro de uma contextualidade, para assim compreender os caminhos em que as subjetividades se constituem e ainda continuam a constituir-se.

Ao utilizarmos gênero como uma categoria de análise social, devemos ter a dimensão de que as identidades dos sexos (masculino e feminino) não são identidades fixas, pois ao estudar o sujeito partindo da categoria gênero as determinações biológicas não são consideradas como aquilo que define o sujeito. Gênero é uma forma de apreender os sujeitos com base em suas interações históricas e sociais, estudando as relações sociais do sexo. O corpo e as identidades são um construto sujeito aos meios sociais e estes, de forma discreta, porém eficaz, vão moldado os indivíduos de acordo com seus interesses, limitações, necessidades, experiências, circunstâncias e possibilidades. Dessa maneira, masculino e feminino não são identidades fixas, mas sim mutáveis, sofrendo alterações ao longo da convivência social e histórica.

Os feminismos foram movimentos contrários à opressão das mulheres e, apesar de terem expressividade na década de 60, não é possível identificar uma data inaugural destes. “Mais provável, porém, é que a dificuldade real esteja realmente em datar um movimento que se manifesta em lugares e mediante formas e iniciativas as mais variadas” (GONÇALVES, 2006, p. 18). As formas de resistência das mulheres aconteciam dentro do seu cotidiano, da sua vida doméstica e depois se tornaram um movimento político. Como outros movimentos de libertação, saíram “de seu isolamento, rompendo seu silêncio, movimentos negros, de minorias étnicas, ecologistas, homossexuais, se organizam em torno de sua especificidade e se completam na busca da superação das desigualdades sociais” (ALVES; PITANGUY, 1984, p. 7).

O feminismo é um movimento de luta pela liberdade das mulheres que pode ser localizado já no século XVIII, quando adquiriu características de um movimento político. De acordo com Alves e Pitanguy (1984):

Na França, neste mesmo século marcado por revoluções, a mulher, que participa ativamente ao lado do homem no processo revolucionário, não vê também as conquistas políticas estenderem-se ao seu sexo. É neste momento histórico que o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada. Reivindicando seus direitos de cidadania frente aos obstáculos que os contrariam, o movimento feminista, na França, assume um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher. As mulheres revolucionárias francesas dirigem-se à Assembléia, peticionando a revogação de institutos legais que submetem o sexo feminino ao domínio masculino (ALVES; PITANGUY, 1984, p. 32).

Na década de 60 do século XX volta-se para a busca e exigência da igualdade entre homens e mulheres. Com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, estas tiveram que desenvolver habilidades para lidar com os dois espaços que fariam parte de seu cotidiano, ou seja, precisou conciliar as obrigações domésticas com as novas obrigações fora do espaço do lar. Diante disso, houve para as mulheres uma duplicidade de tarefas.

A partir desse momento, além de lutar pela igualdade dos sexos, o feminismo começa outra luta, buscando agora desconstruir as estruturas culturais que estavam ainda presentes na sociedade. “A partir da década de 60, o feminismo incorpora, portanto, outras frentes de luta, pois, além das reivindicações voltadas para a desigualdade no exercício de direitos – políticos, trabalhistas, civis –, questiona também as raízes culturais destas desigualdades” (Ibid., p. 54).

Na década de 70 o movimento toma novos rumos. O termo gênero alimenta novas discussões sobre o cenário do feminismo. O próprio movimento torna-se um objeto de estudo para colocar em pauta reflexões acerca do conceito. Além de ser um movimento político, precisa ser um movimento que discuta suas teorias. Essas discussões possibilitam entender que não há apenas uma definição pronta e fechada acerca de gênero ou sobre mulher. Como aponta Conceição (2009):

Nos fins dos anos 70, o conceito de gênero é elaborado e conceituado como a construção social das identidades sexuais e como objeto dos estudos feministas. A utilização do gênero altera o enfoque nas discussões, pois se inaugura uma nova problemática no campo feminista. O conceito de gênero promove um avanço nos estudos feministas ao incluir tendências universais em relação ao masculino e feminino com as especificidades históricas e culturais (CONCEIÇÃO, 2009, p. 740).



Dentro da dinâmica do movimento percebemos que algumas mudanças ocorreram em determinadas questões, como, por exemplo, o termo ‘mulher’, que o feminismo adotava no singular, substituído por ‘mulheres’.

Nesta pesquisa, tomando a perspectiva feminista, buscamos identificar nos documentos eclesiais o discurso ou discursos que reforçam a diferença sexual, acompanhando algumas assertivas divulgadas pelos especialistas da área, tais como:

O movimento feminista procura, portanto, através de uma ação pedagógica, demonstrar como os livros didáticos reproduzem a imagem tradicional da mulher e confirmam a diferenciação de papéis tanto no lar quanto na esfera profissional: a mulher costura ou cozinha ou varre, o homem lê o jornal; a mulher é enfermeira ou secretária, o homem, médico ou executivo (ALVES; PITANGUY, 1984, p. 63).

Foi na década de 70 que o movimento feminista se consolidou como uma organização politicamente estruturada. E a partir daí iniciou a criação de grupos de debates e investigações e de instituições direcionadas às mulheres. Com isso o movimento ganhou força e ampliou seu espaço de expressão. É nesse período de intensa transformação que percebemos a Igreja Católica, preocupada com a necessidade de reafirmar sua doutrina em relação às mulheres, escreve documentos direcionados a elas.

É pertinente acentuar que, com a introdução da categoria gênero nos estudos acerca do mundo social, a historiadora Scott (1992) elabora críticas em relação à ideia de que existe, na produção acadêmica, uma tendência a uma cronologia linear do feminismo, uma história que iria das mulheres ao gênero. Na perspectiva de Scott (1992):

A emergência da história das mulheres como um campo de estudos envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise (SCOTT, 1992, p. 65).

Nesse sentido, não podemos separar os termos e diferenciá-los, mas sim trabalhá-los de forma entrelaçada.

Na década de 1980, a teoria feminista começa a ser questionada, principalmente acerca de seu principal sujeito: as mulheres. Uma das principais estudiosas que critica a teoria feminista é Judith Butler. Em sua concepção, o feminismo é um movimento ultrapassado para a sociedade contemporânea. Para Butler (2003), um dos problemas do feminismo é a questão da identidade social. Segundo a autora, para o feminismo, o sujeito “mulheres” supõe apenas

uma identidade em que todas estariam inseridas numa mesma condição e, para tanto, a noção de identidade não seria tão singular como se apresenta. Conforme Butler (2003):

O próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes [...] a identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento (BUTLER, 2003, p. 18, 23).

Ou seja, o feminismo deve-se ocupar de outras prerrogativas que circundam o contexto do gênero.

No campo do feminismo muitas são as discussões, embates, problemas conceituais e críticas, mas iremos pontuar algumas em função de nosso recorte temático. Buscando entrar em acordo com uma discussão mais atualizada, podemos apontar a seguinte definição de gênero.

São os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente construídos (Ibid., p. 24).

Cabe ressaltar que Butler (2003) enfatiza a dificuldade da separação entre sexo e gênero:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma (Ibid., p. 25, destaque da autora).

Essa crítica da tênue distinção entre sexo/gênero coloca para o movimento feminista a necessidade de reformular suas teorias permanentemente.

As teorias iniciais do feminismo que separam sexo e gênero começam a ruir, pois a definição de sexo, antes considerado como natural ao sujeito, isentava os discursos que eram feitos sobre o corpo dos indivíduos. Atuais contextos e transformações em relação ao entendimento acerca das transexualidades obrigaram a novas posturas de pensamento dentro do movimento feminista.

Outro dado importante foram às questões levantadas em torno da distinção, ou separação, entre sexo e gênero, ou seja, o sexo como natural, biológico, e gênero como cultural. Nesse sentido o dualismo sexo/gênero também passou a ser criticado, ou melhor, desconstruído (CONCEIÇÃO, 2009, p. 742).

Podemos, portanto, entender que, ao estudar os feminismos, estamos lidando com sexo e gênero, um em paralelo ao outro, ou um sistema sexo-gênero, podendo agrupar aspectos biológicos e culturais para podermos entender a categoria de gênero como ferramenta de análise histórica. Na perspectiva de Lauretis (1994), gênero não se limita à diferença entre os sexos, gênero também é compreendido nas representações sociais e nos discursos, pois o sujeito é múltiplo e cheio de contradições. Ao utilizarmos gênero devemos trabalhar com sua construção e desconstrução.

As concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares, mas que se excluem mutuamente, nas quais todos os seres humanos são classificados formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais (LAURETIS, 1994, p. 211).

Tivemos, no segundo capítulo, inúmeros exemplos de discursos por parte da Igreja Católica que colocam o feminino e o masculino como dados e acabados, sem considerar a construção cultural dos sujeitos, uma vez que feminino e masculino são representações construídas e reafirmadas por discursos específicos. Ao feminino são destinadas as capacidades matrimoniais e maternas, ou seja, nesses discursos a categoria gênero nos permite construir críticas e reflexões acerca das mulheres dentro do contexto religioso, e ao mesmo tempo podemos formular ferramentas e pensamentos que nos auxiliem a desconstruir esses discursos religiosos. Com a análise baseada na categoria gênero e nos estudos feministas, percebemos ainda os “desvios” das mulheres católicas, como são construídos os comportamentos condizentes com a norma e aqueles considerados desviantes, muitas vezes silenciados ou condenados nos textos, nas prescrições e nas práticas religiosas.

Podemos entender gênero como um campo no qual o poder é articulado e as representações sociais estão imbricadas. As representações sociais demonstram como os discursos estão articulados e como o gênero atua, produzindo corpos, identidades e assimetrias sociais.

Enfim, percebemos que os feminismos é um movimento que possibilita pensar nas ações humanas, especialmente nos modos de objetivação/subjetivação das mulheres, mas

sempre relacionadas com os homens. Possibilita também mudanças em sua própria teoria, não sendo um movimento fechado, mas que promove novas discussões e apontamentos que vão surgindo de acordo com a realidade social de várias épocas. Nesse sentido, compartilho da conclusão a que chega Conceição (2009). Para ele, os feminismos são “a luta constante contra discursos e práticas que nos fazem pensar que há alguma vantagem em ser homem ou mulher” (CONCEIÇÃO, 2009, p. 755).

### 3.2 ENTRECRUZANDO GÊNERO E RELIGIÃO

Ao adentrar em um campo religioso específico não devemos perder de vista que há dentro dele uma dinâmica de jogos de poder que se entrelaça na convivência entre os sujeitos. O poder está presente em vários tipos de expressão e discurso. Na perspectiva foucaultiana, ele é múltiplo, fragmentado, às vezes forte e vigoroso, mas nem sempre perceptível:

Pois se o poder só tivesse a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalcamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil. Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz. Se foi possível constituir um saber sobre o corpo, foi através de um conjunto de disciplinas militares e escolares. E a partir de um poder sobre o corpo que foi possível um saber fisiológico, orgânico (FOUCAULT, 1985, p. 148).

Refletindo sobre o conceito de poder e suas várias formas de expressão, segundo Foucault, é possível ressaltar o papel do sacramento da confissão instituído pela Igreja Católica. Tal sacramento teve relevância após o Concílio de Trento, visando a uma maior vigilância sobre os fiéis.

O sexo, segundo a nova pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito (FOUCAULT, 1988, p. 25).

A Igreja tenta estabelecer controle sobre a vivência e os pensamentos dos fiéis, construindo discursos em que o próprio fiel julga a si mesmo, criando um saber e uma permanente disciplina sobre as vontades e as expressões dos sujeitos.

No contexto religioso católico, o sujeito que representa alguma autoridade possui em seu discurso o saber e o poder de verdade, ou pelo menos tem um discurso respeitável e considerável. Neste sentido, Foucault (1985) aborda o triângulo poder, verdade e direito, no qual todos estão entrelaçados, dependendo um do outro para sobreviver. Nas palavras do autor, os sujeitos são “julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 1985, p. 180), ou seja, as pessoas envolvidas em um determinado campo estão submetidas a determinadas regras e normas que as sujeitam direcionando suas vidas.

A relação entre poder, religião e gênero é um desafio para a História. A religião é um campo amplo para o estudo do sistema simbólico de uma sociedade, devendo o pesquisador lidar com as tramas sociais que compõem esse campo.

Essa relação é dinâmica e está em constante movimento, pois a religião na sociedade contemporânea apresenta-se como uma instituição de grande poder simbólico sobre os fiéis. Diante dessa conjuntura temos as transformações sociais acerca das questões femininas que, muitas das vezes, estão em luta contra o discurso religioso, como, por exemplo, o discurso católico em relação à personagem bíblica Maria. Esta é construída e reiterada como modelo a ser seguido pelas mulheres católicas; é exemplo de obediência e simplicidade em servir a Deus e essas características parecem ser reeditadas para as mulheres também na contemporaneidade.

Estudar as relações entre religião e gênero especificamente na sociedade contemporânea brasileira nos permite perceber um fenômeno interessante. Sabemos que o catolicismo no Brasil ainda é predominante, e também que as mulheres lideraram as estatísticas de serem mais religiosas em relação aos homens, no entanto, segundo o *Novo Mapa das Religiões* já citado, elas estão deixando o catolicismo e migrando para outras religiões.

Concluimos que isso ocorra em virtude de a Igreja Católica, apesar de suas transformações internas e dos discursos inovadores, ainda se coloca como uma instituição com posturas patriarcais e conservadoras, com regras que vão contra as radicais transformações na realidade das mulheres modernas.

Sabemos que símbolos construídos pela instituição religiosa são mantidos pelos sujeitos que ali convivem e fazem deles referências para suas condutas até o momento em que os sistemas não mais atendem às suas expectativas. Eles então deixam de exercer tanta

influência ou efeito, pois reformas não são dádivas, são conquistas. Vale ressaltar que os símbolos não são impostos aos indivíduos, mas que existe uma relação recíproca entre estes e os sujeitos, que buscam satisfazer seus desejos, anseios e encontrar respostas para suas dificuldades nos símbolos, sobretudo os religiosos. Para a Igreja, Maria é um ícone carregado de valores que deveriam informar muitas mulheres na busca de sentido para sua existência e expectativas pessoais.

Para divulgar esses símbolos, a Igreja utiliza várias ferramentas, tais como imagens, cantos e discursos que são instrumentos de dominação utilizados pela instituição:

As representações religiosas de gênero, na medida em que produzem e reproduzem lugares diferenciados de poder de acordo com o sexo biológico, possuem papel ativo na produção da desigualdade de gênero (SOUZA, 2008, p. 24).

A categoria gênero se faz necessária para entender as tramas discursivas e sociais que compõem o cenário religioso, pois as relações existentes entre homens e mulheres foram construídas no percurso da História. A Igreja Católica é uma instituição patriarcal; as posições superiores da Igreja são ocupadas por homens, sendo que as regras e normas são elaboradas por eles, ficando a cargo das mulheres a tarefa de executar essas diretrizes.

### 3.3 TEOLOGIA FEMINISTA

Ao abordarmos a Teologia Feminista, temos consciência de poderes em movimento dentro da Igreja Católica visando a mudanças nas estruturas patriarcais e nas relações de sexo. Podemos inferir que a religião foi o maior campo de expressão do movimento feminista, o que resultou em um novo pensamento e em um novo discurso acerca das mulheres – Teologia Feminista. Pressupomos que tal desdobramento ocorreu em razão do fato de que as mulheres conquistam cada vez mais espaço com o movimento feminista. Em paralelo a este temos o surgimento da Teologia Feminista, que visa discutir questões sobre o feminino pautadas na esfera religiosa.

Em diálogo com o feminismo, a Teologia Feminista surgiu na década de 70, na América Latina, como reação à opressão sofrida pelas mulheres dentro da conjuntura religiosa. Segundo Gebara (2007):

Desde o início da década de 1960 muitas mulheres de diferentes lugares do mundo, influenciadas pelo feminismo, começaram a perceber de forma mais clara as relações entre a face simbólica histórica e masculina de Deus e a opressão das mulheres (GEBARA, 2007, p. 15).

Na perspectiva da freira feminista Ivone Gebara, há dentro da estrutura da Igreja uma hierarquia determinando as posições de poder, todas elas masculinas: papa, bispo, padre e diáconos. É interessante perceber que a Igreja Católica apoia outras democracias dentro da sociedade, no entanto, dentro de sua estrutura, ainda predominam as autoridades masculinas, ou seja, ela não conseguiu lidar de forma democrática com as posições de poderes dentro de sua estrutura.

O conceito de Deus é muito debatido pela feminista Gebara (2007), pois ela acredita que tal símbolo pode falar muito da opressão que muitas mulheres ainda sofrem. A freira percebe que o fato de a imagem do divino ser representada por um ser masculino caracteriza uma forma de privilégio do homem em relação à mulher. Nesse sentido, a teologia feminista é uma chave que pode abrir pensamentos e espaços que permitam enquadrar homens e mulheres no mesmo nível de igualdade dentro do contexto religioso, mas também além dele.

Vale ressaltar que ao mesmo tempo em que as feministas estavam lutando pela igualdade dos direitos entre homens e mulheres, existia também uma luta interna dentro da Igreja Católica iniciada pelas feministas religiosas.

Um grupo de mulheres cristãs, cada vez mais numerosas e qualificadas, primeiro nos Estados Unidos e no Norte da Europa, mas em seguida também nos países latinos e do Terceiro Mundo, está desenvolvendo um novo tipo de reflexão teológica, que a partir de 1971-1972 assumiu o nome de Teologia Feminista (*feminist theology*), e cuja base de formação pode ser situada entre 1968-1975, quase simultânea à teologia latino-americana da libertação e à teologia negra norte-americana (GIBELLINI, 2012, p. 417, destaque do autor).

Dentre as teólogas feministas que inseriram a Teologia Feminista na esfera religiosa podemos destacar três pioneiras: “Elisabeth Schussler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether e Mary Daly” (RODRIGUES, 2007, p. 61). Tais teólogas tinham como principal objetivo a emancipação da mulher no espaço religioso e privado.

Existe um grupo de teologias que têm características semelhantes, como, por exemplo, a Teologia Negra e a Teologia Feminista, que possuem como fio condutor a libertação de determinado grupo, vítima de repressão por algum setor da sociedade. Especificamente a

Teologia Feminista<sup>25</sup> é mais uma das teologias de libertação dedicadas à luta pela igualdade social, inclusive em relação às posições, representações e desigualdades marcadas pelo sexo-gênero. Dessa maneira,

a Teologia Feminista introduz no círculo hermenêutico – o círculo que une a experiência do passado fixada nos textos da Bíblia e da tradição à experiência atual da mulher – a outra metade da humanidade e da Igreja, enriquecendo a experiência de fé, sua formulação e expressões (GIBELLINI, 2012, p. 418).

Para as teólogas feministas, a desigualdade entre o masculino e o feminino está presente em espaços políticos e religiosos, nos quais são produzidas as desigualdades sociais, inclusive as de sexo-gênero. Essas desigualdades são notáveis na exaltação de heróis e personagens masculinas, enquanto ao feminino fica reservado o espaço doméstico e, com isso, para as feministas, há um confinamento de um dos sexos. Nas palavras de Gebara (2007, p. 21), “confinamento que de certa forma quase nos fechou as portas das artes, da literatura, da política e de outras atividades. É claro que a reprodução da espécie, a administração da casa, o cuidado e a proteção da família tornaram-se nosso reino”.

Gebara (2007) em sua reflexão destaca que o confinamento ao qual as mulheres foram submetidas e sob o qual muitas continuam a viver na sociedade contemporânea é ainda muito forte, pois altera as emoções destas, ou seja, muitas mulheres naturalizaram determinados comportamentos e costumes, sem ao menos questioná-los e muito menos ir contra eles. As regras e os discursos são bem trabalhados para que se tornem hábitos rotineiros, para que as mulheres tenham a mesma predisposição nas crenças, nos sentimentos e até mesmo nas culpas. Essa dinâmica colabora para a criação e manutenção das representações sociais.

A Teologia Feminista tem como contexto de ação e reflexão o campo religioso, pois é constituída por mulheres religiosas engajadas em comunidades cristãs, sejam elas teólogas, freiras ou leigas. “Enquanto teologia, a TF não vê possibilidade de atuação fora do espaço cristão e prefere oferecer uma contribuição crítica à teologia tradicional” (RODRIGUES, 2007, p. 64). Essa teologia é baseada em experiências vividas por fiéis católicas que narram

---

<sup>25</sup> Dentro da Teologia Feminista há um leque de teologias, que têm como ponto comum combater o contexto patriarcal. Podemos citar algumas Teologias Feministas: teologia das mulheres de origem africana, teologia das mulheres de origem latino-americana, teologia das mulheres lésbicas, teologia das mulheres emigrantes, teologia queer, todas enfrentando problemas semelhantes, mas carregando suas particularidades. Na perspectiva de Gebara (2007, p. 54), “da diversidade de rostos femininos e de sua problemática específica podemos atualmente encontrar, sobretudo na América do Norte, teologias bem elaboradas que representam lutas femininas específicas de cidadania”.



suas vidas. É interessante destacar a análise feita por Rodrigues (2007) sobre a postura das católicas em relação à Teologia Feminista.

A maioria das fiéis católicas também não conhecem a Teologia Feminista e, na hora em que precisam de apoio para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia, as mulheres que recorrem à Igreja o fazem através dos templos, dos padres e de religiosas não envolvidas, na maioria das vezes, com a Teologia Feminista (Ibid., p. 85).

Podemos observar essa postura por parte das mulheres em razão da falta de conhecimento, uma vez que a instituição não reconhece a esses grupos/à comunidade a existência da Teologia Feminista. Outras ainda a conhecem, mas preferem se manter distantes das reflexões feministas.

Percebemos que depois da segunda metade do século XX a realidade dentro da Igreja Católica começou a sofrer mudanças com os movimentos de libertação em vários setores. Essa mudança permite afirmar que a Igreja elabora, como resposta, documentos direcionados para as questões que estão sob tensão dentro e fora da instituição.

A Teologia Feminista se baseia na leitura não sexista da bíblia, ou seja, busca realizar uma revisão dos textos bíblicos que abordam as mulheres e com isso realizar uma nova interpretação destes, colocando homem e mulher como seres iguais e de mesma importância. Esse método de revisar textos da bíblia permite que as fiéis percebam que tais textos foram escritos como forma de manipulação e desvalorização do feminino. Assim, a Igreja Católica tende a produzir, reproduzir e legitimar a subserviência das mulheres, associando-as à servidão, controlando e definindo sua sexualidade, definindo-a para a maternidade.

A Teologia Feminista apesar de não ter rompido com o mundo judaico-cristão, ao utilizar o método da Re-visão, é bastante contundente, e ao condenar alguns textos da Bíblia, as teólogas não pretendem desculpar ou encobrir a ideologia patriarcal presente nos mesmos. [...] Daí a necessidade de modificar a Bíblia e a Teologia Tradicional, combatendo seus alicerces sexistas, caso contrário, não ocorrerá mudanças nas estruturas patriarcais da Igreja. Uma forma de resolver a questão é apoiar e apostar na pesquisa teológica para as mulheres, um desejo de teólogas como Fiorenza que acreditam ser possível a renovação da instituição (RODRIGUES, 2007, p.66).

### 3.4 TEOLOGIA FEMINISTA E CATEQUESE

Pensando no método de “re-visão” que a Teologia Feminista propõe, não deixamos de refletir sobre a utilização da bíblia dentro do contexto da catequese. A bíblia é uma das principais ferramentas, se não a maior do processo de catequização. Sua utilização se dá de forma que atenda aos anseios do patriarcalismo, sendo que muitas catequistas utilizam a bíblia como um texto que se encaixa na realidade contemporânea de crianças e adolescentes, construindo um imaginário social que colabora para a desigualdade de gênero.

Nesse sentido, muitos preconceitos e representações são ensinados de acordo com a visão patriarcal da Igreja. E a Teologia Feminista é uma ciência que propicia reler os textos, desconstruindo conceitos tidos como prontos e acabados, possibilitando um novo olhar para a realidade religiosa de mulheres e homens. Ao utilizar o método da re-visão da TF e categoria gênero podemos realizar uma leitura dos textos bíblicos de forma que não oprima nenhum sexo. Dessa forma, desconstruímos conceitos sexistas e conservadores.

A desconstrução dos discursos e dos conceitos conservadores poderá ganhar terreno na Pastoral Catequética, promovendo uma nova consciência com a perspectiva feminista. O ato de ensinar é exercer poder, pois o ensino permite construir conceitos e ideias sobre determinada temática, por isso as catequistas, teólogas, religiosas e demais mulheres católicas devem ter como proposta uma mudança da estrutura hierárquica que a Igreja construiu durante séculos. Tal mudança requer um novo jeito de pensar em sua vivência cristã, colocando-as como seres capazes de refletir sobre sua atuação e construtoras de um pensamento próprio que as inclua na estrutura da Igreja.

Muitas mulheres ocupam lugar de liderança dentro da Igreja nos espaços de evangelização e organização, no entanto, quando é necessário tomar decisões, participar de assembleias, sínodos, conferências, são colocadas à margem, em posição de silêncio, não sendo permitido que tomem o domínio do discurso. A catequese se torna, portanto, um espaço de profunda reflexão acerca da atuação das mulheres dentro da instituição.

Podemos concluir que as catequistas são ativas e engajadas na vida da Igreja, podendo ter a catequese como espaço de divulgação da Teologia Feminista. Tal divulgação pode acontecer dentro do próprio grupo de catequistas e nos ensinamentos transmitidos aos catequizandos, desconstruindo conceitos conservadores que colaboram para a desigualdade entre os sexos. Um exemplo de conceito construído e reproduzido dentro do fazer da catequese é a ideia de que Deus é um ser do sexo masculino. Assim, o masculino se sobrepõe

ao feminino. Para que a desigualdade entre os sexos não aconteça é necessário que homem e mulher sejam tratados no mesmo nível de igualdade e a TF vem dar luz a essa reflexão dentro do espaço religioso.

A Teologia Feminista é uma voz dentro das estruturas hierárquicas da Igreja por intermédio dos discursos e das práticas. Dessa forma, podemos considerá-la como uma força em movimento, pois desconstrói conceitos prontos e elabora um novo pensamento. O discurso da Teologia Feminista é uma nova voz dentro da Igreja Católica, pois discute concepções diferenciadas das que hoje permeiam o contexto religioso para as mulheres. As catequistas, leigas, teólogas e outras mulheres católicas é que vão dar voz a esse discurso androcêntrico, desconstruindo os discursos e os lugares que foram dados às mulheres.

A Igreja Católica confere o título de doutora<sup>26</sup> àquelas escritoras que foram singulares em sua história. Dentre elas citamos quatro que a Igreja reconheceu: Catarina de Sena, Teresa D'Ávila, Hildegarda de Bingen e Teresa de Lisieux. Em sua constituição, a Igreja Católica deu esse título a 31 homens e 4 mulheres, tendo sido Catarina e Ávila reconhecidas como doutoras em 1970, Lisieux em 1997 e Bingen em 2012.

É interessante observamos as datas em que essas mulheres receberam tal título. Na década de 70, a Teologia Feminista começa a dar seus primeiros passos em paralelo com o movimento feminista, e na década de 90 tivemos grandes acontecimentos para as mulheres, como, por exemplo, a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a mulher (1988-1998). Tais acontecimentos foram ímpares na consolidação da Teologia Feminista como movimento de emancipação das mulheres.

Além de observamos a data em que foi conferida a honraria de doutora a essas mulheres, podemos indagar o que mudou para as mulheres religiosas e leigas da Igreja. Outra observação a ser feita é quanto à inferioridade do número de doutoras da igreja em relação ao número de homens. Tal leitura nos permite interpretar que não houve uma maior expansão do espaço para mulheres e muito menos igualdade em relação ao sexo masculino.

No cenário da Catequese e da Teologia Feminista essas mulheres devem ser reconhecidas e estudadas em seu contexto, pois os conhecimentos que a Igreja divulga acerca destas atende a seus anseios, uma vez que foram construídos em uma ótica patriarcal, desconsiderando as suas lutas internas dentro da conjuntura católica. Essas mulheres são expoentes para se pensar a atuação de mulheres religiosas e leigas dentro da Igreja, pois dessa

---

<sup>26</sup> “Título oficialmente dado pela tradição e por decisão da Santa Sé a escritores eclesiásticos notáveis tanto pela santidade de sua vida como pela importância e ortodoxia da sua obra doutrinal” (RODRIGUES, 2007, p. 71).

maneira é possível fazer uma reflexão sobre estas dentro da instituição católica, independentemente do fato de terem ou não se transformado em doutoras.

Vale ressaltar que a Teologia Feminista e a categoria gênero estão entrelaçadas, pois aquela apropriou-se desta para construir seu fazer teológico. Em seu fazer teológico há a intenção de tornar visível o sujeito mulher. Dar visibilidade ao pensamento feminista é também fazer com que a mulher da contemporaneidade seja valorizada.

Sabemos que a Igreja Católica possui inúmeras teólogas e doutoras, que têm capacidade de ministrar, de administrar paróquias, dioceses, sínodos, conferências, assembleias etc., entretanto não são reconhecidas para tais funções. Dentre as teólogas da América Latina, não podemos deixar de destacar algumas: Maria do Pilar Aquino<sup>27</sup>, Tereza Cavalcanti<sup>28</sup>, Maria Clara Lucchelli Bingemer<sup>29</sup>, Sibyla Baeske<sup>30</sup> e Ivone Gebara<sup>31</sup>, que com suas reflexões contribuíram para um novo pensamento sobre a atuação das mulheres dentro do espaço religioso e/ou em outros espaços.

Após o Concílio Vaticano II houve várias discussões e a produção de documentos, como, por exemplo, as cartas encíclicas e apostólicas exploradas no capítulo anterior, que abordaram a temática das mulheres, mas questões que assombram o cotidiano destas ainda permanecem presentes em suas vivências. Ao lidar com o campo do feminino dentro do contexto religioso, temos que compreender a teia de poderes que as colocam em posição de opressão e desigualdade.

---

<sup>27</sup> Ver: *Nosso clamor pela vida: teologia latino-americana a partir da perspectiva da mulher*. Trad. Rodrigo Contreras. São Paulo: Paulinas, 1996.

A teologia, a Igreja e a mulher na América Latina. Trad. Rodrigo Contrera. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção Mulher, ontem e hoje).

<sup>28</sup> Ver: “Produzindo teologia no feminino plural. A propósito do III Encontro Nacional de Teologia na perspectiva da mulher”. *Persp. Teol.* 20 (1988) 359-370.

Quando os pobres leem a Bíblia. Reflexões a partir da Pastoral Bíblica.

<sup>29</sup> Ver: *Ser Cristão hoje*. São Paulo: Ave Maria, 2013.

O mistério e o mundo: Paixão por Deus em tempos de descrença. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

Crônicas de cá e de lá. Juiz de Fora: Subiaco, 2012.

Secularização: novos desafios. 1. Ed. Rio de Janeiro: Puc-Rio, 2012.

Da teologia do laicato à teologia do batismo. *Perspectiva Teologica* Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus, nº 19, p. 29-48, 1987.

<sup>30</sup> Ver: Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKE, Sibyla (org.) *Mulheres desafiam as igrejas cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>31</sup> Ver: Trindade: palavra sobre coisas velhas e novas. Uma perspectiva ecofeminista (1994);

Teologia ecofeminista. Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião (1997);

Rompendo o silêncio. Uma fenomenologia feminista do Mal (2000);

A mobilidade da Senzala Feminina. Mulheres nordestinas, Vida Melhor e Feminismo (2000);

O que é Teologia (2006);

O que é Teologia Feminista (2007);

O que é Cristianismo (2008);

Terra – Eco Sagrado (Teologia da Libertação e Educação Popular) e

As incomôdas filhas de Eva na Igreja da América Latina.

Podemos eleger a década de 80 como a década das mulheres, pois foi nesta que acontecimentos importantes referentes à Teologia Feminista aconteceram. Dentre eles citamos o 1º Ano Internacional da Mulher, promovido pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1985; o 2º Encontro de Teologia Feminista, em 1986; a Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher (1988-1998) e o 3º Encontro de Teologia Feminista, em 1988.

Todos esses acontecimentos, datas, eventos e outros não citados nesta pesquisa foram efeitos das lutas de muitas mulheres que desejavam promover reflexões e pensamentos acerca da atuação e inserção delas na esfera religiosa de forma igualitária, para isso contaram com a força política Teologia Feminista.

### 3.5 CATEQUESE: ESPAÇO DE ATUAÇÃO DAS MULHERES

A Pastoral da Catequese é um espaço de legitimação da atuação das mulheres dentro da Igreja Católica. A atuação das mulheres católicas na ação catequética se dá de forma dinâmica, ou seja, muitas mulheres catequistas fogem às normas estabelecidas pela Igreja e colocam em pauta seus pensamentos e opiniões acerca dos temas da instituição religiosa.

A Igreja Católica da contemporaneidade e inserida na realidade brasileira se mostra preocupada com a maneira de evangelizar os leigos, por isso não podemos deixar de explorar o termo ‘nova evangelização’, usado pela primeira vez pelo papa João Paulo II em 1979. No contexto católico a catequese é entendida como evangelização, ou seja, tais termos estão atrelados, não sendo possível falar de um sem mencionar o outro.

Podemos caracterizar a Igreja Católica no pontificado de João Paulo II como uma instituição que tenta construir um discurso baseado na ideia de renovação e com essa finalidade institui o termo nova evangelização, visando implantar novos métodos e expressões para a metodologia catequética.

O referido papa citou esse termo em 1979, mas veio a explorá-lo apenas em 1992, em seu discurso inaugural da IV Conferência do Episcopado Latino Americano (Celam) em Santo Domingo. Tal conferência é uma reunião de bispos da Igreja Católica inserida na América Latina, que tem por objetivo a discussão de temas da igreja que merecem ser melhor trabalhados para os leigos com a finalidade de orientação destes. Na IV Conferência foram discutidos vários temas, mas um em especial é singular para esta pesquisa: a importância dos

leigos no cenário da Igreja Católica. Os leigos foram classificados em duas categorias: jovens e mulheres.

Essa é a grande novidade do documento de Santo Domingo – centralidade dos fiéis leigos, especialmente as mulheres. Como é sabido, as leigas ocupam lugares de grande importância dentro da religião católica, podendo ser catequistas, coordenadoras de pastorais, ministras da eucaristia, secretárias paroquiais e tantas outras funções dentro da Igreja. No entanto, essa atuação não isenta a instituição de promover uma desigualdade de gênero, pois a Igreja Católica continua desrespeitando a autonomia das mulheres, sejam elas leigas ou religiosas.

É um fato que o documento de Santo Domingo dá importância para o trabalho desenvolvido pelas mulheres dentro da instituição, no entanto tal atuação é apenas reconhecida, as mulheres continuam às margens das grandes decisões da instituição. Muito é falado e discutido em relação às mulheres, mas na prática a produção de imagem de mulher como de “sexo frágil” e “incapaz” de exercer poder continua a prevalecer.

O termo da nova evangelização é uma necessidade que a Igreja enxerga. Essa renovação deve acontecer por meio das mulheres leigas, catequistas, religiosas ou por intermédio de todo católico batizado que se sente discípulo de Jesus. Na nova evangelização é solicitado aos leigos um espírito renovador, capaz de dar um novo impulso para a realidade das igrejas locais. No discurso inaugural do papa João Paulo II podemos identificar uma tarefa destinada a todos os católicos:

Ao evangelizar, a unidade da fé da Igreja tem que resplandecer não somente no magistério autêntico dos Bispos, mas também no serviço à verdade por parte dos pastores de almas, dos teólogos, dos catequistas, e de todos os que estão comprometidos na proclamação e pregação da fé (CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO, 1992, p. 12).

A grande ideia central do documento de Santo Domingo é a aplicação da Nova Evangelização, seja por meio da catequese, da homilia diária ou de outro suporte que a Igreja possui. Para tanto, esta pesquisa se encarregou de estudar o método da catequese, pois neste podemos enxergar de maneira mais concisa a participação das mulheres católicas praticantes. Na perspectiva religiosa católica não há dissociação entre os termos evangelização e catequese, como nos mostra o Diretório Nacional de Catequese: “Nossa realidade pede uma nova evangelização. A catequese coloca-se dentro dessa perspectiva evangelizadora, mostrando uma grande paixão pelo anúncio do Evangelho” (CNBB, 2005, p. 46).

O objetivo da IV Conferência foi comemorar os 500 anos da evangelização na América Latina, por isso, ao abordar tal temática, é necessário falar de catequese e consequentemente abordar a atuação das mulheres, pois estas são a maioria dentro da Pastoral Catequética, como mencionamos anteriormente com base na observação da realidade uberlandense.

A Igreja Católica deixa claro que “os pais são os principais e primeiros educadores de seus filhos” (JOÃO PAULO II, 2000, p. 452). Mas sabemos que essa recomendação muitas das vezes fica apenas no discurso, na prática, o catequizando tem seu primeiro contato com a doutrina católica por meio da catequista, ou seja, ela é a protagonista no processo de evangelização.

A catequese sempre supõe a primeira evangelização. Por sua vez, à catequese segue-se o terceiro momento: a ação pastoral para os fiéis já iniciados na fé, no seio da comunidade cristã, através da formação continuada. Catequese e ação pastoral se impregnam do ardor missionário, visando à adesão mais plena a Jesus Cristo. A atividade da Igreja, de modo especial a catequese, traduz sempre a mística missionária que animava os primeiros cristãos. A catequese exige conversão interior e contínuo retorno ao núcleo do Evangelho (querigma), ou seja, ao mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, vivida e celebrada continuamente na liturgia (CNBB, 2005, p. 50).

O papa João Paulo II alerta aos bispos, padres e outras autoridades clericais para que dêem uma atenção especial à ação catequética, promovendo a elaboração de documentos que abordam essa temática. Nas palavras do papa:

Todos os evangelizadores deverão dar também uma especial atenção à catequese. No início do meu Pontificado quis dar um novo impulso a esta tarefa pastoral, mediante a Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, e recentemente aprovei o Catecismo da Igreja Católica, que recomendo como o melhor dom que a Igreja pode fazer aos seus Bispos e ao Povo de Deus. Trata-se de um valioso instrumento para a nova evangelização, onde se compendia toda a doutrina que a Igreja deve ensinar (CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO, 1992, p. 13).

A nova evangelização encontra respaldo nos documentos que o papa elaborou. A novidade proposta são as novas formas de expressão da ação catequética que devem ser aplicadas pelas catequistas. Nesse novo jeito de ser, a catequista deve estar atenta à realidade vivida pelos seus catequizandos, não sendo apenas uma “professora” de assuntos religiosos. A catequista é aquela personagem que se coloca no cenário atuando de forma concisa e coerente

com a doutrina católica, mas sabemos que nem sempre tal recomendação se aplica à realidade de muitas delas.

Essa necessidade de renovação, de novo ardor e de novas formas de expressão que a Igreja tanto quer talvez se deva a alguns desafios que a catequese de hoje tem vivenciado. Podemos pontuar algumas dessas dificuldades, como, por exemplo, a diminuição das crianças que procuram a catequese, o abandono da catequese depois que recebem os sacramentos, a falta de catequistas engajadas na missão evangelizadora, a falta de apoio dos pais e até de padres. Todos esses desafios estão presentes na realidade de várias dioceses, como, por exemplo, na Diocese de Uberlândia. Sabendo desses impasses que a ação catequética vivencia, o papa, os bispos e as autoridades religiosas incentivam novas práticas de evangelização que possam atender às expectativas de homens, mulheres e crianças da contemporaneidade.

Vimos no primeiro capítulo que na realidade uberlandense muitas catequistas apresentam uma infidelidade doutrinária, com um pensamento divergente dos ideais católicos. Tal comportamento nos autoriza a afirmar que há resistência das mulheres católicas praticantes em relação às normas que lhes são direcionadas. É curioso indagar o motivo pelo qual muitas mulheres católicas, sejam elas catequistas, ministras ou tantas outras que têm uma infidelidade doutrinária, permanecem ativas dentro da Igreja, tendo as normas católicas bem explícitas em sua vivência religiosa. Talvez o motivo esteja em concordância com a opinião da freira Ivone Gebara, que deu a seguinte resposta ao ser interrogada se pensava em sair da Igreja:

Não. Por coerência com certo feminismo e com o cristianismo. Porque sair significa também desvincular-se das mulheres, as que mais sofrem, todas são crentes. Acredito que as feministas não têm trabalhado suficientemente as cadeias religiosas dos meios populares, que são cadeias que consolam e oprimem ao mesmo tempo. Não se pode ser feminista ignorando a pertença religiosa das mulheres; se elas não são católicas, são da Assembléia de Deus ou da Igreja Universal, ou do candomblé ou do espiritismo. E em cada um destes lugares há uma dominação dos corpos femininos. A religião é um componente importantíssimo na construção da cultura latino-americana, a tal ponto que aqui, na Argentina, a ligação entre Igreja e Estado é muito forte. No Brasil, oficialmente, temos a separação, mas na cultura não. A presidenta Dilma tem sido tão pressionada, na cultura, que já não diz mais sua posição a favor da despenalização do aborto. Retratou-se. É necessário mudar a Igreja a partir de dentro (GEBARA, 2012, s./p.).

Pressupõe-se que muitas mulheres atuantes da Igreja Católica desejam mudanças internas e, para que isso aconteça, é necessário que tais mudanças se deem de baixo para cima



ou de dentro para fora. Com base nas inúmeras observações feitas dentro da realidade da Diocese de Uberlândia – cursos, escola de catequese, encontros de catequistas, palestras e outros –, pude perceber que muitas mulheres lutam cotidianamente por transformações de comportamentos e diretrizes da Igreja, mas sabem que essas transformações são vagarosas, mas nem por isso deixam de dar sua pequena contribuição para esse processo histórico para as mulheres e para a Igreja.

Sabemos que dentro da Igreja Católica há vários deslizes por parte dos fiéis, e com o desejo de demonstrar uma transgressão doutrinária elegemos o espaço da catequese. Tal escolha se deu por dois motivos: primeiro, porque a maioria das atuantes é mulher, e mulher praticante da doutrina, e segundo, pelo fato de que a catequese é a pastoral responsável pela transmissão e educação da fé.

A CNBB instituiu em 1981 o 4º domingo de agosto como o dia do catequista. Nesse domingo a Igreja em todo o Brasil parabeniza a todos os catequistas pelos trabalhos desenvolvidos como leigos atuantes em seu papel de evangelizar. Tal atitude é um reconhecimento do trabalho feito por inúmeras mulheres.

“O catequista é um porta-voz da comunidade” (CNBB, 2005, p. 54), aquela pessoa autorizada a falar em nome de um grupo. Tal posto ocupado dentro da hierarquia católica é de suma importância, pois ajuda a construir e manter uma comunidade eclesial. Mas o catequista deve apresentar uma atitude que o coloque em lugar de silenciamento e aquietação. Como recomenda o Diretório Nacional de Catequese:

Clima de acolhimento e docilidade para o dom do Espírito, diante do qual se impõe uma atitude de humildade e obediência: embora a metodologia, as técnicas pedagógicas e a personalidade humana do catequista sejam importantes, nada substitui a ação silenciosa e discreta do Espírito Santo. Ele é o principal catequista. No exercício de seu ministério, muitas vezes o catequista deverá refugiar-se no silêncio, na discrição e, sobretudo, na oração, sabendo esperar e respeitar a ação do Espírito (Ibid., p. 136).

De acordo com o trecho acima, o catequista deve ser dócil, humilde, obediente e discreto na sua ação catequética. Dessa maneira desempenhará corretamente sua missão. E com o objetivo de fortalecer a fé católica por meio da metodologia da nova evangelização, a Igreja transmite essa responsabilidade a todos os leigos batizados, não apenas aos catequistas, mas a todos os fiéis.

Na realidade uberlandense verificamos que as mulheres catequistas ainda sofrem preconceito e resistência em se tratando de normas que lhes são direcionadas, pois o contexto

cultural da cidade carrega características de conservadorismo, como verificamos nas linhas do informativo *O Vagalume*, que nos apresenta um discurso ancorado no pensamento do papa João Paulo II e em preceitos patriarcais.

## CONCLUSÃO

O historiador, como a bordadeira, ao final de suas atividades de pesquisa, tem à sua frente uma cesta cheia de documentos, de relatos, de imagens, de escritos, de narrativas, de variadas cores e tonalidades, misturados de forma caótica. É ele, como faz a profissional do bordado, que submete este caos a uma ordem, a um desenho, a um plano, a um projeto, a um molde, a um modelo, que deve ser previamente pensado. Assim como no bordado existirão aquelas laçadas, aqueles pontos, aquelas amarrações, que serão fundamentais para que o desenho se sustente e se faça, na narrativa historiográfica existirá – o que não por mera coincidência se chamará de fio condutor, de fio da meada – o problema, a questão, o objetivo, que deve ser perseguido e deve estar presente durante toda a narrativa (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 4).

Ao longo desta pesquisa perseguimos as representações sociais que a Igreja Católica construiu sobre as mulheres ao longo de décadas e os discursos que procurou manter acerca dos sentidos de família, maternidade e mulher. Para compreender essas representações utilizamos a categoria de gênero, que nos permitiu entender de forma mais clara como a diferença sexual estão implícitas no contexto religioso.

Na introdução deste trabalho citamos a divulgação de um questionário elaborado pelas autoridades da Igreja direcionado às suas bases, mas percebemos que houve um silenciamento por parte do Brasil diante desse questionário. Muitos católicos não tinham conhecimento dele, tampouco houve discussões e a intenção de elaborar respostas. No dia 24 de fevereiro de 2014, a revista *on-line* IHU noticiou o *Sínodo Extraordinário sobre a família: as respostas soam como estridente silêncio no Brasil*, apresentando uma entrevista especial com Helio Amorim, ex-presidente nacional e latino-americano do Movimento Familiar Cristão (MFC) e ex-vice-presidente mundial do MFC.

No primeiro capítulo, utilizamos o método da observação, interpretação e análise dos discursos religiosos e das práticas de catequistas da Diocese de Uberlândia, por meio dos quais conseguimos compreender como a Igreja Católica, com suas normas expressas em documentos eclesiais, desenhou modelos do feminino através dos tempos. Suas vontades, anseios, desejos e práticas tornaram-se alvo de controle permanente, seja no espaço doméstico ou social.

Nesse campo emblemático percebemos mulheres que se mantêm enquadradas nesse perfil que a Igreja produz, mas há vozes de outras que reelaboram sua vivência conforme seu tempo e rotina, driblando as normas da Igreja, como certificamos no primeiro capítulo em relação às catequistas de Uberlândia, que reelaboram novas formas do ser feminino sem

deixar de lado sua inserção na religião, como é o caso da freira Ivone Gebara. Nesse sentido, a Igreja lida com várias experiências singulares de mulheres, não havendo uma única História, mas uma multiplicidade de vivências e discursos: “mulheres que se aproximam do arquétipo de Maria-mãe, paciente, serena e das que já ocupam outra forma de vivenciar a experiência feminina de acordo com suas ideias e fé” (ABUD, 2008, p. 139).

Destacamos também o trabalho das catequistas, mesmo que façam apenas a divulgação e reprodução das normas católicas interpretadas por homens, autoridades da instituição. As catequistas também exercem poder sobre crianças, jovens e adultos, pois não estão desconectadas de sua realidade social. A observação e atuação como mulher católica praticante nos mostrou que a palavra contradição é uma marca tanto dos documentos eclesiais quanto das práticas e dos discursos por parte da Igreja Católica. A religião é um campo de forças conservadoras, mas também um campo de mobilização por parte de muitas mulheres, ou seja, o campo religioso católico é um espaço de lutas.

Em contrapartida, a esse desejo por mudanças, analisamos no segundo capítulo como as representações do feminino são construídas nos documentos eclesiais, especificamente nos documentos elaborados pelo papa João Paulo II. Pudemos constatar que a Igreja desenha um modelo de mulher a ser seguido, como verificamos nas Cartas, no Catecismo e nas catequese do papa. Para isso, também analisamos as diretrizes formuladas para os/as catequistas, apontando e reiterando a diferença sexual como base para as desigualdades entre homens e mulheres.

Em alguns trechos dos documentos eclesiais, conseguimos enxergar um discurso plausível em relação às mulheres, mas, se comparado com a realidade de mulheres praticantes, enxergamos uma grande contradição entre prática e discurso, ou seja, há uma constante tensão de forças. Assim, algumas mulheres buscam viver de acordo com as normas católicas, outras vão contra os ideais católicos, ainda que seja no interior da Igreja.

Constatamos também que os discursos do papa que avançam e promovem outras formas do ser feminino não passam de palavras, pois na realidade das mulheres católicas a estrutura da instituição continua segregadora e desigual. Donde surgem as reivindicações da freira Ivone Gebara, que defende mudanças na estrutura da Igreja Católica, a fim de tornar as mulheres mais significantes dentro desta, ou seja, deslocá-las do lugar hierarquizado e inferior discursivamente e culturalmente construído.

Com base nas análises sistemáticas de alguns documentos eclesiais, percebemos que as mulheres da sociedade contemporânea não são contempladas. As mulheres sofridas,

trabalhadoras, divorciadas, discriminadas, exploradas são deixadas de serem citadas, apenas cabe o modelo de mulher que se dedica à maternidade e à família, no seu sentido mais tradicional.

Enfim, a Igreja Católica é uma instituição hierarquizadora que coloca homens em posição de autoridade, reforçando o caráter patriarcal que esta carrega durante séculos. Por isso apostamos que a Teologia Feminista é uma ferramenta que pode contribuir para a igualdade entre homens e mulheres dentro do espaço religioso e além deste. A Teologia Feminista permite às mulheres inseridas ou na religião repensarem suas práticas e vivências, desconstruindo normas e conceitos que as colocam em lugares inferiores em relação aos homens.

Juntamente com a Teologia Feminista, temos a categoria de análise gênero e outros estudos e práticas sociais que nos permite desconstruir discursos religiosos que se colocam como verdades dadas e findadas. Com a ferramenta gênero, observamos a religião, as mulheres e as doutrinas católicas com outras lentes. Percebemos com mais clareza as representações sociais produzidas pela Igreja para as mulheres do nosso tempo. Gênero é uma categoria que possibilita estudar o ser humano e a formação histórica e social da identidade coletiva e individual e permite que enxerguemos práticas apreendidas e reproduzidas no contexto social e cultural dos sujeitos.

Ao tentarmos reescrever a história com uma ótica feminista, não tivemos como intenção vitimizar as mulheres, especialmente as mulheres católicas, uma vez que destacamos que estas, direta ou indiretamente, exercem determinados tipos de poderes dentro da instituição. Mas observamos que católicas ligadas à Igreja não são seres passivos, muitas resistem às normas que lhes são determinadas, seja de maneira silenciosa ou reelaborando-as e se reapropriando destas em suas vivências.

Podemos aproximar a postura de muitas catequistas da Diocese de Uberlândia à ideologia de vida da freira Ivone Gebara, que luta dentro da instituição para promover uma nova leitura da fé cristã por meio das vivências de uma comunidade de fé. Talvez o motivo mais óbvio de tal aproximação seja o desejo por mudanças dentro da instituição religiosa e não apenas da religião, mas da sociedade. E as catequistas sabem que são de suma importância para que essas mudanças ocorram. Mesmo que o processo seja vagaroso e quase imperceptível, suas ações rotineiras se tornam uma base sólida para se repensar a atuação das mulheres católicas dentro da Igreja.

Muitas dessas catequistas estão promovendo um fazer teológico sem ao menos terem conhecimento da Teologia Feminista, haja vista que, dentro da Igreja, tal teologia é praticamente desconhecida, mas na sua dinâmica de evangelizadoras carregam um desejo de mudanças na estrutura da Igreja para com as mulheres.

Enfim, a Teologia Feminista abarca feministas e cristãs que desejam uma nova postura da instituição religiosa, sem deixarem de ser mulheres religiosas ou crentes em sua fé. Essa característica faz com a Teologia Feminista seja uma teologia da realidade das mulheres, pois é por meio de suas vivências que elas suscitam a discussão acerca de sua condição de ser mulher e não de uma teologia que fica apenas na teoria e nos conceitos, mas de uma teologia do presente, do momento vivido.

Acreditamos que, para que haja mais igualdade entre homens e mulheres, se faz necessário que as mulheres de hoje questionem, reclamem, argumentem sobre sua atuação feminina, pois dessa forma poderão conquistar mais espaço para as discussões sobre sua presença na esfera religiosa. Essa reação talvez provoque nas autoridades clericais um novo jeito de pensar, de discutir e de conceber as representações acerca das mulheres.

É intolerável, em pleno novo milênio, construir um modelo de mulher que atenda apenas aos desejos masculinos. Também não é mais possível aceitar, nesse mundo pós-moderno, representações sociais que colocam a mulher como ser inferior ao homem, tendo como qualidade apenas a maternidade e a conjugalidade como o espaço que lhe pertence. De acordo com Albuquerque (2010):

Confrontando o Magistério da Igreja sobre mulher, nos documentos analisados, com o pensamento das teólogas, percebe-se, claramente, que a contestação das mulheres da sua exclusão eclesiológica histórica é um fenômeno de consolidação do papel da mulher na Igreja hoje. Elas, também, afirmam a necessidade da Igreja dialogar com as mulheres: solteiras, casadas, religiosas, teólogas, leigas. As mulheres precisam ser escutadas sobre as questões da sua existência e os desafios nas suas vidas, sendo valorizadas na criação da teologia feminista e na recriação da teologia da Igreja (ALBUQUERQUE, 2010, p. 77).

Além da Teologia Feminista buscamos observar que a categoria gênero também é um instrumento de autoconstrução do ser feminino. Com base nesses dois arcahouços esperamos que esta pesquisa tenha propiciado discussões pertinentes para a História e para as problematizações acerca de gênero e acreditamos que novas contribuições sejam acrescidas a esta discussão. Seguindo a premissa foucaultiana:

Talvez, o objetivo hoje em dia não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrarmos deste “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno (FOUCAULT, 1995, p. 239, destaque do autor).

A pesquisa levou a descobrir o quanto a Igreja Católica, no período de João Paulo II, manteve-se conservadora inclusive em relação aos papéis do feminino e do masculino, apesar de todos os avanços da sociedade, que foi a testemunha e promotora das tomadas de decisão durante o Concílio Vaticano II.

Por outro lado, o conservadorismo da Igreja não tem impedido a crítica por parte dos fiéis e devotos, bem como suas resistências, ou seja, práticas cotidianas em direção contrária à doutrina ou diretrizes eclesiais. Prova disso é a oposição entre pensamentos e discursos do papa João Paulo II e da freira Ivone Gebara. De um lado temos o pensamento do papa, que se mostra conservador, de outro, temos a ideologia da freira e teóloga, que apresenta uma postura inovadora para as mulheres.

Para concluir, esperamos que o presente trabalho contribua com o reconhecimento do papel da mulher católica como leiga praticante, catequista envolvida com o contexto e religiosa atenta em relação à realidade que a circunda.

Ao final de uma pesquisa sabemos que muitas pontas do bordado ficam para serem melhor costuradas. Nosso bordado não acaba aqui, queremos continuar trançando nossos pontos sobre o pensamento das teólogas católicas feministas, como Maria Clara Luchelli Bingemer, Maria do Pilar Aquino e tantas outras, uma vez que, sabemos, são mulheres engajadas dentro da instituição religiosa a tentarem desconstruir representações do feminino nos discursos eclesiais. O risco do bordado já existe. As linhas, as agulhas e as ideias entrarão em tela, quiçá, numa próxima pesquisa.

## FONTES

### Fontes impressas

CNBB. **Diretório Nacional de Catequese**. Indaiatuba, SP: Paulinas, 2005.

CONFERÊNCIA do Episcopado Latino. **Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

DIOCESE DE UBERLÂNDIA. **Escola de formação catequética**: semeando em terra fértil. Uberlândia: Pastoral Catequética, s./d..

GEBARA, Ivone. **O que é Teologia Feminista**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

JOÃO PAULO II. **A mãe do redentor “Redemptoris Mater”**. 4 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Editora Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. [1988]. **A dignidade e a vocação da mulher “Mulieris dignitatem”**. 6 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Homem e mulher os criou**: catequese sobre o amor humano. Bauru, SP: EDUSC, 2005b.

\_\_\_\_\_. [1981]. **A missão da família cristã no mundo de hoje “Familiales Consortio”**. 23 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 2010a.

\_\_\_\_\_. [1994]. **Carta às famílias**. 8 ed. Paulo: Edições Paulinas, 2010b.

MIGUEL JR., Flávio Jorge. **Manual do Catequista**. 1 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MOURA, José Alberto. **Diretrizes para a Catequese**. Uberlândia: Diocese de Uberlândia, 2002.

O VAGALUME. **Se destruirmos a família, destruiremos a sociedade**. Uberlândia, jun. 2012a.

\_\_\_\_\_. **A feliz experiência da maternidade e da paternidade**. Uberlândia, nov. 2012b.

\_\_\_\_\_. **Um hino do amor**. Uberlândia, out. 2012c.



\_\_\_\_\_. **Sou um presente de Deus.** Uberlândia, jan. 2012d.

\_\_\_\_\_. **Mães:** as maiores intercessoras junto a Jesus. Uberlândia, fev. 2013a.

\_\_\_\_\_. **O ano da fé.** Uberlândia, nov. 2013b.

### Fontes eletrônicas

CNBB. [1990]. **Mulher e homem imagem de Deus.** Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/campanhas/fraternidade/2173-historico-das-cfs>>. Acesso em: 20 set. 2013.

\_\_\_\_\_. [1994]. **A Família, como vai?** Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/site/campanhas/fraternidade/2173-historico-das-cfs>>. Acesso em: 20 set. 2013.

DIÁLOGO CONJUGAL. [2003]. **Objetivo do movimento do Diálogo Conjugal.** Disponível em: <<http://dialogoconjugal.com.br/?pg=conteudo&idmenu=219>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

GEBARA, Ivone. **Uma clara opção pelos direitos das mulheres.** [25 jul. 2012]. Entrevistadora: Mariana Carbajal. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511796-uma-clara-opcao-pelos-direitos-das-mulheres-entrevista-com-ivone-gebara>>. Acesso em: 31 mai. 2014.

JOÃO PAULO II. **Carta às mulheres.** Vaticano, 1995. Disponível em: <[www.vatican.va](http://www.vatican.va)>. Acesso em: 15 jun. 2013.

## Referências

ABUD, Cristiane de Castro Ramos. **Corpo e(m) imagens na História: questões sobre as mulheres católicas do presente**. 2008. 158 f. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) – Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, Florianópolis, 2008.

ALBUQUERQUE, Janice Marie Smrekar. A mulher na Igreja da América Latina depois do Concílio Vaticano II. **Revista Eletrônica em Ciências da Religião**, a. 1, n. 2, p. 53-77, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs-2.3.4/index.php/paralellus>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. O tecelão dos tempos: o historiador como artesão das temporalidades. **Revista Eletrônica Boletim do Tempo**, Rio de Janeiro, a. 4, v. 19, p. 1-13, 2009.

ALCÂNTARA, Dalmi Alves. **O catecismo da Igreja Católica e a construção sócio-cultural da concepção de mulher**. 2002. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 4 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos).

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica**. São Paulo: Paulinas, 1986.

AZEVEDO, Dermi. A Igreja Católica e seu papel político no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-120, set./dez. 2004.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Enciclopédia Einaudi (Antrhopos-Homem)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. 5 v. p.296-332.

BADINTER. Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Gênese e estrutura do campo religioso. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectivas, 1987. p. 27-78.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola. et al. **Brasil e EUA: religião e identidade nacional**. Traduzido por Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 27-58.

BUTLER, Judith P. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias de sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. *Sujeitos do sexo/gênero/desejo*. In: BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 15-60.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os baluartes da tradição: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II**. Curitiba: Editora CRV, 2011.

COMBLIN, José. **Um novo amanhecer da Igreja?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

CONCEIÇÃO. Antônio Carlos Lima da. *Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, n. 8, v. 24, p. 738-757, dez. 2009.

CORNWELL, John. **A face oculta do Pontificado de João Paulo II**. Rio de Janeiro: Editora Imago, 2005.

CUNHA. Antônio Afonso da. **Nossos pais nos contaram: história da Igreja em Uberlândia, 1818-1989**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1989.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália**. São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

FARIA, Suely Pereira de. **Corpo e religião**. 2004. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Traduzido por Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 5 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Sujeito e o poder*. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

GEREMEK, Bronislaw. Igreja. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. p. 161-214. 12 v.

GIBELLINI, Rosino. Teologia feminista. In: GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 415-446.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História e gênero**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HOBBSBAWM, Eric J. O século: vista aérea. In: HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995a. p. 11-26.

\_\_\_\_\_. Revolução social. In: HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995b. p. 282-313.

\_\_\_\_\_. Revolução cultural. In: HOBBSBAWM, Eric J. **Era dos Extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995c. p. 314-336.

\_\_\_\_\_. **Era dos extremos**: o breve século XX 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995d.

JACOB, Cesar Romero. et al. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil**. Rio de Janeiro: PUC e Loyola et., 2003. p. 9-11.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p. 17-41.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003. p. 419-476.

LIMA, Leandro Silva. “**Sorria, você está sendo filmado!**”: vigilância e controle da sociabilidade no “centro” da cidade – Uberlândia 2008-2011. 2014. 117 f. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **História e perspectivas**, Uberlândia, p. 37-78, jan./jun. 1991.

MARGOLINER, Jonnathan Monteiro. **A encíclica mater et magistra (1961) como leitura de uma época**: o século XX e as questões sociais. 2009. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

MARTELLI, Stefano. Marx, Engels e os neo-marxistas: a alienação religiosa como produto da sociedade capitalista. In: MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 41-58.

MATA, Sérgio da. **História e religião**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MULLET, Michael. **A contrarreforma**. Lisboa: Gradiva, 1984.

NERI, Marcelo Côrtes. **Novo mapa das religiões**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas; Centro Políticas Sociais, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

\_\_\_\_\_. Mudanças epistemológicas: a entrada em cena de um novo olhar. **História e História Cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 39-62.

PRANDI, Carlo. Tradições. **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997. p. 166-197. 36 v.

RIBEIRO, Zilda Fernandes. **A mulher e seu corpo**: magistério eclesiástico e renovação da ética. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1998.

RODRIGUES, Ana Livia Vieira. **Vozes divergentes sobre o sacerdócio de mulheres na igreja católica – (1978-2005)**. 2007. 151 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – reforma. **Temporalidades**, v. 2, p. 24-33, ago./dez. 2010.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 15, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992. p. 63-96.

SEMEN, Yves. **A sexualidade segundo João Paulo II**. 1 ed. Lisboa: Princípia, 2004.

SOUZA, Sandra Duarte de. Revista Mandrágora: gênero e religião nos estudos feministas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, p. 122-130, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. (Org.). Introdução. In: SOUZA, Sandra Duarte de. **Gênero e religião no Brasil: ensaios feministas**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p. 7-10.

\_\_\_\_\_. Trânsito religioso e reinvenções femininas do sagrado na modernidade. **Revista Theologando – Teologia Feminina Gênero e Estudos Feministas**, São Paulo, n. 1, a. 1, p. 7-14, 2007.

\_\_\_\_\_. A relação entre religião e gênero como um desafio para a sociologia da religião. **Caminhos**, Goiânia, v. 6, n. 1, p. 13-32, jan./jun. 2008.

SOUZA, Sandra Duarte de; LEMOS, Carolina Teles. **A Casa, as mulheres e a Igreja: relação de Gênero e Religião no contexto familiar**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005.

## ANEXO A – FOLDER DA ESCOLA CATEQUÉTICA


**Escola de Formação Catequética**

Como elemento constitutivo da Igreja, a Catequese deve merecer, por parte de todos, o maior empenho, os melhores agentes e recursos. Ela faz parte da própria missão da Igreja, gerar e educar na fé seus membros, segundo o próprio mandato de Jesus: "Ide por todo mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura" (MC 16,15).

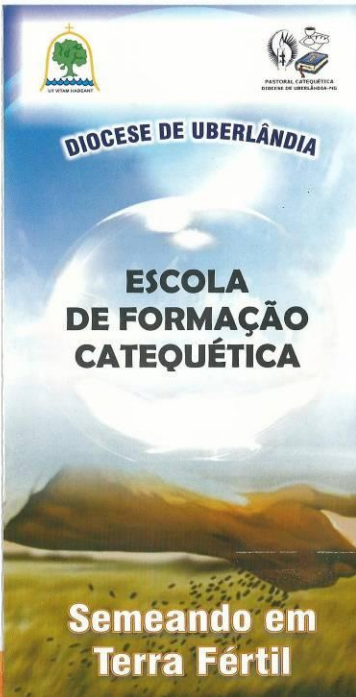
A catequese é uma tarefa indispensável da missão evangelizadora da Igreja. Busca despertar a fé inicial, possibilitando aos fiéis, firmeza e coerência nas atitudes de vida cristã, para assim alcançarem a plena adesão pessoal a Jesus Cristo na comunidade cristã. É sua função possibilitar de forma sistemática e progressiva o conteúdo da fé, cultivar os valores humanos e cristãos adequados ao desenvolvimento do Reino (Cf. CNBB - Estudos 80, Com adultos, catequese adulta, Apresentação, p. 7).

Em nossa realidade diocesana, é urgente a necessidade de se investir na formação de catequistas para uma catequese renovada, evangelizadora, mistagógica e missionária. Esta formação proporcionará reflexão sobre as orientações básicas da Catequese e seus aspectos metodológicos, à luz das orientações da Igreja, particularmente do Diretório Nacional de Catequese, Estudo de Iniciação a Vida Cristã, Documento de Aparecida, Diretrizes Gerais da CNBB e Assembléia Diocesana de Pastoral.

Escola de Formação Catequética



**Diocese de Uberlândia**  
Praça Nossa Senhora Aparecida, 130  
Bairro Aparecida  
Fone: (34) 3235-0144 - Fax: (34) 3213-6310  
Caixa Postal 799 - Cep. 38400-974



**Escola De Formação Catequética**

**Justificativa**

A formação dos catequistas é, indiscutivelmente, uma ação constante na Igreja, pois a catequese é fundamental em sua vida e em sua missão. Segundo o Diretório Geral para a Catequese (DGC), a missão evangelizadora da Igreja se realiza em três etapas:

- Ação Missionária: faz o primeiro anúncio de Jesus Cristo (querigma);
- Ação Catequética: educa e aprofunda a fé dos que já aderiram a Jesus Cristo e querem ingressar na comunidade;
- Ação Pastoral, para as pessoas que, tendo sido iniciadas na fé, transformam-na em obras, em serviço aos irmãos e à comunidade (cf DGC 49).

É sua função possibilitar de forma sistemática e progressiva o conteúdo da fé, cultivar os valores humanos e cristãos adequados ao desenvolvimento do Reino (Cf. CNBB - Estudos 80, Com adultos, catequese adulta, Apresentação, p. 7).

**Objetivos**

- Formar e preparar catequistas protagonistas na prática de evangelização nas suas Comunidades seguindo orientações da Igreja e documentos da CNBB.
- Preparar agentes leigos/as e religiosos/as capazes de acompanhar adultos, jovens e crianças no seu itinerário de fé e de animar a ação catequética em todos os níveis, oferecendo orientações e conteúdos básicos necessários ao desempenho eficaz da ação catequética.

**Destinatários**

**Requisitos para inscrição**

- Ser participante na Comunidade
- Ter idade mínima de 18 anos
- Ser apresentado pelo Coordenador e pelo Pároco.

**Duração**

4 módulos semestrais, num total de 120 horas, durante 02 anos.

**I- METODOLOGIA CATEQUÉTICA.**

**II- BÍBLIA NA CATEQUESE**

**III- CATEQUESE E FAMÍLIA**

**IV- INICIAÇÃO A VIDA CRISTÃ**

**Inscrição**

- Preencher a ficha com o coordenador Paroquial.
- A inscrição será feita por módulo (renovada a cada semestre)

**Metodologia**

Estudos em forma de exposições, debates e dinâmicas.

**Certificado**

Ao final do 4.º Módulo, o cursista que obtiver 75% ou mais de frequência receberá certificado com o currículo.

**Local**

O curso será ministrado na ESCOLA MUNICIPAL PROFESSOR OTÁVIO BATISTA COELHO FILHO (Universidade da Criança).

Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO B – REVISTA O VAGALUME – FEVEREIRO DE 2013

VIDA EM FAMÍLIA

DIÁLOGO CONJUGAL



9

REVISTA O VAGALUME



Mães

as maiores intercessoras junto a Jesus

**Família unida no amor e na fé.**


**E** verdade! No seio da família, tem início todo o processo formativo do ser humano. A família sempre foi considerada a primeira escola de fé e dos valores humanos e cristãos. E em nosso lar, não foi diferente. Aprendemos, com nossos pais, a rezar as primeiras orações. Hoje, casados há quase 34 anos, temos duas filhas, dois genros e um netinho (Luiz Ricardo), bênção de DEUS em nossas vidas. Nos eventos familiares, sempre reservamos um momento para as orações. Firmamos também um propósito de rezar juntos todas as noites, estejamos onde estivermos. A oração – principalmente em família – é um momento sagrado! Como nos disse Jesus, “onde dois, três ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei ali no meio deles.” (Mateus 18, 20). Vivenciando que a família é a base de tudo, fiz uma música que retrata minha família e de muitos que comungam destes mesmos ideais.

“Família, sacramento do amor e da vida”

**“Da minha Janela”** (Luizinho Dutra/Dermes).

Da minha janela / Contemplo o crepúsculo / Que anuncia o anoitecer  
 Fecho os olhos / Faço uma prece / Antes de deitar e adormecer  
 Vem à madrugada / Ouço a passara / Que já festeja o alvorecer  
 Ao me despertar / O sol contemplar / Agradeço à DEUS o novo amanhecer  
 Então me levanto / Feliz me ajeito / E vou a cozinha tomar o café  
 Um beijo na esposa / Um abraço nos filhos / Família unida no amor e na fé  
 E com alegria / Vencer mais um dia / Encaro o trabalho venha o que vier  
 De volta ao lar / Como é bom amar / To de bem com a vida como ela é  
 De volta ao lar / Como é bom amar / Família unida no amor e na fé.

Luiz Humberto e Sormali  
 Equipe de comunicação – 2013

**exemplo de Santa Mônica, que orou e conseguiu a conversão de seu filho Santo Agostinho fortalece as mães em oração. E neste ano da fé, vamos conhecer um pouco a história desta grande santa, que nos provou com sua vida que realmente **“tudo pode ser mudado pela força da oração.”**** Santa Mônica nasceu no norte da África, em Tagaste, em 27 de agosto do ano 332, numa família cristã que lhe entregou – segundo o costume da época e local – como esposa de um jovem chamado Patricio. O caráter rude e violento do marido era para a esposa uma fonte de sofrimentos e provações. Mas Mônica sofreu tudo com paciência e mansidão, não respondendo a Patricio, senão por obras de uma caridade sem limites e pela oração.

Como cristã exemplar, Mônica preocupava-se com a conversão de sua família. Por isso, rezou muito pelo esposo violento e pagão e, principalmente, pelo filho mais velho, Agostinho, que vivia nos vícios e pecado. A história nos testemunha as inúmeras preces, ultrajes e sofrimentos pelos quais Santa Mônica passou para ver a conversão e o batismo, tanto de seu esposo, quanto daquele que lhe mereceu o conselho de um bispo: “Continue a rezar, pois é impossível que se perca um filho de tantas lágrimas”.

Aos dezessete anos, Agostinho perdeu o pai. A fim de continuar os estudos, dirigiu-se para Cartago, onde começou a conhecer os erros da seita dos Maniqueus, à qual pertencia, e a experimentar nojo dos seus vícios. De Cartago, dirigiu-se para Roma e de lá para Milão, onde Santo Ambrósio era Bispo. Agostinho começou a escutá-lo com profundo carinho e a mudar suas ideias, entusiasmando-se pela fé católica. **No ano 387, Agostinho, ao ler umas frases de São Paulo, sentiu uma impressão extraordinária e se propôs a mudar de vida:** deixou seus vícios e maus costumes. Instruiu-se na religião e na festa da Páscoa da Ressurreição, quis ser batizado.

Mãe fervorosa e fiel, Mônica nunca deixou de interceder com amor e ardor, durante 33 anos. E, antes de morrer, em 387, ela mesma disse ao filho, já convertido e cristão: “Uma única coisa me fazia desejar viver ainda um pouco: ver-te cristão católico antes de morrer”. Pouco depois, invadiu-lhe uma febre e, em alguns dias, agravou-se e morreu, aos 56 anos. Mônica foi canonizada por ter sido a “responsável pela conversão de seu filho”.

A respeito de Santa Mônica, Santo Agostinho escreveu: **“Ela me gerou, seja na sua carne, para que eu viesse à luz do tempo, seja com o seu coração, para que eu nascesse à luz da eternidade”.**

Santa Mônica, rogai por nós!

Denilson e Cristina Equipe de Comunicação 2013

**ADVOCACIA**  
**MANOS**  
Assessoria Jurídica  
 Cláudio de Almeida Alves

**ORTO**  
**MOREIRA**  
Clínica de Odontologia  
 PABX (34) 3235-0606  
 3236-2849

**SELF SERVICE**  
 Marmita e Marmitta  
 Fone: (34) 3224-1108

**GIRO**  
**MOTO**


Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO C – REVISTA O VAGALUME – NOVEMBRO DE 2013

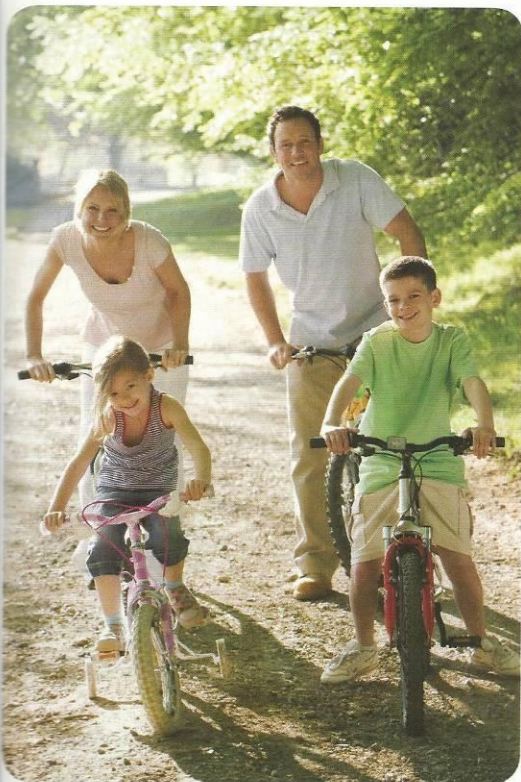
VIDA EM  
FAMÍLIA

DIÁLOGO CONJUGAL

9 REVISTA  
O VAGALUME


# O Ano da fé

*“...uma profunda crise de fé atingiu muitas pessoas. (...) À luz de tudo isto, decidi proclamar um Ano da Fé. Este terá início a 11 de outubro de 2012, no cinquentenário da abertura do Concílio Vaticano II, e terminará na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, a 24 de novembro de 2013. (...) Crer em Jesus Cristo é o caminho para se poder chegar definitivamente à salvação.” (Trecho da “Carta Apostólica Porta Fidei” do Papa Emérito Bento XVI, de outubro de 2011.)*



**H**á cerca de um ano, fiéis e toda a Igreja têm tido a oportunidade de refletir mais sobre a fé católica, valorizando-a, conhecendo seu conteúdo e vivendo-a mais intensamente.

Muitas vezes presenciamos um mundo estranho e até hostil à fé. Mas é importante lembrarmos que as famílias cristãs são de importância primordial para transmissão da fé cristã católica. O lar cristão é o lugar em que os filhos recebem o primeiro anúncio da fé; é a “Igreja doméstica” denominada pelo Concílio Vaticano II. É no seio da família que os pais são para os filhos, pela palavra e pelo exemplo, os primeiros mestres da fé. Sabemos que o lar é a primeira escola do mundo e da vida cristã. É no contexto da família que são transmitidos (ou deixam de ser transmitidos) os valores que marcam a vida das pessoas.

O casamento, constituição da família, é também uma proposta de fé. Na celebração do casamento religioso, os noivos assumem um compromisso de fé diante de Deus para educarem seus filhos no caminho da lei de Cristo e da Igreja, fazendo disto sua missão de pais católicos, não faltando a oração em família. Também fazem parte dessa missão dos pais católicos a busca do Batismo para os filhos, o ensinamento das primeiras atitudes e gestos cristãos, o aprendizado das primeiras orações, a introdução na comunidade da Igreja. Porém, o fator decisivo na educação é o exemplo dos próprios pais, pois os filhos aprendem vendo. A vivência do amor, da justiça e da solidariedade nasce na família para, depois, se expandir para toda uma sociedade.

Estando próximos do término do Ano da fé, lembremos o esforço atual da Igreja em promover uma “nova evangelização”. E evangelizar é o papel fundamental dos pais e da família cristã. Há uma necessidade urgente de revitalizar a família através da santificação do amor conjugal e da convivência ao lado dos filhos. O amor exige renovação constante através do diálogo entre os membros da família. Segundo o Catecismo da Igreja Católica, “a família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. (cf. n. 2205).

Romulo e Maria Rosalina – 99º DC  
Samuel e Divina – 79º DC



Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO D – REVISTA O VAGALUME – JUNHO DE 2012



DIÁLOGO CONJUGAL

FAMÍLIA EM FOCO

## FAMÍLIA, MUITO MAIS QUE UM CONJUNTO DE PESSOAS

A família é muito mais do que um simples grupo de pessoas, unidas de qualquer jeito e vivendo juntas na mesma casa. É muito mais do que isso, ela é a "célula mãe" da humanidade. Quando Deus quis que a humanidade existisse, a projetou baseada na família; por isso ela é sagrada. Não foi um Papa, um Bispo ou um Cardeal que a instituiu, mas o próprio Deus, para que ela fosse o berço e o escudo de proteção da vida humana na terra. O Papa João Paulo II, na "Carta às Famílias", chamou a família de "Santuário da vida" (CF, 11). Santuário quer dizer "lugar sagrado". É ali que a vida humana surge como de uma nascente sagrada e é cultivada e formada. É missão sagrada da família guardar, revelar e comunicar ao mundo o amor e a vida.

Como é doloroso perceber hoje que muitos jovens, nascidos em famílias católicas, já não valorizam mais esse sacramento e acham, por ignorância religiosa, que já não é importante

subir ao altar para começar uma família! "A família é a comunidade na qual, desde a infância, se podem assimilar os valores morais, em que se pode começar a honrar a Deus e a usar corretamente da liberdade. A vida em família é iniciação para



a vida em sociedade" (CIC §2207). Ela é a "íntima comunidade de vida e de amor" (GS, 48).

Toda essa reflexão nos leva a concluir que cada homem e cada mulher que deixam o pai e a mãe para se unirem em matrimônio e constituir uma nova família, não podem fazer isso levemente, mas devem fazê-

lo somente por um autêntico amor, que não é uma entrega passageira, mas uma doação definitiva, absoluta, total, fiel, madura, responsável, até a morte... Se destruímos a família, destruímos a sociedade. Por isso, é fácil perceber cada vez mais claramente, que os sofrimentos das crianças, dos jovens, dos adultos e dos velhos, têm a sua razão na destruição dos lares.

Cabe aqui uma pergunta: Como será possível, num contexto de grande imoralidade de hoje, insegurança, ausência de pai ou mãe, garantir aos filhos as bases de uma personalidade firme e equilibrada, e uma vida digna, com esperança?

Para responder bem a essa pergunta basta lembrar que o Filho de Deus, quando desceu do céu para salvar o homem, ao assumir a natureza humana, quis nascer em uma família.

Fonte: Prof. Felipe Aquino

Paulo e Eliane  
Equipe de Comunicação



Filme **A ÚLTIMA MÚSICA**  
acontecerá no dia 21/06 às 19:30h.  
Local: Santuário N. S. Aparecida  
**ENTRADA FRANCA**



## VOCÊ PRECISA DE ORAÇÃO?

Se você precisa de oração ou de fazer algum pedido, a EQUIPE DE INTERCESSÃO do Diálogo Conjugal, orando a Deus intercede em prol do outro cristão, pleiteando a sua causa. Façam seus pedidos enviando um e-mail para: [intercessao@dialogoconjugal.com.br](mailto:intercessao@dialogoconjugal.com.br)

A Equipe da Pastoral Vocacional convida a toda comunidade para participar da Missa das Vocações. Esta missa acontece toda 1ª quarta-feira às 19:00hs no Santuário Nossa Senhora Aparecida.

Qualidade de Vida  
e Valorização HumanaEQUIPE RESTAURADORA  
DA FAMÍLIA

Você que necessita de ajuda por falta de diálogo, vícios, depressão, separação conjugal, educação dos filhos, tempo para a família, formação religiosa, alcoolismo, perda de ente querido, etc. conte conosco. Estamos à sua disposição para ajudá-lo a restaurar sua família. Entre em contato com a nossa equipe: **José Alvino e Maria Angélica** 34 3211-9009 / 34 9136-2083 e **Osmar e Sônia** – 34 3232-9196 / 34 9203-3754 / 34 9678-9196

O SANTUÁRIO  
NOSSA SENHORA  
APARECIDA

convida:

**Adoração ao Santíssimo Sacramento**  
**Dia 14 de Junho 2012**  
**Após a Missa das 19:00hs**  
**Contamos com a presença de todos**

Equipe Adoração ao Santíssimo

## ESTILO AR

Completa linha de peças para ar condicionado de veículos nacionais, importados e máquinas agrícolas.

(34) 3293-8000  
Av. Engenheiro Diniz, 848  
B. Martins - Uberlândia/MG  
[estiloar@estiloar.com.br](mailto:estiloar@estiloar.com.br) - [www.estiloar.com.br](http://www.estiloar.com.br)

GRANDE HOTEL  
UNIVERSO PALACE

Rua Duque de Caxias, 314 - Centro  
Uberlândia-MG - CEP 38400-142  
Fone: (34) 3214-2400 - Fax: (34) 3214-2726  
[www.hoteluniverso.com.br](http://www.hoteluniverso.com.br)  
E-mail: [hotel@hoteluniverso.com.br](mailto:hotel@hoteluniverso.com.br)

Diney  
Comida Caseira

Desde 1966

Peças e Acessórios para:  
ÁUDIO, VÍDEO, INFORMÁTICA - TELEFONIA  
DARY - (34) 3214-5222



LOJA I - PABX: 3228-2100  
Av. Cesário Crozara, 3855

VAGUINHO  
Palestrante:

"Transformando conhecimentos em projetos"

Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO E – REVISTA O VAGALUME – NOVEMBRO DE 2012



DIÁLOGO CONJUGAL

FAMÍLIA EM FOCO

## A FELIZ EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE E DA PATERNIDADE

Após 9 anos de amizade e namoro, tempo no qual procuramos sempre nos conhecer, buscando afinidades e aprendendo com nossas diferenças, resolvemos nos casar.

Em um lindo dia, 12/06/2009, unimos então as nossas vidas para juntos construirmos a nossa família, que crescerá com a graça e o amor de Deus.

A alegria do sacramento do matrimônio preenchia todos os dias a nossa vida; vida essa que agora era então compartilhada e moldada em meio a afeições e diferenças. Sempre tínhamos no coração que a família é o sonho de Deus e que queríamos então que esse sonho se realizasse dentro da nossa casa.

Após a semana do dia dos pais em 2011, descobrimos então que estávamos "grávidos", imensa foi a nossa alegria e a nossa emoção. Como foi prazeroso partilhar essa notícia com nossos pais, irmãos e amigos. Agora sim seríamos uma família.

Com o passar das semanas íamos nos deslumbrando com as novidades e nos adaptando àquele momento mágico que estávamos vivendo. Cada momento era único, mas a emoção de ouvir aquele acelerado coraçãozinho pela 1ª vez deixou em nós uma alegria estonteante.

Muitas são as mudanças que acontecem na vida de um casal, mudanças boas que fazem de nós, ao mesmo tempo, pessoas maduras. Às vezes ficamos tão "bobos" diante de algumas situações como quando aquele "serzinho" se meche dentro de nós, ora tão suave ora tão estremecedor.

A cada ultrassom uma novidade, uma alegria que às vezes nem acreditávamos que estávamos vivendo aquele momento tão maravilhoso.

Quando completamos o 4º mês de gestação,

fizemos um ultrassom em 4D. Vimos com tanta nitidez o nosso bebezinho que se mexia bastante e então descobrimos que seríamos pais de uma menina, a nossa princesa, que desde então passamos a chamá-la Maria Luiza.

Como é grande a responsabilidade de nos tornarmos pais, porém a imensa alegria abafa qualquer dúvida ou medo.

Nossa pequena nasceu no dia 15/04/2012, dia em que a Igreja celebrava a Santíssima Trindade.



Nunca se apagará de nossas memórias a emoção de ver aquele pequeno rostinho pela 1ª vez.

Com quase 6 meses, Maria Luiza é a luz dos nossos olhos, seu lindo sorriso, seu jeitinho de acordar nos procurando, sua alegria ao tomar banho. Com certeza, faz nossos dias mais felizes. Nos preparamos muito para a sua chegada, mas costumamos dizer que o

1º mês foi bem difícil. Um grande desafio de aprender a cuidar daquela criaturinha que Deus deixou na nossa responsabilidade.

São momentos tão bons, uma alegria tão imensa que já esquecemos as noites sem dormir, as dores de barriga e os apertos que passamos aprendendo.

Ser mãe e ser pai é sem dúvida, a melhor coisa do mundo, é uma dádiva de Deus. É prova do amor onde Deus nos deixa participar da criação da vida. Com certeza, pela nossa vontade, e se assim for da vontade de Deus, Maria Luiza terá irmãozinho, porque nada se compara à felicidade de viver a graça de se ter uma família

Renato e Kellen

Francis e Fernanda  
Equipe de Comunicação

A Equipe da Pastoral Vocacional  
convida a toda comunidade para  
participar da Missa das Vocações.  
Esta missa acontece toda  
1ª quarta-feira às 19:00hs  
no Santuário Nossa Senhora Aparecida.

**DK MAGAZINE**  
HOMEM . MULHER  
Moda atual no melhor estilo!  
Fone: (34) 3222-4848  
E-mail: cucasdk@centershop.com.br  
Av. Brasil, 2717 - B. Brasil - Uberlândia - MG

**Ed Lúcio Rocha**  
Arquiteto e Construtor  
(34) 9991-0392 / 9176-8009  
edlucio.dg@hotmail.com

**LIVRARIA**  
**N. SRª. APARECIDA**  
O Seu Shopping da Fé  
Av. Afonso Pena, 1825 **3232-4167**  
"Ide por todo o Mundo e Evangelizai"  
**Príncipe da Paz**  
365 dias a serviço da evangelização  
(34) 3232-8900  
Av. Afonso Pena, 1835 TELEFAX: (34) 3212-2961

**RÁDIO PEÇAS** Desde 1966  
**UBERLÂNDIA**  
Peças e Acessórios para:  
ÁUDIO, VÍDEO, INFORMÁTICA - TELEFONIA  
**PABX: (34) 3211-5986**  
Av. Brasil, 1858 - B. Aparecida - CEP: 38400-715 - Uberlândia-MG  
www.radiopecas.com.br - E-mail: cecilia@radiopecas.com.br

**SUPERMERCADO**  
**LEAL**  
**LOJA I - PABX: 3228-2100**  
Av. Cesário Crozara, 3855  
B. Presidente Roosevelt  
**LOJA II - PABX: 3213-5707**  
Av. Noruega, 180 - B. Tibery

**ESTILO AR**  
Completa linha de peças para  
ar condicionado de veículos nacionais,  
importados e máquinas agrícolas.  
(34) 3293-8000  
Av. Engenheiro Diniz, 848

**RC CAÇAMBAS**  
VENDA DE AREIA,  
BRITA E TERRA,  
LIMPEZA, ATERRO  
E CORTE DE LOTES.  
**3213-9331** Fax: 3212-0528

**Diney**  
**Comida Caseira**  
Rua Feliciano de Moraes, nº 16

**Vereador**  
**Vilmar**  
**Resende**  
(034) 3239 1164

Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO F – REVISTA O VAGALUME – OUTUBRO DE 2012



## DIÁLOGO CONJUGAL

## FAMÍLIA EM FOCO

### UM HINO AO AMOR

José Carlos e Alice Pacheco. Um congregado mariano e uma filha de Maria.

Namoramos, nos casamos e sempre participamos no Santuário Nossa Senhora Aparecida. Temos seis filhos e onze netos. Sempre encaramos o casamento como um compromisso sério e a união conjugal como indissolúvel. Mas nunca pensamos que a indissolubilidade fosse algo pronto e acabado, como fruto de uma promessa aos pés do altar. Encaramos sim, como um dom de Deus a ser cultivado no dia-a-dia. Por isso sempre procuramos, em meio às lutas da vida, cultivar o amor que nos une, por meio de gestos e palavras de carinho. Achamos que um pouco de romantismo ajuda muito o casal a enfrentar as dificuldades de relacionamento muito comuns na vida a dois. Para nós tem dado certo e já estamos completando 49 anos de casamento e 54 anos de namoro, datas que sempre comemoramos de alguma maneira. Por exemplo, tivemos a inspiração numa das datas de aniversário de namoro para escrever um soneto, que exprime a realidade da nossa história de amor:

*José Carlos e Alice 13º Diálogo Conjugal*



### UM HINO AO AMOR (JOSÉ CARLOS PACHECO)

Naquela noite junina,  
Ao redor de uma fogueira,  
Aquele emoção primeira  
Que até hoje nos fascina  
É uma dádiva divina  
Que "aqui dentro" dura inteira.  
Não foi coisa passageira  
Que mal começa e termina  
Afeição tão pura e fina  
Penetra tão sorrateira...  
Permanece a vida inteira  
Sustentando a feliz sina  
De um amor que se destina  
A aquecer-nos, qual lareira.

Sandro e Andréa  
Equipe de Comunicação



### 2ª GALINHADA

**14/10/2012**  
das 11:30h às 14:00h  
Local: «SALÃO JUBILEU»  
Santuário Nossa Senhora Aparecida

**DO DIÁLOGO CONJUGAL**

VALOR R\$ 8,00

CONTATOS:  
Zezinho 9138-1901  
Ronaldo 9666-1661  
Eleusa 9922-9373

### SER DIZIMISTA É UMA QUESTÃO DE FÉ

Dizimo é uma partilha que vence o egoísmo. Contribuir é abrir o coração e a vida, partilhando o que se tem, mesmo quando se tem pouco. Só quem é generoso contribui. O egoísta não sabe ser grato e nem conhece o valor e a alegria da partilha.

Com o dizimo, podemos ajudar a Igreja a cumprir sua missão. Quem oferta com consciência e fé, torna-se evangelizador, mesmo que não possa ou não saiba anunciar a palavra de Deus, pois o próprio ato de contribuir já é um ato de evangelização.

**SEJA UM DIZIMISTA, INSCREVA-SE NESTE SANTUÁRIO!**

Informações nos plantões da equipe nos finais de semana nas missas ou pelos telefones: (34)3236-0468/3231-9328.



**GRANDE HOTEL  
UNIVERSO PALACE**

Rua Duque de Caxias, 314 - Centro  
Uberlândia-MG - CEP 38400-142  
Fone: (34) 3214-2400 - Fax: (34) 3214-2726



**ESTILO AR**

Completa linha de peças para ar condicionado de veículos nacionais, importados e máquinas agrícolas.

(34) 3293-8000

Av. Engenheiro Diniz, 848



**RC CAÇAMBAS**

VENDA DE ÁREA, BRITA E TERRA, LIMPEZA, ATERRIO E CORTE DE LOTES.

3213-9331 Fax: 3212-0528



**Diney  
Comida Caseira**

Rua Feliciano de Moraes, nº 16

**A Equipe da Pastoral Vocacional**  
convida a toda comunidade para  
participar da Missa das Vocações.  
Esta missa acontece toda  
1ª quarta-feira às 19:00hs  
no Santuário Nossa Senhora Aparecida.



**Ed Lúcio Rocha**  
Arquitetura & Construção  
(34) 9991-0392 / 9176-6009  
edlucio.dlr@hotmail.com

**LIVRARIA  
N. SRª. APARECIDA**  
O Seu Shopping da Fé

Av. Afonso Pena, 1825 **3232-4167**  
"Ide por todo o Mundo e Evangelizai"  
*Príncipe da Paz*  
365 dias a serviço da evangelização  
Av. Afonso Pena, 1835 TELEFAX: (34) 3232-8900  
(34) 3212-2961



**RÁDIO PEÇAS  
UBERLÂNDIA**

Desde 1966

Peças e Acessórios para:  
ÁUDIO, VÍDEO INFORMÁTICA - TELEFONIA

**PABX: (34) 3211-5986**

Av. Brasil, 1858 - B. Aparecida - CEP: 38400-715 - Uberlândia-MG  
www.radiopecas.com.br - E-mail: cecilia@radiopecas.com.br



**SUPERMERCADO  
LEÃO**

**LOJA I - PABX: 3228-2100**  
Av. Cesário Crozara, 3855  
B. Presidente Roosevelt

**LOJA II - PABX: 3213-5707**  
Av. Noruega, 180 - B. Tibery



**Advogados**

**Rose Mary**  
OAB/MG 61337  
9972-1730

**Jânio Pereira**  
OAB/MG 71628  
9997-1730 / 9190-3310

Av. Mato Grosso, 1233/1237 - B. NSª Aparecida  
Uberlândia/MG

Fonte: Arquivo da autora.



## ANEXO G – REVISTA O VAGALUME – JANEIRO DE 2012



**DIÁLOGO CONJUGAL**

**FAMÍLIA EM FOCO**

## Sou um presente de Deus!

Desde a época do nosso namoro, eu, Cidinha descobri que trazia problemas na ovulação. A partir de então, passamos a orar mais nesta intenção e buscar todos os tratamentos que a medicina poderia nos oferecer e a Mãe Igreja aprovasse e abençoasse. Contudo os fatos e os diagnósticos médicos (foram aproximadamente nove profissionais) confirmaram que eu sofria de "falência ovariana", ou seja, o ovário deixa de produzir folículos e então todos os tratamentos que fiz não deram resultado positivo. Por outro lado, como somos missionários da Comunidade Canção Nova, percebemos que somos chamados a exercer esta fecundidade de pai e mãe na vida comunitária. Sempre insisti com Deus porque como a maioria as mulheres eu também trazia, a linda expectativa de gerar, de sentir uma criança "crescendo" dentro de mim. Foi um tempo muito doloroso de acolher a "triste" realidade por não poder concretizar este sonho. Foi preciso que eu e meu esposo conversássemos muito. Passamos ainda pelos momentos em que ora eu me abria para a possibilidade de adoção, ora eu me fechava e ele se abria e vice-versa. Na prática Deus já intervi-

nha permitindo que outros casais que haviam adotado nos visitassem e partilhassem suas lindas experiências. Não procurávamos essas pessoas, elas surgiam em nossas vidas. Pedimos para muitos irmãos, sacerdotes e autoridades de nossa comunidade oração e orientação. Deus sempre esteve no controle de todas as coisas. A contribuição de nossas famílias também foi muito importante neste contexto. Quando, no tempo certo, formalizamos nosso pedido para adoção ao Conselho de nossa Comunidade e tendo sido aprovado por eles, então nos cadastramos na Vara da Infância na comarca onde morávamos e exatamente 10 meses depois eu recebi o telefonema da assistente social com a feliz notícia do nascimento de nosso filho. Não temos dúvida nenhuma de que ele é nosso lindo "presente de Deus". A mãe biológica foi um instrumento para gerá-lo para nós. Hoje, Luiz Felipe está com 01 ano e cinco meses, somos uma família completa e Feliz! Deus é Bom!

"O Evangelho mostra que a esterilidade física não é um mal absoluto. Os esposos que, depois de

terem esgotado os recursos legítimos da medicina, sofreram de infertilidade unir-se-ão à Cruz do Senhor, fonte de toda fecundidade espiritual. Podem mostrar sua generosidade adotando crianças desamparadas ou prestando relevantes serviços em favor do próximo." CIC 2379.

*"Dou-vos graças Senhor, porque me ouvístes é que eu canto"*  
(Salmo do nosso casamento)



**Cidinha e Luizinho e Luiz Felipe**




**Thiana e Norival**  
Equipe de Comunicação 2011

**VOCÊ NECESSITA DE ORAÇÃO?**



Se você necessita de oração ou de fazer algum pedido, A Equipe de intercessão 2011 do Diálogo Conjugal se coloca no papel de intercessora, orando a Deus em prol do outro cristão, pleiteando a sua causa. Façam seus pedidos enviando um e-mail para : [intercessao@dialogoconjugal.com.br](mailto:intercessao@dialogoconjugal.com.br)

**VOCÊ QUE TEM PROBLEMAS COM**

falta de diálogo, vícios, depressão, separação conjugal, educação dos filhos, tempo para a família, formação religiosa, alcoolismo, perda de ente querido... e necessita de ajuda, conte conosco. Estamos à sua disposição para ajudá-lo a restaurar sua família. Entre em contato com nossa equipe: Cleuso e Leide: 9979-6699 / 9141-7462 / 3235-0197 - Kleber e Luciene 3215 5681 / 8847 1603/9919 4496.



**Nutre Corppo**

Dra. Débora Pereira de Albuquerque  
Nutricionista Clínica, Consultoria e Dietetista

Débora do Alex - 10ª DC  
(34) 9971-7987  
[nutrecorppo@centroshop.com.br](http://nutrecorppo@centroshop.com.br)  
R. Manoel Serrilha, 1.159 - B. Sta. Mônica



**UNIVERSO PALACE**

Rua Duque de Caxias, 314 - Centro  
Uberlândia-MG - CEP 38400-142  
Fone: (34) 3214-2400 - Fax: (34) 3214-2726  
[www.1010universo.com.br](http://www.1010universo.com.br)  
E-mail: [hotel@1010universo.com.br](mailto:hotel@1010universo.com.br)



**AMÉRICA Viagens**

Sistema de reservas no Brasil e no exterior  
Preparação de pacotes, cruzeiros etc.

34 3216-8855  
[atendimento@americaviagens.com.br](mailto:atendimento@americaviagens.com.br)  
R. Alexandre Marquez, 979 - B. Martins



**imuno**

Pensando na sua saúde e da sua família  
Clínica de Vacinas da Família

Dra. Magda A. Carrijo  
Rua Olegário Maciel, 362  
Uberlândia - MG - Fone: 34 3234 0050

O VAGALUME **7**